UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

JOSÉ FONSECA DA ROCHA FILHO

**No ritmo das águas, na cadência das boiadas. A inserção do
turismo nas fazendas de criação extensiva de gado bovino no
Pantanal de Aquidauana/MS**

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**No ritmo das águas, na cadência das boiadas. A inserção do
turismo nas fazendas de criação extensiva de gado bovino no
Pantanal de Aquidauana/MS**

José Fonseca da Rocha Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de concentração: Geografia Humana.

VERSÃO CORRIGIDA

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Ester Rossini

De acordo:

São Paulo
2010

"Só sabemos com exatidão quando sabemos pouco; à medida que vamos adquirindo conhecimentos, instala-se a dúvida."

(Johann Wolfgang von Goethe)

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu grande amigo pantaneiro,
João Ildefonso Pinheiro Murano.

Agradecimentos

Não poderia iniciar este momento tão importante de outra maneira que não fosse agradecendo uma pessoa muito especial e incansável. Tenho a honra de ser orientando da Profa. Doutora Rosa Ester Rossini a quem devo eterna gratidão. Sou, sem nenhuma dúvida, uma pessoa de muita sorte. Sinto-me privilegiado por poder compartilhar de tanta cultura, sabedoria e conhecimento, que a mim são passados com tamanho empenho, clareza, discernimento, competência e humildade por ela. Foram três anos de aprendizado constante e ininterrupto, não apenas academicamente falando, mas na vida também. Muito obrigado minha querida professora Rosa Ester Rossini.

Agradeço imensamente aos professores que participaram da minha Banca de Qualificação, Professora Doutora Rita de Cássia Ariza da Cruz e Professor Doutor Fabio Betioli Contel. Foi através das colocações muito apropriadas e bem-vindas de ambos que pude, desde então, direcionar de maneira muito mais eficaz, produtiva e acadêmica a minha pesquisa.

Agradeço ao meu mentor, Professor Doutor Medson Janer da Silva, pessoa em quem sempre me espelhei, pela força, pelos exemplos de vida, pelo constante e providencial alto astral e pelo sempre presente otimismo, que tanto me ajudaram naqueles momentos em que a maré parecia correr na direção completamente oposta a que deveria estar seguindo.

À Professora Doutora Maria Laura Silveira, pela sua capacidade indiscutível em transmitir a nós, alunos, de maneira tão competente e didática, todo o conhecimento que possui sobre os profundos e complexos conceitos da Geografia Humana, meus sinceros agradecimentos.

Aos professores da UCDB- Universidade Católica Dom Bosco-MS, Dra. Cleonice Le Bourlegat, Dr. Edgar Aparecido da Costa e Dr. Milton Mariani, e também aos professores da UNIDERP-MS - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Dra. Albana Xavier Nogueira e Dr. Eron Brum, meus agradecimentos por tão bem me receberem e por compartilharem comigo seus conhecimentos.

Agradeço à professora Vanice Assaz, minha orientadora no TCC de Jornalismo na USM e ao amigo e grande fotógrafo Robson Regato, pelas inestimáveis dicas e pelo companheirismo.

Aos colegas do LABOPLAN, agradeço pela constante disponibilidade em dividir seus conhecimentos e pela sempre presente predisposição em ajudar; e também pelos colóquios, palestras e seminários tão bem assessorados pela nossa dinâmica colega Ana Pereira. Agradeço minha colega Aline Santos pelo seu companheirismo, sua paciência, pela constante colaboração e pelo seu providencial e sempre bem vindo bom humor.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão da Bolsa de Mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Obrigado aos meus familiares e amigos, pois, cada um, a sua maneira, sempre se dispôs a ajudar. A minha mãe, obrigado pela força e pelo apoio em todos os momentos; nos fáceis e nos não tão fáceis. Um beijão. Pai, (in memoriam), eu sei que sempre estará torcendo por mim.

Você ia adorar o Pantanal... Se bem que sinto sua presença todas as vezes que vou pra lá. Saudades.

A minha esposa Regina e aos meus filhos Murilo e Marcella, obrigado de coração pelo apoio, pela paciência e pela compreensão quando, por diversas vezes nestes últimos anos, tive de me ausentar em virtude das viagens realizadas para a elaboração da Pesquisa de Campo ou, quando, mesmo em casa, pelos momentos – muitos – em que me desligava do mundo, absorto em leituras e pensamentos, cercado de livros, anotações, gravações, fotos, etc.

À produtora e agente cultural Cláudia Medeiros, idealizadora e coordenadora geral do Projeto Sapicuá Pantaneiro, meus agradecimentos pelas informações e pelo material fornecido para a pesquisa.

Agradeço a Francisco Maciel Castro, diretor do Núcleo de Políticas, Programas e Projetos para o Desenvolvimento do Turismo da Fundação de Turismo de Aquidauana - FUNDTUR, pelo apoio e material para pesquisa.

Um especial agradecimento a João Ildefonso e a sua esposa Vânia, proprietários da Pousada Aguapé (Fazenda São José). O carinho e a amizade que vocês sempre dedicaram a mim é algo que ficará eternamente gravado no meu coração, na minha memória. Não fosse pelo constante apoio, os caminhos trilhados para a realização desta pesquisa teriam sido extremamente mais difíceis. E mais um detalhe: vocês se tornaram inesquecíveis, afinal, “o primeiro Tereré a gente nunca esquece!”.

A todos da Pousada Aguapé meus mais sinceros agradecimentos por tudo o que sempre fizeram por mim. Um grande abraço ao Raphael e ao André; à Joana, que tão bem recebe os turistas, cativando-os com sua simpatia. Muito obrigado aos peões, aqui representados pelo capataz da

fazenda, José Moreira, ou melhor, Chôto, como é conhecido, e também aos garçons, copeiras, recepcionistas, faxineiras, arrumadeiras, ajudantes, cozinheiras... Um forte abraço a todos.

Agradeço a colaboração e hospitalidade de Carla Alves Correa Reis (Fazenda Copacabana) e de Virgínia Alves Correa de Queiroz (Fazenda Pequi).

Agradeço ao amigo Deomar Barata e a sua mãe, dona Maria, pela amizade e também pela constante colaboração e hospitalidade.

Aqui presto uma homenagem a dois legítimos pantaneiros que tive a oportunidade de conhecer e manter longas e prazerosas conversas nos últimos anos, mas que, infelizmente, já partiram deste mundo: Carlos Barata, o 'Seu Carlito' e seu irmão, Deodato Barata. Ambos trabalharam por décadas como gerentes em grandes e tradicionais fazendas pantaneiras e 'Seu Deodato', além disso, foi um conhecido e respeitado zagaieiro. Saudades.

A todos os pantaneiros e pantaneiras entrevistados. Desde os primeiros contatos fui sempre recebido de maneira gentil, receptiva e hospitaleira. Sua contribuição foi, sem dúvida, de grande importância para o bom desenvolvimento da minha dissertação, enriquecendo-a com informações e detalhes. Muito obrigado por compartilharem e confiarem a mim suas histórias, suas recordações.

Resumo

Analizando a entrada significativa de turistas nas fazendas de criação extensiva de gado bovino no Pantanal de Aquidauana/MS, na tentativa de conhecer melhor o espaço, nos últimos anos, foram realizadas entrevistas com pantaneiros/as, sempre observados no seu dia-a-dia. Procurou-se verificar então, através de literatura específica e da observação do comportamento sócio-ambiental dos atores locais, se houve alguma influência e/ou alteração deste comportamento em relação às informações externas chegadas através dos turistas, por meio desta recente atividade iniciada na fazenda. Após diversas visitas à região de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, para estudos científicos, procurou-se identificar possíveis mudanças que pudessem ter ocorrido a partir do início da década de 1990, em relação à interferência na cultura tradicional dos pantaneiros da região – fazendeiros, peões, as mulheres destes, suas famílias - em virtude de, nesta época, o turismo ecológico ter começado a entrar com mais força na região, pois, até então, apenas o chamado 'turismo de pesca' era praticado. Também neste mesmo período um *marketing* maciço direcionado para o turismo no Pantanal teve início, devido à grande projeção que obteve a novela Pantanal, exibida pela extinta Rede Manchete. Desde então, tradicionais fazendas de criação extensiva de gado começaram a receber turistas tanto do Brasil como também do exterior. O turismo ecológico começa a entrar com força na região.

Palavras-chave: Pantanal. Pecuária. Turismo. Cultura. Tradição.

Abstract

Analyzing the significant entry of tourists in the farms involved in cattle raising in Pantanal de Aquidauana/MS, in order to know the space better, in the last few years, interviews have been made with the pantaneiros/as, always focused on the day by day. Then attempts to verify, through the specific literature and the observation of the native's socio-environmental behavior, if had suffered some influence or alteration of this behavior regarding external information, which came with the tourists, through this recent activity that has begun on the farm. After several visits to Aquidauana's region, Mato Grosso do Sul, to scientific studies, sought to identify possible changes that might have occurred since the beginning of the 1990's, in relation to the interference of the pantaneiro's traditional culture – farmers, pawns, their wives, their families – since at this time, the eco tourism had started to come stronger in the region, because, until then, only the fishing tourism was practiced. Also in the same period, a mass marketing directed to Pantanal's tourism had begun, because of the huge projection that achieved with the soap opera, Pantanal, showed by the extinct Rede Manchete. Since then, traditional farms involved in cattle raising had begun to welcome tourists both in Brazil and abroad. The eco tourism begin to come powerfull in the region.

Key-words: Pantanal. Livestock. Tourism. Culture. Tradition.

Foto 1: As águas e o Pantanal	3
Foto 2: Câmara Municipal de Aquidauana	17
Foto 3: Museu de Arte Pantaneira	18
Foto 4: Igreja Matriz	19
Foto 5: Ponte de Ferro	20
Foto 6: Rio Aquidauana	21
Foto 7: Gado Nelore	23
Foto 8: 'Seu Carlito'	38
Foto 9: Peão manuseando couro	43
Foto 10: Chicote 'Rabo de Tatu'	44
Foto 11: Chicote 'Arreador'	44
Foto 12: Laço	45
Foto 13: Peão de campo	48
Foto 14: 'Seu Táta Pitoco'	52
Foto 15: O paraguaio Alonso	54
Foto 16: Preparando o mate quente	60
Foto 17: Peão a galope	61
Foto 18: Peão e cavalo na água	62
Foto 19: Peão e cavalo no pasto	63
Foto 20: Peão com boiada	63
Foto 21: Garanhão	64
Foto 22: Peão e cavalo com bois	65
Foto 23: Capataz da fazenda São José	67
Foto 24: Competidores aguardam a chamada	69
Foto 25: Concentração na hora de soltar o laço	69
Foto 26: O momento exato da soltura do laço	70
Foto 27: Laço mais pesado e veloz	71
Foto 28: Corrida veloz	72

Foto 29: O laço é arremessado. Sincronismo	73
Foto 30: Laçando na pista encharcada	73
Foto 31: Acampamento no Clube do Laço	74
Foto 32: Preparando o churrasco	75
Foto 33: Prosa na barraca	76
Foto 34: Peão tomando tereré	78
Foto 35: Tereré na calçada	83
Foto 36: Tipos de Guampas	84
Foto 37: Comitiva com 1100 cabeças	92
Foto 38: Comitiva com 950 bois	93
Foto 39: Gaiola boiadeira com dois vagões	101
Foto 40: Embarcando gado na Gaiola boiadeira	102
Foto 41: Cozinheiro de comitiva	103
Foto 42: Seu Orestes	105
Foto 43: Curral do frigorífico	108
Foto 44: Carcaças de boi	109
Foto 45: Veterinário do frigorífico	110
Foto 46: Entrada de tubo de miúdos	111
Foto 47: Saída de tubo de miúdos	111
Foto 48: Embalagens de produtos	112
Foto 49: Embalagens de produtos II	112
Foto 50: Caminhão frigorífico	114
Foto 51: Faixas paraguaias	127
Foto 52: Acessórios de couro	129
Foto 53: Correia de estribo	130
Foto 54: Talabarteiro	130
Foto 55: Corte do couro	131
Foto 56: Preparando para a costura	131
Foto 57: A chaira já tomando forma	132
Foto 58: Chaira pronta	133
Foto 59: Peões indo pra lida	134
Foto 60: Praieiro	134
Foto 61: Painel de fotos com mulheres pantaneiras	135
Foto 62: Painel com mulheres pantaneiras em atividade	138
Foto 63: Dona Sophia Rondon	140

Foto 64: Fazenda Guanandy	140
Foto 65: Dona Maria Lescano	145
Foto 66: Dona Maria e a onça pintada	147
Foto 67: Dona Maria e Seu Deodato	148
Foto 68: Pescadores no rio Paraguai	159
Foto 69: Barco Hotel Cabexy	160
Foto 70: Restaurante	160
Foto 71: Deck	160
Foto 72: Painei fotográfico. Peões da fazenda São José	170
Foto 73: Painei fotográfico. Pousada Aguapé	171
Foto 74: Vânia Murano	172
Foto 75: Casa sede da fazenda	175
Foto 76: João Ildefonso.	177
Foto 77: Painei fotográfico. Ambientes da Pousada Aguapé	181
Foto 78: Painei fotográfico. Passeios dos hóspedes.	182

Tabelas

Tabela 1: Delimitação do Pantanal Brasileiro	13
Tabela 2: Sub-regiões do Pantanal	14
Tabela 3: Empresas de Charque	40
Tabela 4: Informações sobre a Piracema	90
Tabela 5: Apreensões realizadas na Piracema	91
Tabela 6: Toques do Berrante	97
Tabela 7: Custo de transporte – Comitiva	99
Tabela 8: Custo de transporte – Gaiola Boiadeira	99
Tabela 9: Regras da Comitiva	107
Tabela 10: Especificidades no abate de gado	113
Tabela 11: Os números mundiais do turismo	153
Tabela 12: As estimativas dos números do turismo no Brasil	154
Tabela 13: A pesca esportiva no Brasil e no mundo	161
Tabela 14: Tamanho mínimo para captura - MS / MT	162

Mapas

Mapa 1: Detalhe da área do estudo	4
Mapa 2: Localização das sub-regiões	11

Figuras

Figura 1: Capa da Revista Veja	166
--------------------------------	-----

Agradecimentos:	i
Resumo:	v
Abstract:	vi
Lista de fotos	vii
Lista de tabelas, mapas e figuras	x
Introdução	1
1. Capítulo I - Os circuitos espaciais da pecuária no Pantanal Sul-Matogrossense	32
1.1 O desbravamento e a formação das fazendas de pecuária extensiva no Mato Grosso do Sul.	33
1.2 Pantanal Sul Matogrossense: As consequências sofridas pelo pioneirismo, pelas distâncias e pelo isolamento.	50
1.3 O pantaneiro, desde que chegou, não lutou com a terra. Apenas procurou adaptar-se a ela.	57
1.4 As competições de 'Laço Comprido' são uma das tradições pantaneiras.	68
1.5 Além das belezas naturais, o Pantanal sempre foi conhecido pela piscosidade dos seus rios.	85

1.6	Nas comitivas, o ponteiro conhece muito bem os perigos que podem aparecer pelo caminho.	92
1.6.1	Na comitiva, o cozinheiro é o 'comitiveiro solitário'.	103
1.7	Depois de tantas viagens em comitivas ou nas gaiolas boiadeiras, o boi chega ao seu destino final.	108
1.8	No Pantanal, parece que o tempo passa mais lentamente.	115
1.9	Seja na cidade ou nas fazendas de Aquidauana/MS, encontram-se pantaneiros que possuem habilidades especiais no artesanato.	122
1.9.1	Projeto Sapicuá Pantaneiro. Preocupação e ensinamentos que visam a manutenção das técnicas tradicionais utilizadas pelos pantaneiros.	123
1.9.2	A talabarteria está presente em Aquidauana. Tradição e a habilidade na confecção de acessórios de couro.	128
1.10	Mulher pantaneira. Coragem e determinação.	135
2.	Capítulo II - Os circuitos espaciais do turismo. A chegada do chamado do ecoturismo nas fazendas pantaneiras de Aquidauana/MS	149
2.1	Turismo, turismo ecológico, ecoturismo. Seja qual for a definição empregada, o Pantanal sempre exerceu atração sobre as pessoas.	150

2.2	Um panorama geral sobre os valores gerados pelo turismo no mundo e no Brasil.	152
2.3	Há décadas, o Pantanal atrai aventureiros, cinegrafistas. Mas o grande movimento sempre foi de pescadores.	156
2.4	O turismo da pesca em Corumbá.	158
2.5	Aquidauana e o 'turismo de pesca'.	163
2.6	O Pantanal e sua exposição na mídia. Durante dez meses, seis dias por semana, o Pantanal foi mostrado no 'horário nobre'.	165
2.7	Fazenda São José. Tradição na pecuária, inovação com o ecoturismo.	170
Considerações finais		183
Bibliografia		187
Anexos		201

Introdução

"(...) o clima regula grandemente, no Pantanal, as atividades humanas, que sobremaneira se diferenciam das congêneres em outras paragens. A adaptação dos processos de trabalho, de meios de subsistência, de hábitos de vida, às condições climáticas regionais, distinguem perfeitamente as fazendas de criação pantaneiras de quaisquer outras no planalto."
(CORRÊA FILHO, 1955: p. 5)

A pesquisa deste trabalho se deu no Estado do Mato Grosso do Sul, na região do Pantanal, no município de Aquidauana, com recorte para uma propriedade localizada neste espaço geográfico, e teve como intenção acompanhar as atividades do homem e da mulher pantaneiros no seu ambiente de origem e sua relação com a entrada do turismo ecológico. Sobre Aquidauana, Corrêa Filho diz: "Por certos aspectos, é a cidade mais interessante do vale do Miranda. Não resultou de imperativo algum de ordem militar, nem de expansão natural de preexistente núcleo povoador. Deve sua origem ao acôrdo de fazendeiros dos arredores, que julgaram conveniente substituir a navegação do Miranda pela também exeqüível, do seu galho oriental, denominado Aquidauana. (...) por volta de 1893 (...) A feliz escolha do local, ajudada pela conveniência econômica e administrativa a que viera satisfazer, explica-lhe o rápido desenvolvimento". (CORRÊA FILHO, 1946: p. 148).

Com uma área total de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, o equivalente à soma das áreas de Portugal, Bélgica, Holanda e Suíça, o Pantanal é a maior planície de inundação contínua do planeta¹, dividindo-se entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Na definição de PROENÇA, “o que chamamos de pantanal não passa de uma imensa planície sedimentar, situada nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, adentrando-se uma parte da Bolívia e Paraguai, que se alaga periodicamente, quando os rios se avolumam e jogam suas águas nas baixadas, enchendo vazantes e corixos, baías e lagoas, transformando-se numa coisa só de água espalhada, semelhante a um mar doce em certas áreas.” (PROENÇA, 1997)

O Pantanal funciona como um grande reservatório, provocando uma defasagem de até cinco meses entre as vazões de entrada e saída². O volume de suas águas obedece ao ciclo anual das cheias, que ocorre de novembro a maio. Nesta época, o transbordamento de rios e corixos alteram completamente a paisagem:

¹ CIMA – Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, (1991).

² IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Foto 1: As águas comandam a vida no Pantanal. Fonte: Joana Tatoni. Aquidauana, março/ 2008.

Mapa 1 - Detalhe da área do estudo – Pantanal de Aquidauana/MS

Fonte: Embrapa Pantanal, 2008.

"No Pantanal tudo depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, levam o homem a ter necessidade de mudanças nas grandes enchentes, (...) empurrando o gado para cima das cordilheiras, quebram a monotonia da planície, ilhando muitas fazendas, obrigando ao emprego de canoas que substituem os cavalos para conduzir a criação aos lugares mais altos e, portanto, livres do desespero das águas. (...) Os rios descem do planalto para influenciar a vida na planície, seja ela animal ou vegetal. São os responsáveis por tudo o que acontece de ruim e de bom e, além do mais, estabelecem normas e se fazem respeitar por suas manias e zangas. Quando cheios não são nada comportados: mudam constantemente de curso, abrem bocas, derrubam pontes, devastam plantações ribeirinhas, entopem vazantes e baias, carregam entulhos, inundam sedes de fazendas, cobrem campos de aviação e matam animais."
(PROENÇA, 1997: pp. 13 e 17)

No Almanaque Brasil Socioambiental, uma publicação do Instituto Socioambiental – ISA, na edição de 2008, consta que o Pantanal funciona como uma grande ‘esponja’ quando é chegada a estação das chuvas. Nesta época a região começa a receber grande volume de águas da parte alta que ficam retidas e, depois, escoam lentamente, pois, na planície, a declividade é pouca: de 1 a 2 centímetros por quilômetro no sentido norte - sul e de 6 a 12 centímetros por quilômetro no sentido leste-oeste, aproximadamente. Sodré nos dá outra descrição da força, da importância e da grande influência que o regime das águas impõe ao pantanal quando diz: “detida no capricho de suas curvas, a torrente do Paraguai, quando começa a chover nas cabeceiras, represa as águas dos seus afluentes (...) começam elas a invadir as campinas verdejantes (...) estendem-se como um lençol interminável (...) um território imenso fica entregue ao domínio incontrastável das águas (...) Iniciada a vazante, os campos ficam fecundados e úmidos (...) estende-se o verde igual das pastagens

riquíssimas. O gado, refugiado nas alturas raras ou encaminhado para a serra, desce magro e desfeito. Espalha-se pela extensão infinita. O pantanal, com o seu verde esplendoroso, é o único presente das águas.” (SODRÉ, 1941: pp. 14 e 15).

A área pertencente ao território brasileiro – 138.183 Km² - está localizada na região Centro-Oeste, nos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, lembrando que esta divisão entre Sul e Norte data de 11 de outubro de 1977, resultado de um processo que envolveu questões sócio-econômicas, além de aspectos culturais e políticos. Deste total, 89.318 Km² pertencem ao Estado do Mato Grosso do Sul. Como definição, “enganar-se-á quem procurar, em Mato Grosso, identificar pantanal como pântano, brejo, paul, consoante ensinam os dicionários. O termo, aplicado à vasta e inconfundível região antropogeográfica, de fisionomia peculiar, revela a justeza do vocabulário sertanejo, que a ciência homologou”. (CORRÊA FILHO, 1955: apresentação). Ainda:

“Pantanal, em Mato-Grosso, não é simplesmente sinônimo de pântano, terreno brejoso, como definem os dicionários... Semelha-se, de certa maneira, a imenso fundo de concha, sulcado pelo rio Paraguai e seus tributários, que imprimem à paisagem feições peculiares, com o ritmo de suas alagações anuais, quando se lhes misturam as águas em ampla coalescência, dilatada por léguas e léguas, à laia de imenso lago efêmero, em que mal se distinguem os canais permanentes.” (CORRÊA FILHO, Virgílio, 1946: nota explicativa)

Em 1997, após levantamentos, pesquisas e estudos que visaram um gerenciamento baseado em dados científicos da Bacia do Alto Paraguai – BAP, que envolve o Pantanal, foi elaborado o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP, ação coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA. Destes estudos resultou uma classificação do Pantanal em 11 sub-regiões, a saber:

Pantanal de Barão de Melgaço

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Terras inundáveis por 3 a 4 meses. Vegetação de Savana. Fauna residente em presença de ninhais. Área de recarga de aquíferos. Reservas Indígenas Teresa Cristina e Perigara. Turismo e pecuária extensiva. Potencial para preservação e turismo.

Pantanal do Paraguai

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação por mais de 6 meses. Vegetação de Savana e Formações Pioneiras. Alta concentração de fauna. Área de reprodução em sistema de piracema para as espécies de: pintado, pacú, cachara, barbado, dourado e curimatá. Contém o Parque Nacional do Pantanal e a Estação Ecológica Taiaí. Pecuária com pasto nativo.

Pantanal da Nhecolândia

Características: Solos arenosos, de ambientes úmidos com forte presença de material orgânico em relevo de planície. Área de inundação por 6 meses.

Instabilidade dos leitos fluviais. Vegetação de Floresta Estacional e formações pioneiras. Pecuária com pastagem nativa com pouca ocorrência de plantada, bananicultura e pesca.

Pantanal de Poconé

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação de 3 a 4 meses. Vegetação de Savana. Área de reprodução de avifauna e de recepção e deposição de sedimentos. Pecuária extensiva em pasto nativo, pesca profissional e turismo. Potencial para preservação e turismo.

Pantanal de Cáceres

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação de 3 a 5 meses. Concentração de fauna. Vegetação de Savana e Floresta Estacional. Potencial para preservação, turismo e pecuária.

Pantanal do Paiaguás

Características: Solos arenosos profundos e hidromórficos em relevo de planície. Inundação de 3 a 4 meses ao ano. Concentração de fauna. Vegetação de Savana. Área de recarga de aquífero. Pecuária extensiva com pastagem nativa. Potencial para pecuária em pasto nativo e para turismo.

Pantanal de Aquidauana / Negro

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis com relevo de planície. Áreas de inundação de 3 a 4

meses. Concentração de fauna. Vegetação de Savana. Pecuária extensiva como atividade econômica. Potencial para preservação.

Pantanal do Abobral

Características: Solos argilosos e siltosos em relevo e planície. Área de deposição de sedimentos finos de instabilidade dos leitos fluviais com inundação por mais de 6 meses. Alta concentração de fauna e presença de capões de matas com sítios arqueológicos. Vegetação de Savana e Formações Pioneiras. Pecuária com pastagem nativa e turismo. Potencial para turismo e pesca.

Pantanal do Miranda

Características: Solos argilosos de baixa permeabilidade em relevo de planície, com inundações de 4 a 6 meses ao ano. Vegetação de Savana Gramíneo-Lenhosa e Paratudal (tabebuia). Atividades como rizicultura irrigada e pecuária extensiva com pasto nativo e turismo recreacional e pesqueiro.

Pantanal do Nabileque

Características: Solos argilosos com alto teor de sódio em relevo de planície, com período de inundação acima de 6 meses. Vegetação de Savana Estépica Gramíneo-Lenhosa e ocorrência de Carandazais, com concentração de fauna. Atividade de pesca profissional e esportiva e pecuária extensiva em pastagens nativas.

Pantanal de Porto Murtinho

Características: Solos hidromórficos e argilosos, com concentração de sódio, em relevo de planície. Área de inundação de 4 a 6 meses. Vegetação de Savana Estépica. (Fonte: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA, 1997. Organização: José Fonseca, 2009).

Mapa 2 - Mapa de localização das sub-regiões - 11 Pantanaís

■ Áreas não ou pouco inundáveis do Pantanal

■ Áreas Chaquenha do Pantanal

1. Pantanal de Cáceres
2. Pantanal de Poconé
3. Pantanal de Barão de Melgaço
4. Pantanal do Paraguai
5. Pantanal dos Paiguás
6. Pantanal da Nhecolândia
7. Pantanal do Abobral
8. Pantanal do Aquidauana - Negro
9. Pantanal do Miranda
10. Pantanal do Nabileque
11. Pantanal de Porto Murtinho

Fonte: Jorge Adámoli, 2000. Organização: José Fonseca, 2009

Nas tabelas a seguir encontramos a Delimitação do Pantanal Brasileiro, com a participação dos municípios na área do Pantanal e também as sub-regiões com as respectivas áreas e percentagem de participação sobre a área total:

Tabela 1 - Delimitação do Pantanal Brasileiro

**Participação dos municípios segundo a área fisiográfica do Pantanal
(em Km²)**

Mato Grosso	Pantanal (A)	A/B (%)
Barão de Melgaço	10.782	7,80
Cáceres	14.103	10,21
Itiquira	1.731	1,25
Lambari D'Oeste	272	0,20
Nsa Sra. Livramento	1.115	0,81
Poconé	13.972	10,11
Sto. Ant. Leverger	6.890	4,99
Sub-total	48.865	35,36
Mato Grosso do Sul	Pantanal (A)	A/B (%)
Aquidauana	12.929	9,36
Bodoquena	46	0,03
Corumbá	61.819	44,74
Coxim	2.132	1,54
Ladário	66	0,05
Miranda	2.106	1,52
Sonora	719	0,52
Porto Murtinho	4.717	3,41
Rio Verde de MT	4.784	3,46
Sub-total	89.318	64,64
Total (B)	138.183	100,00

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca, 2009.

Tabela 2 – Sub-regiões da área fisiográfica do Pantanal

Os 11 Pantanaís Matogrossenses

Sub-regiões	Área (km²)	Percentagem (%)
Cáceres	12.456	9,01
Poconé	16.066	11,63
Barão de Melgaço	18.167	13,15
Paraguai	8.147	5,90
Paiaguás	27.082	19,60
Nhecolândia	26.921	19,48
Abobral	2.833	2,05
Aquidauana	5.008	3,62
Miranda	4.383	3,17
Nabileque	13.281	9,61
Porto Murtinho	3.839	2,78
Total	138.183	100,00

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca, 2009.

"Data sua fundação de 1893, quando alguns criadores da região adquiriram em conjunto uma sesmaria de terras á margem do rio Aquidauana e a dividiram em lotes. A povoação desenvolveu-se rapidamente (...). A estrada de ferro Noroeste do Brasil, que atravessa a cidade, tem ahi as suas oficinas. A sua indústria mais importante consiste numa xarqueada. A pecuaria constitue o principal commercio do municipio." (MARQUES, 1923: p. 192)

O município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, também conhecida como Portal do Pantanal, está a 147m de altitude, tem uma população de 46.515 habitantes, segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Estimativas das populações residentes segundo os municípios, 2009), sendo que aproximadamente 21% deste total vivem na zona rural e o restante na área urbana. No seu município estão os distritos de Camisão, Piraputanga, Taunay e Cipolândia. Está localizada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. Sua localização está mais precisamente definida por Robba (Aquidauana, 1992), quando explica que seu território estende-se de norte a sul desde o morrinho do Pimenteiral, na divisa com os municípios de Corumbá e Rio Verde, até o rio Aquidauana, divisa com o município de Anastácio ao sul, numa distância de perto de duzentos quilômetros; de leste a oeste a serra de Maracaju, divisa com os municípios de Dois Irmãos do Buriti, Terenos, Corguinho, Rio Verde e Rio Negro até a divisa com os municípios de Miranda e Corumbá, numa distância de cerca de 190 quilômetros.

"Seu território pode ser dividido em duas partes distintas: a região baixa, ou do Pantanal, que ocupa aproximadamente dois terços da área do município; e a região alta, ocupada pela serra de Maracaju e seus diversos ramos." (ROBBA, 1992: P. 9). Segundo Souza (1973), "se Corumbá e Murtinho são cidades pantaneiras pelas respectivas localizações, Miranda,

Cáceres e Poconé situam-se nas orlas do Pantanal, enquanto Cuiabá, Aquidauana e Coxim estão na Baixada”. (SOUZA, 1973: p. 36)

Apresenta grande variedade de fauna e flora típicas pantaneiras. Possui um rebanho bovino estimado em 810 mil cabeças, de um total de 21,8 milhões que compõem o rebanho bovino do estado do Mato Grosso do Sul, que por sua vez figura em terceiro lugar na produção nacional, que é de 199,7 milhões de cabeças, segundo o Censo Agropecuário divulgado em 11/2008 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Esta situação de possuir parte de suas terras em locais um pouco mais elevados – um Pantanal mais alto –, ligeiramente menos afetado pelas enchentes do que os localizados em áreas mais baixas contribuiu para uma concentração de expressivo rebanho bovino, pois as perdas causadas pela ocorrência de enchentes apresentam menor incidência.

Foto 2: Câmara Municipal de Aquidauana. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 3: Museu de Arte Pantaneira. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 4: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 5: Ponte da Amizade (Ponte Velha), inaugurada em 1921. Liga Aquidauana a Anastácio. A estrutura é toda de ferro e piso de madeira. A pista é única e os carros se revezam para atravessá-la. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 6: Rio Aquidauana emoldurado pela Serra de Maracaju ao fundo. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

O rio Aquidauana teve uma importância destacada para o desenvolvimento da cidade: "(...) Antes que a E. F. Noroeste permitisse a ligação de São Paulo com o rio Paraguai (...) navegavam embarcações pelo Miranda e Aquidauana até as vilas homônimas, a Cáceres, à beira do rio Paraguai, além da linha principal que terminava no pôrto de Cuiabá. (...) A

navegação do rio Aquidauana, por onde se canalizou o maior volume do movimento comercial, na primeira fase, propiciou-lhe notável surto.” (Corrêa Filho, 1946: pp. 127 e 148). Depois, o autor afirma: “Mais tarde, com a construção da E. F. Noroeste do Brasil*, que a escolheu para aí montar oficina de reparos do material rodante, proporcionou-lhe mais intenso impulso.” (id. p. 148). Outro autor também faz menção ao rio quando diz: “(...) vindo de São Paulo, a Noroeste, depois de cruzar o planalto da Bacia do Paraná, atravessa primeiramente os pantanais específicos de dois rios importantes: o Aquidauana e o Miranda (...).” (Queiroz, 2004: p. 53). A chegada da E. F. Noroeste ao sul do Mato Grosso trouxe progresso à Aquidauana, agilidade no transporte e, conforme afirma Corrêa Filho (1926), referindo-se à pecuária, “a impeliu, de golpe, para a frente, apressando-lhe a evolução” (Corrêa Filho apud Queiroz, 2004: p. 398). Também sobre a atual predominância do gado Nelore nos rebanhos pantaneiros, a E. F. Noroeste teve sua participação:

“A criação de gado bovino no Pantanal foi iniciada há quase três séculos, com a introdução de gado de origem européia (Bos taurus), vindo do Paraguai. Este contingente bovino, após se adaptar às condições do meio ambiente local, veio a formar o tipo crioulo denominado Tucura ou Pantaneiro. No início do século XX iniciou-se a introdução de gado zebu, de origem indiana (Bos indicus), que foi facilitada pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914. A partir de então, por meio de cruzamentos contínuos, as raças zebuínas absorveram praticamente toda a população original do Tucura.” (Embrapa Pantanal, 2007)

* Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Maior aprofundamento no livro *Uma Ferrovia entre dois mundos. A E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*, Queiroz, 2004.

Foto 7: O gado Nelore predomina os campos pantaneiros. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

Analisando a entrada significativa de turistas no pantanal de Aquidauana, percebe-se que algumas situações básicas favoreceram essa ocorrência: Aquidauana é a cidade mais próxima a Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, que tem 70% da área do seu município localizada dentro do Pantanal; o acesso é facilitado pela rodovia asfaltada BR-262, que liga Campo Grande à Corumbá; devido apresentar um Pantanal mais alto, no período das cheias, as águas, normalmente, não atingem com tanta intensidade os acessos a algumas fazendas, permitindo o trânsito de turistas durante o ano todo.

Na tentativa de conhecer melhor o espaço, nos últimos anos, foram realizadas entrevistas com pantaneiros/as, sempre observados no seu dia-a-dia.

"(...) Há ainda uma memória coletiva, aparente nos falares, nos cantares, nos traços e gestos, nos hábitos, nos corpos e nas mais diversas formas de existência de pessoas. (...) As entrevistas revelam partes da memória do entrevistado, trazendo informações na forma de lembranças 'requentadas' ao sabor das dúvidas e certezas do pesquisador". (LEITE, 2003: pp. 19 e 28)

Procurou-se verificar então, através de literatura específica e da observação do comportamento sócio-ambiental dos atores locais, se houve alguma influência e/ou alteração deste comportamento, em relação às informações externas chegadas através dos turistas e dos meios modernos de comunicação. A partir daí foi feito esforço de reflexão das problemáticas impostas pelo atual período técnico-científico-informacional e globalizado a esta área, principalmente no que diz respeito à cultura do pantaneiro baseada na pecuária e a entrada do chamado turismo ecológico na região.

Após diversas visitas à região de Aquidauana, para estudos científicos, procurou-se identificar possíveis mudanças que pudessem ter ocorrido a partir do início da década de 1990, em relação à interferência na cultura tradicional dos pantaneiros da região – fazendeiros, peões, as mulheres destes, suas famílias – pois, nesta época, o turismo ecológico ter começado a entrar com mais força na região, pois, até então, apenas o chamado 'turismo de pesca' era praticado.

Também neste mesmo período um *marketing* maciço direcionado para o turismo no Pantanal teve início, devido a grande projeção que obteve a novela Pantanal, exibida pela extinta Rede Manchete. Desde então, tradicionais fazendas de criação extensiva de gado começaram a receber turistas tanto do Brasil como também do exterior. O turismo ecológico começa a entrar com força na região.

No início da pesquisa, em 2007, foram feitas visitas a três propriedades, a saber:

- Fazenda Pequi (Pousada Pequi)
- Fazenda São José (Pousada Aguapé)
- Fazenda Copacabana (Pousada Carandá)

As três ficam no município de Aquidauana/MS e estão localizadas na margem esquerda do rio do mesmo nome, distantes 48, 60 e 72 quilômetros, respectivamente, do centro da cidade. Visando detalhar e aprofundar o estudo, após constatações iniciais de que as atividades desenvolvidas nas três fazendas eram, guardadas as devidas proporções, praticamente as mesmas, foi definido a Fazenda São José, onde está instalada a Pousada Aguapé, como sendo o local para o desenvolvimento da pesquisa. Os principais motivos que, após analisados e ponderados, justificaram este recorte foram:

- Propriedade pertencente à mesma família há mais de 150 anos;
- Foi a pioneira na implantação do turismo em toda a região;
- É a maior em área e quantidade de cabeças de gado e mantém viva a atividade da pecuária extensiva, paralelamente a do turismo;
- Participa ativamente de projetos importantes como a Escola Pantaneira, por exemplo;
- Procura investir constantemente na melhoria da qualidade de vida de seus colaboradores;

- Está atenta às novas tecnologias e procura levá-las sempre que possível à Pousada para um melhor atendimento aos turistas;
- É a mais bem equipada e que oferece melhor infraestrutura;
- É administrada integralmente pelos membros da família

Além do exposto acima, a concentração da pesquisa em uma área possibilitou um melhor aprofundamento e conhecimento dos acontecimentos do lugar, visto que no Pantanal, qualquer ação que se pretenda fazer resulta em grandes distâncias percorridas e muito tempo gasto, seja a cavalo, a pé ou de carro, mesmo que dentro de apenas uma propriedade.

Por inúmeras vezes, na intenção de acompanhar a lida dos peões que trabalhavam um lote de gado que estava em um pasto localizado num dos limites da fazenda, para registrar imagens e também diálogos, partia-se da sede a cavalo por volta de cinco horas da manhã e o retorno se dava apenas no final da tarde. No verão, passava-se o dia debaixo de um sol escaldante sob um calor quase insuportável e, no inverno, a temperatura oscilava entre oito e dez graus ao amanhecer do dia.

Percebe-se que as dificuldades são muitas, mesmo que as ações sejam concentradas em apenas uma fazenda. Logo, pretender executar esta mesma tarefa nas três propriedades – isto só para citar uma das muitas que foram realizadas – resultaria, certamente, num produto que deixaria a desejar, pois não haveria concentração nem mobilização necessárias, muito menos tempo hábil suficiente para se alcançar os objetivos pretendidos.

De acordo com estudos realizados no território do Pantanal de Aquidauana buscou-se conceitos e concepções da Geografia que pudessem orientar e trazer à luz elementos que produzissem uma análise mais crítica. Sobre os gêneros de vida – categoria que parece ser apropriada ao tema escolhido da pesquisa – La Blache diz:

"O homem criou para si gêneros de vida. Com a ajuda de materiais e de elementos tomados da natureza ambiente, ele conseguiu, não de um só golpe, mas por uma transmissão hereditária de procedimentos e invenções, constituir alguma coisa de metódico que assegura sua existência e que constrói um meio para seu uso". (LA BLACHE, 1921: pp. 115-116.)

No livro Geografia e Modernidade (Gomes, 2005) define 'gêneros de vida' como "a forma específica que cada grupo desenvolve sua maneira de ser e de viver. Eles compõem um conjunto particular de atitudes que tira sua significação do interior do próprio grupo, seja pela maneira de se vestir, de falar, de habitar, em suma, por sua maneira de ser (...). Eles são fruto de escolhas humanas frente ao meio ambiente, escolhas das quais a sucessão conduzirá ou não a uma progressão mais ou menos rápida, a uma conquista mais ou menos eficaz. Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores (...)" (Gomes, 2005: p. 205)

E, nas palavras de Max. Sorre, para se evitar uma visão incompleta e mutilada e ter interesse geográfico, "este complexo de hábitos deve apresentar um mínimo de duração, de estabilidade, sem o que não se pode destacá-lo". Continua, dizendo que "duração e estabilidade não significam imobilidade. O gênero de vida nasce, transforma-se, expande-se – e é,

então, quando ele chega a este grau de maturidade, que nós o caracterizamos". (Sorre, 1952: p. 105).

Desde o início, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar criticamente a inserção do turismo na organização sócio-espacial pantaneira, considerando seus desdobramentos espaciais e seus efeitos sobre a cultura e o modo de vida do pantaneiro, a partir do estudo de caso do Pantanal de Aquidauana/MS, observando e tentando compreender as relações existentes entre a tradicional cultura pantaneira, fortemente influenciada pela pecuária extensiva e a entrada do turismo ecológico nas fazendas de criação de gado bovino:

"Este campo de ação, o meio, que é o domínio epistemológico da geografia, se define por sua maneira de ser. Ele existe como uma manifestação real e concreta, e, assim sendo, pode ser objeto de uma curiosidade verdadeiramente científica. A fisionomia é a expressão da singularidade de cada combinação. Ela permite reconhecer a expressão de uma essência invisível (o movimento) dentro do domínio do 'visível' (sua manifestação concreta). Daí a enorme valorização da observação como etapa primeira do processo cognitivo."
(GOMES, 2005: p. 200)

Como estava ocorrendo a troca de informações entre turistas e pantaneiros? Esta mescla de culturas estranhas ao lugar estava de alguma maneira influenciando a tradicional cultura pantaneira? Se afirmativo, provocava mudanças positivas ou negativas? Os saberes e fazeres locais estariam ameaçados ou poderiam sair fortalecidos com essa nova atividade? O turismo estaria provocando uma migração forçada, na explicação de Santos, uma migração ocorrida "como consequência da incapacidade financeira de continuar sendo proprietário ou investidor ou da

incapacidade técnica de exercer novas funções”? (SANTOS, 1985: p. 45), ou ainda, poderia estar, nas palavras de Santos (1985), colaborando para que houvesse uma desculturização do lugar? (SANTOS, 1999):

"(...) na medida em que a substituição das pessoas, a alteração dos equilíbrios sociais de poder, a introdução de novas formas de fazer, geram desequilíbrios dos quais resultam, de um lado, a migração das lideranças locais tradicionais e a quebra de hábitos e tradições, e, de outro lado, a mudança de formas de relacionamento produzidas lentamente durante largo tempo e que se vêem, de chofre, substituídas por novas formas de relações cuja raiz é estranha e cuja adaptação ao lugar tem um fundamento puramente mercantil." (SANTOS, 1985: p. 46)

Haveria apenas um interesse comercial, especulativo, de grupos que estariam agindo em nome de uma pretensa preocupação ecológica, como disse AB'SÁBER (2006), "e, de repente, uma série de grupos de especuladores – atirados a um arremedo de turismo ecológico – através de empreendimentos de diversos portes, em pleno interior incontrolável dos pantanais" (AB'SÁBER, 2006: p. 14), ou, ao contrário, a entrada do turismo poderia agir como um fator de permanência dos moradores locais, mantendo e fortalecendo as suas tradições, além de ser uma nova oportunidade real de ganho, como nas palavras de Cruz, quando explica que "o turismo em espaços rurais pode significar, também, uma alternativa, em termos de geração de renda e emprego, para comunidades rurais." (CRUZ, 2001: p. 20).

Estas foram indagações surgidas no intuito de perceber como estava sendo operada ou realizada esta nova atividade na fazenda, pois, o turismo, principalmente em se tratando de sua entrada em comunidades rurais com

suas culturas e tradições, costuma provocar discussões sobre os efeitos e/ou mudanças que ele trará às pessoas e à comunidade local:

*"O turismo tem, reconhecidamente, uma capacidade avassaladora de transformar os lugares (natureza e cultura), mas, **a priori**, isso não é bom ou ruim. Somente as análises de caso podem revelar como, quando e onde o turismo impactou positiva ou negativamente o patrimônio natural ou cultural de um lugar. E, quando se tratar de impactos socioeconômicos e culturais, é preciso ter ciência de que todo o julgamento será permeado por ideologias e que, portanto, aquilo que for considerado negativo por determinado autor poderá ser visto como positivo por outro."* (CRUZ, 2001: p. 30)

Na citação acima a autora expressa de maneira clara uma das maiores dificuldades quando se está analisando possíveis impactos socioeconômicos e culturais dentro do binômio Turismo x Cultura Local. Então, para que a pesquisa apresentasse um resultado cientificamente correto, tornou-se necessário um cuidado redobrado para que paixões ou idéias pré-concebidas ou pré-conceituosas fossem devidamente colocadas de lado para que, no final, por meio de procedimentos metodológicos utilizados na elaboração do trabalho como entrevistas, captação de imagens e diálogos, acompanhamento constante da vida diária dos pantaneiros – nos seus saberes e fazeres – entre outros e, através de um embasamento teórico da pesquisa conseguido através de uma literatura adequada e pertinente ao tema, fosse possível chegar a um resultado final coerente e consistente.

Outro fator fundamental foi o critério adotado para a elaboração das entrevistas. Seguindo as bases utilizadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, todos os entrevistados, deveriam ter nascido no

Pantanal de Aquidauana ou estar morando lá há pelo menos 20 anos, período que o IBGE considera válido, pois, durante este tempo, todas as particularidades, especificidades, tradições e costumes locais são totalmente absorvidos pelos indivíduos, nascidos ou não no local estudado.

1.

Capítulo I

Os circuitos espaciais da pecuária no Pantanal Sul-Matogrossense.

1.1

O desbravamento e a formação das fazendas de pecuária extensiva no Mato Grosso do Sul.

“No Pantanal fundem-se a água, a terra, o gado, a fauna e a flora. Ali o homem branco é o intruso. A largueza dos horizontes, a beleza das noites, a fartura, a imensidão da água, transformaram o pantaneiro em um contemplativo. São poucas e felizes, as pessoas que aprendem com eles a viver naquele mundo hostil e selvagem. A região, pelo seu dinamismo e pelas suas características, não moldou um tipo característico como o gaúcho ou o sertanejo. Isto não lhe diminui a grandeza, mas obriga o observador a procurar as suas origens. Na extensa planície do Pantanal do Mato Grosso, o homem não teve como fugir à influência de seus dois elementos principais: a água e a terra. Tornou-se hábil, engenhoso para muitas coisas, e desajeitado em outras. Acanhado, o pantaneiro adquire uma personalidade exclusiva. (...) Enfim, o pantaneiro é vaqueiro, caçador, pescador, canoeiro. É servil sem rastejar, mas, não podendo se impor ao meio, prefere ser comandado a comandar. Como grupo étnico, aproxima-se mais do caboclo paulista que do mineiro. Tem nas veias o sangue do bandeirante português, do sertanista paulista, e do brasilíndio. É hábil tanto na terra como na água, ágil, não é dado aos rompantes das façanhas gaúchas. Seus horizontes são diferentes. No Pantanal, não há façanhas; o determinante é a façanha de sobreviver, ele próprio e seu gado.” (BERTELLI, 1988: p. 38)

Proença (1997), afirma que “o desbravador foi aquele descendente de índio e bandeirante mameluco paulista, que ia abandonando as lavras exauridas à procura de uma outra ocupação em que pudesse se expandir. Recebendo qualidades predominantes dessas etnias, ele se formou forte (...) Dessa mestiçagem se formou o pioneiro que desceu do Norte para

povoar o sul.” (PROENÇA, 1997: p. 63). Bertelli (1988), diz que pouco se sabe sobre o Pantanal pré-colombiano ou pré-cabralino. A primeira expedição, de Aleixo Garcia, alcançou a barra do Aquidauana com o Paraguai, em 1524. Ainda segundo este autor, o século XVIII foi pródigo em incursões ao Pantanal. Inicialmente, visando a preação dos índios; depois, em 1718, foi descoberto ouro em Coxipó/MT. Seguindo, Sodré nos diz que “as penetrações iniciais no Oeste ficariam ligadas ao ciclo propriamente bandeirante (...) que marca o avanço decisivo das bandeiras e assinala os trajetos nítidos, cortando a região sul matogrossense. (...) A ocupação do sul matogrossense e consequente expulsão dos elementos espanhóis e inacinos que aí se haviam estabelecido, por parte dos bandeirantes paulistas devia constituir o ciclo da Vacaria, nome dado à região compreendida entre o rio Paraná, cabeceiras do rio Pardo e as serras de Maracajú e Amambaí (...) na primeira metade do século XVIII (...)”. (SODRÉ, 1941: pp. 36 e 38).

Embora afirme que, referindo-se à documentação existente sobre “a fase em que interessa propriamente à geografia humana, aquela em que essa expansão, entrando em terras já conquistadas e abertas, produziu cousas apreciáveis, desdobrou centros de condensação, fixou itinerários, acarretou a criação de arraiais, embora pobres e apagados (...)”, se comparada aos arquivos existentes sobre o ciclo canavieiro, a marcha dos cafezais, aos episódios do ouro e das bandeiras, essa permanença quase desconhecida. O autor também afirma que “sobre o desenvolvimento pastoril temos pouca coisa que possa fundamentar conclusões formais e marcar limites e assegurar o desenvolvimento cronológico, como o desenvolvimento numérico.” (SODRÉ, 1941: pp. 55, 56, 57)

Referindo-se à implantação e desenvolvimento da pecuária no Mato Grosso do Sul, Leite diz que “a implantação, expansão e desenvolvimento da pecuária no Mato Grosso, especialmente em sua área sul, ocorreram no contexto de redirecionamento dos capitais bem como subordinada às relações econômicas do Brasil na primeira metade do dezenove. As fazendas de gado foram instaladas, em princípio, às margens das ‘estradas líquidas’ que integram a bacia do rio Paraguai”. (LEITE, 2003: p. 98). Continua, dizendo que sua implantação só foi possível por conta do alocamento de recursos da mineração.

Exploradores espanhóis e os bandeirantes, quando passaram pelo Pantanal, não tinham pretensão no sentido de que houvesse a fundação de um povoado. Suas viagens não tinham essa finalidade: “Os primeiros bandeirantes, que temporariamente acamparam em Cuiabá, não pretendiam por ventura chumbar-se à região que os surpreendeu com o chamariz das suas luzentes pepitas.” (CORRÊA FILHO, 1946: p. 48). A passagem pelo Pantanal era feita por causa dos seus rios navegáveis. Os espanhóis, em busca das minas de prata; os paulistas, procurando o ouro de Cuiabá e aprisionando os índios: “Enquanto os bandeirantes lhes invadiam os domínios com intuits belicosos, mas temporários, para os reduzir ao cativeiro, não se animariam a enfrentá-los.” (CORRÊA FILHO, 1946: p. 50)

“Ao penetrar nos pantanais, o bandeirante sentiria, de começo, o contraste com seu berço planaltino, de paisagens inteiramente diversas, a que se habituara, desde a infância. Não os desejaria para residência definitiva. Varava-os apenas em busca do índio neolítico, sem suspeitar que, de golpe, iria maravilhá-lo a inesperada descoberta das aluviões fartas de Cuiabá.” (CORRÊA FILHO, Virgílio, 1946: p. 101)

Rondon (1972), afirma que “Os primeiros imigrantes que aqui chegaram foram os jesuítas espanhóis que se estabeleceram nas margens dos rios Mbotetey, atual Aquidauana; Itatim, depois denominado Miranda, Itenez que é o Guaporé, noutros pontos, e daqui se afastaram diante da imposição dos bandeirantes paulistas (...) (RONDON, 1972: p. 21)

Referindo-se à construção do espaço de convivência no Pantanal através da pecuária, com a criação extensiva de gado no Centro-Oeste brasileiro, Marques afirma: “O início da indústria pastoril em Matto Grosso data de 1737, quando Pinho de Azevedo, tendo sido encarregado pelo governo de abrir uma estrada que ligasse o arraial de Cuiabá a Goyaz, trouxe na sua expedição os primeiros rebanhos de gado, que logo se aclimaram, tão favoráveis se apresentavam as condições locais para o incremento dessa indústria.” (MARQUES, 1923: p. 149). Corrêa Filho diz que “se já pelo meio do século XVIII a pecuária cuiabana excedia as solicitações do mercado regional, daí por diante, à medida que esmoreciam as minas de ouro, pelo esgotamento das aluviões empiricamente lavradas, maiores esforços, desviados da mineração evanescente, iriam aplicar-se na lavoura e criação de gado, ainda que escasseassem consumidores.” (CORRÊA FILHO, Virgílio, 1946: p. 102)

O Pantanal, com seus imensos pastos nativos – um verdadeiro patrimônio local –, sempre foi, tradicionalmente, utilizado como cria e recria; uma vocação e controle naturais:

“Mantido pela fartura, o gado simplificava a tarefa dos criadores. (...) metodizava também espontaneamente a sua procriação. Não obstante conviverem touros, vacas e novilhos de mistura, nos campos, o instinto só os acasalava em época própria e lhes regulava a parição, limitada normalmente aos meses de seca.” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 31)

Através de literatura pertinente e de diálogos mantidos com vários fazendeiros durante a Pesquisa de Campo, além de concluiu-se que dois fatores principais são os responsáveis pela tradição pantaneira que sempre optou pela atividade de cria e recria e não pela de engorda do gado nas planícies pantaneiras. O primeiro é devido às enormes distâncias que devem ser vencidas para se levar o boi do Pantanal até o frigorífico, para ser abatido. O segundo está no fato de a alimentação do gado no Pantanal é feita apenas através dos pastos naturais, sem nenhum complemento alimentar. Apenas o sal mineral é dado além da pastagem. Isso aumenta sobremaneira o tempo ideal que o boi atinge para ser abatido, se comparado às engordas feitas no planalto.

O gado magro, tradicionalmente, sempre foi levado em comitivas, principalmente para as invernadas de São Paulo e do Triângulo Mineiro, para ganharem peso e, depois, serem abatidos. “O bovino ibérico, trazido pelos colonizadores, gradativamente se adaptou ao ambiente, dando origem ao ‘Pantaneiro ou Tucura’. (...) No início do século XX iniciou-se o transporte a pé de gado magro para engorda em pastagens cultivadas no noroeste paulista e triângulo mineiro, onde as raças zebuínas começavam a ganhar a preferência, em relação às crioulas. Assim, iniciou-se o processo de introdução de raças zebuínas no Pantanal. Gradativamente, o gado Pantaneiro foi substituído pelo Zebu, especialmente da raça Nelore.” (EMBRAPA Pantanal, pesquisado em 2007). Corrêa Filho (1955), afirma que “a mestiçagem com o zebu, e alguns ensaios de gado fino, *Polled Angus*, *Hereford*, *Devon*, já modificaram, em grandes proporções, o rebanho desbravador.” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 29)

Referindo-se às comitivas que tradicionalmente levavam o gado magro do Pantanal a outras paragens para engordar, o Sr. Carlos Magno Mendes Barata, mais conhecido com 'Seu Carlito' afirma, com conhecimento de causa:

"Quem ganhava dinheiro era o invernista. Porque veja só. Pra você criar um bezerro, você precisa do touro e da vaca, certo? Ele fica na barriga da vaca 10 meses. Depois que ele nasce, ele fica no pé da vaca mamando um ano, de dez a doze meses. Quer dizer que já foi dois anos. Aí você tira ele do pé da vaca pra recriar. Passa mais um ano. Aí, já no terceiro ano, vinha o boiadeiro de São Paulo, comprava o boi de três anos, levava o boi, punha num pasto bom e, com um ano, ele ganhava mais do que o produtor. Você sabe que no Brasil o produtor não tem vez. Quem ganha é o intermediário. Então ele comprava um boi magro aqui e, com um ano, ele engordava o boi lá e vendia pelo dobro do que ele pagou. O povo do Pantanal criou muito paulista". (Entrevista com Seu Carlito. Aquidauana, 2005)

Foto 8: 'Seu Carlito'. Trabalhou a vida toda como gerente e guarda-livros de grandes fazendas em Aquidauana, como a Tupaceretã, a Fazendinha e a Guanandy. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, abril/2005.

A formação de enormes fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado no Mato Grosso do Sul foi uma expansão das fazendas cuiabanas e poconianas do lado do norte. Banducci Jr. (2007) nos diz que “se nos séculos XVII e XVIII desbravadores paulistas já percorriam a região, na captura de índios e em busca do ouro, será apenas nos anos de 1800 que a pecuária irá se estender de forma sistemática e contínua pelos campos...” (BANDUCCI JR, 2007: p. 27). Continua, dizendo que logo surgiram saladeros (ou charqueadas), indústrias que produziam e exportavam carne, couro e outros produtos derivados do gado bovino para os países latinos e europeus. Na tabela a seguir, com grafia da época, do livro de A. Marques, de 1923, pode-se ter uma idéia de quão comuns eram estas indústrias na época:

Tabela 3 - Empresas de Charque - Mato Grosso – 1923

Nome da empresa	Município
Saladero Descalvado	Caceres
Saladero Bagoary	Corumbá
Saladero Corumbá	Corumbá
Saladero Rebojo	Corumbá
Saladero Barranco Branco	Porto Murtinho
Saladero Matto Grosso	Porto Murtinho
Saladero Alegre	Coxim
Saladero São João	Poconé
Saladero Cuiabá	Cuiabá
Saladero Pedra Branca	Miranda
Saladero Aquidauana	Aquidauana
Saladero Campo Grande	Campo Grande
Xarqueada Eliseu Cavalcanti	Campo Grande
Xarqueada Salustiano de Lima	Campo Grande
Xarqueada Antônio Ignácio da Silva	Campo Grande
Saladero Rio Pardo	Campo Grande
Saladero Esperança	Campo Grande
Saladero Serrinha	Tres Lagoas
Xarqueada Matto Grosso	Tres Lagoas
Xarqueada Santa Luzia	Tres Lagoas
Xarqueada Villa Velha	Tres Lagoas
Xarqueada Tombo	Tres Lagoas

Fonte: Marques, 1923: pp. 162-164. Organização: José Fonseca, 2009

Neste período, houve também momento de dinamismo muito grande no rio Paraguai, movimentado pelo porto de Buenos Aires. Uma época (entre 1880 e 1920), do período pós-guerra, em que a Argentina teve crescimento econômico quatro vezes superior ao PIB do Brasil. Por conta de suas exportações, principalmente para a Inglaterra, e pela melhoria de vida dos argentinos, ela promoveu um dinamismo no rio Paraguai. “Nessa época apareceu uma doença no gado argentino e como eles tinham compromissos com a exportação, começaram a avançar para o norte, chegando até Cáceres e Cuiabá e na área pantaneira. Isso estimulou muito a criação das fazendas e se sucedeu a um período de organização das fazendas pecuárias cuiabanas, propriedades que buscavam a autossuficiência porque estavam muito isoladas e tinham que fazer até o artesanato, tudo enfim. Eram fazendas escravistas. Depois que elas avançam para o sul, não o são mais.” (Entrevista com Le Bourlegat, 2005).

Diferentemente destas, que foram baseadas no escravismo, as primeiras fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado no Mato Grosso do Sul foram baseadas na peonagem com mão-de-obra indígena e paraguaia. Na fala de Corrêa Filho, “na parte sulina do Pantanal, porém, costumes diferentes resultaram da colaboração de outras componentes étnicas na formação dos vaqueiros. Cadiveus, descendentes dos guaicurús, terenos, e silvícolas de várias tribos supriram a falta de camaradas dos centros civilizados.” (CORREA FILHO, 1955: p. 25).

Sobre este período, Banducci Jr. (2007) afirma que “quando, a partir da região Norte, as unidades pastoris se expandiram através da planície do Paraguai, foi com a força de trabalho destes homens – os escravos e libertos, os trabalhadores ociosos das minas e os mestiços, aos quais se

juntaram mais tarde o indígena e paraguaio – que contaram os primeiros fazendeiros no seu esforço por conquistar o território pantaneiro” (BANDUCCI, 2007: p. 29)

As fazendas do sul vêm do modelo de auto-subsistência e ocupam grandes áreas porque na época da cheia ficam com boa parte de suas terras inundadas:

"E à medida que se enxuga o solo e retornam as águas à calha habitual, de que transbordaram, na época da cheia impetuosa, provocada pelas chuvaradas volumosas em toda a bacia hidráulica, especialmente nas cabeceiras, mais vivaz se mostra o cenário com a proliferação impressionante dos rebanhos (...) Nos rodeios em que se misturam, indiscriminados, bovinos de todos os tipos, de ventre, novilhos de idade vária, surge a bezerrada, como flores buliçosas dos campos em que, meses antes, cardumes de pacus e piranhas podiam ser perseguidos por jacarés vorazes." (CORRÊA FILHO, 1946: p. 33)

Além disso, devido às grandes distâncias dos centros urbanos, ao isolamento e à dificuldade de locomoção, estas fazendas eram chamadas de autarcias, ou seja, uma economia que tem que se auto-garantir. Tinham de ser economicamente autossuficientes e produzir tudo o que necessitavam. Referindo-se às habilidades da maioria dos peões pantaneiros, Banducci Jr. afirma: "Os peões costumam ser excelentes artesãos do couro, definindo inclusive essa habilidade como uma condição básica do 'ser' pantaneiro, ou melhor, dentro de sua perspectiva, é peão do Pantanal não apenas o indivíduo que tem habilidade com o gado e montaria, mas aquele que domina os afazeres ligados ao campo, dentre eles a fabricação dos artefatos para seu trabalho. Trançam 'laços', fazem chicotes, 'arreador', 'peias',

'manhador'." (BANDUCCI JR, 2007: pp. 55 e 58). A cultura pantaneira foi consideravelmente influenciada e moldada por estas características típicas e singulares que acompanham as gerações até hoje:

Foto 9: Horacildo, peão da fazenda São José. É hábil no manuseio do couro, seu passatempo preferido. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 10: Chicote 'Rabo de Tatu' confeccionado na fazenda.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 11: 'Arreador', outro tipo de chicote
feito pelos peões. Fonte: José Fonseca.
Aquidauana, maio/2007.

Foto 12: Laço. Trabalho lento até que seja atingido o comprimento desejado. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

"A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio." (CLAVAL, 2001: p. 63)

A origem da pecuária no Pantanal Sul está nos cuiabanos e poconianos, descendentes de portugueses. Um grupo desceu para a região de Corumbá, no pantanal da Nhecolândia, onde fundaram a fazenda Firme. Outro grupo veio para a região do Taboco, do Rio Negro. E tiveram uma variada contribuição no que diz respeito aos primeiros trabalhadores:

"Quando, a partir da região Norte, as unidades pastoris se expandiram através da planície do Paraguai, foi com a força do trabalho destes homens – os escravos e os libertos, os trabalhadores ociosos das minas e os mestiços, aos quais se juntaram mais tarde o indígena e paraguaio – que contaram os primeiros fazendeiros no seu esforço por conquistar o território pantaneiro." (BANDUCCI JR, 2007: p. 29)

Com a notícia da existência destas terras começaram a vir também gaúchos, paulistas, paranaenses e mineiros. Além disso, havia interesse do governo em povoar a região, principalmente após a guerra do Paraguai (de 1864 a 1870). As famílias foram chegando de outras regiões, fundando fazendas. Misturada à cultura paulista, paraguaia e gaúcha, temos hoje muita influência destas culturas na comida, nas vestimentas, na música e

no vocabulário pantaneiros. O tipo de peão de origem indígena também foi uma presença importante e contribuiu muito para a cultura pantaneira. Proença relata que “o vaqueiro se originou do índio: do guató, do guaná, dos xamacocos e guaicurus, os primitivos donos da terra; também do negro escravo que veio para as minas de ouro e, depois, para as plantações de cana. Acompanhou o desbravador por caminhos vários e, já no Sul, recebeu a influência do sangue paraguaio, absorvendo-lhe os costumes, os traços fisionômicos (...)” (PROENÇA, 1997: p. 63).

Foto 13: Milton Alves, peão de campo. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

Corrêa Filho (1955) diz que “na parte sulina do Pantanal, porém, costumes diferentes resultaram da colaboração de outras componentes étnicas na formação dos vaqueiros. Cadiveus, descendentes dos guaicurús, terenos, e silvícolas de várias tribos supriram a falta de camaradas dos centros civilizados” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 25). Ainda sobre as tribos existentes quando do início da ocupação efetuada, Higa (2004), detalha que “os principais grupos indígenas a ocupar o território da região centro-sul de Mato Grosso do Sul foram: Guarani (dos quais restam os Kaiowá de Dourados), Payaguá (extintos e praticantes do bilingüismo payaguá-guarani), Kadiwéu (remanescentes dos Mbayá-Guaykuru, de língua mbayá) e os Terena (remanescentes dos Guaná, avassalados dos Mbayá-Guaykuru, de língua arawak), sendo estes últimos um dos grupos atualmente mais numerosos e bem estruturados do Brasil.” (Higa, in RUSSEFF, 2004: p. 117). Bertelli diz que entre as principais estavam os Kadiwéu, descendentes dos Mbaya-Guaicurús, (índios cavaleiros do Pantanal); os Terenas, conhecidos pela habilidade na agricultura e no artesanato, e os Guatós, exímios canoeiros. (Bertelli, 1988).

“Sejam quais forem os caminhos percorridos pelos homens pré-históricos que chegaram ao Pantanal, o certo é que os índios legaram à terra muitas contribuições, até hoje manifestadas na dança, música, culinária e nas demais expressões culturais do folclore pantaneiro.” (PROENÇA, 1997: p. 26)

1.2

Pantanal Sul Matogrossense: As consequências sofridas pelo pioneirismo, pelas distâncias e pelo isolamento.

"O grande problema do Oeste é o das distâncias. Elas se colocam, entre os pontos em que a civilização construiu alguma coisa, como hiatos enormes, a deprimir os homens, a tornar impossível o contacto das populações, que faz forte uma comunidade e lhe dá a consciência coletiva indispensável às organizações humanas (...) Através dessas longas distâncias (...) só se encontram pastagens infinitas, grandes rebanhos e poucos boiadeiros. (...) Campos infindáveis em que vaqueiros, com os seus ponchos, destoam do verde igual que os rodeia.(...) As distâncias, essas infinitas distâncias.(...)". (SODRÉ, 1941: pp. 21 e 127)

Sodré (1941), diz o regime pastoril encontrou na região um *habitat* prodigioso e que a necessidade do transporte de grandes rebanhos provocou a abertura dos primeiros caminhos, através destas longas distâncias, "em cujo percurso os dias decorrem monótonos pela uniformidade dos panoramas, só se encontrando pastagens infinitas, grandes rebanhos e poucos boiadeiros." (SODRÉ, 1941: p. 21)

No início, quando grandes fazendas começaram a ser formadas no interior do Pantanal, era comum levarem-se dias para vencer a distância que as separavam das cidades:

"Eu tava com 13 anos. Foi aí que eu desastrei. Eu lachei um touro grande, de cinco anos, maneei. E naquela época – era comum – quando um campeiro via que um outro saía pra laçar um boi, corria na frente pra ver se laçava primeiro pra dizer: 'Tomei aquele boi de você'. Eu era guri, não queria deixar. Eu atropelei daqui, fiz uma cruzada e joguei o laço na meia espada. Quando o cavalo cruzou – o laço era curto – eu tava com um pouco de laço enrolado no braço. Levei o tranco e caí perto do touro. Ele ainda fez menção de vir, mas eu

fiquei quietinho numa moita. Foi quando olhei pro meu braço. Tava preso só por dois nervo, logo abaixo do cotovelo. Quando meu irmão chegou, eu já tava amarrando o machucado com um lencinho que todos nós usava no pescoço e que servia para coar a água das lagoas que muitas vezes era suja. Olhei pro meu irmão e disse que tinha acabado com o meu braço e mostrei pra ele. Ele viu, montou no cavalo e saiu correndo pra pedir ajuda. Quando voltou, um peão amarrou um tento aqui no braço pra não sair muito sangue. Minha mãe estava a uma légua de distância e a fazenda mais próxima, a três léguas. Como minha mãe era a 'médica' da região toda – ela partejava, fazia muitos curativos – me levaram pra lá. Mas quando ela olhou disse: 'Ah! Isso aí eu não faço'. Ela só tirou o lenço e colocou muito iodo pra estancar o sangue. Eles me colocaram numa carreta de boi e me levaram pra Aquidauana. Chispamos. A gente só ia parando nas fazendas e trocando os bois. Levou três dias pra chegar no Taboco. Como às vezes o telégrafo falhava, meu irmão pegou um cavalo e disparou pra Aquidauana. Conseguiu pegar um fordeco do coronel Zelito, que era o único veículo que tinha por lá. Voltou e me pegou. Chegamos na cidade no final do terceiro dia de viagem. Não existia hospital. Só farmácia. O coronel Zelito me levou pra casa dele. O cunhado dele era um farmacêutico muito bom e me atendeu. Fui operado lá mesmo. Cortaram um pedaço do braço. Ficou só um toco, logo abaixo do cotovelo – que era pra eu poder colocar a rédea e o laço – disse o coronel. Fiquei muitos dias me recuperando em Aquidauana.” (Pesquisa de Campo: entrevista. Aquidauana, 2007)

Foto 14: 'Seu Táta Pitoco'. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

O depoimento acima (literalmente transcrito) foi feito por Silvano do Espírito Santo, conhecido em toda a região por Táta Pitoco, durante uma entrevista realizada na cidade de Aquidauana/MS. Ele é filho de pais gaúchos que vieram inicialmente para Amambaí-MS – na época não era uma cidade, mas patrimônio da União – em busca de terras. Quando da elaboração da entrevista, ia fazer 100 anos. Nasceu em um rancho coberto de palha de Acuri na fazenda Proteção, no interior do município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul. Passou grande parte da vida em comitivas, entregando bois na Bolívia.

O relato mostra explicitamente o quão difícil foi a vida dos que se instalaram ou formavam fazendas nos interiores do Pantanal. E esse depoimento foi apenas um dos muitos ouvidos e registrados durante a realização das dezenas de entrevistas efetuadas nas viagens feitas para a elaboração da pesquisa.

O peão de campo da Fazenda São José, Leonardo Alonso, paraguaio da cidade de Conceição, concorda com o 'Seu' Tatá, quando afirma que "o mais traiçoeiro pro campeiro é o laço. Esse é perigoso. Não é pra qualquer um." (Pesquisa de Campo: entrevista. Aquidauana, 2007):

Foto 15: O paraguaio Alonso. Já trabalhou muitos anos em comitivas e atualmente é peão de campo. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2007.

Referindo-se a desconforto, ainda hoje, em determinados locais do Pantanal, normalmente quando se está próximo a algum rio ou lagoa, a presença de insetos em grande quantidade é sentida. Pode-se imaginar como era na época em que as primeiras fazendas foram abertas:

"Não obstante promissores de êxito para atividades bem orientadas, os pantanais bravios não se abriam acolhedoramente aos devassadores das suas peculiaridades, nem depois de contida a agressividade indígena (...) Impunha-lhes, ao revés, iniciação trabalhosa e por vêzes martirizante, que lhes consumia as energias. A mosquitaria em primeiro lugar. Ainda na atualidade, quem pernoite à margem do Paraguai, ou de qualquer dos seus afluentes, não tarda em convencer-se da supremacia sinistra do agressor alado, que pousa aos bandos na pele do paciente, perfura-a com o seu órgão sugador para lhe chupar gulosamente o sangue. Entra-lhe pelos ouvidos, pelas narinas, e até pela boca, à hora das refeições, quando aberta rapidamente para receber a comida, com a qual se mistura, à maneira de condimento inesperado." (CORRÊA FILHO, Virgílio, 1946: pp. 70 e 71)

Não havia estradas, comunicação ou qualquer tipo de conforto, por menor que fosse. Famílias inteiras viajavam em lombos de cavalos, mulas ou em carroças.

"Abrigos provisórios, choupanas, casas-de-pobre. (...) foram os tipos de habitação adotadas nas fases iniciais das nossas cidades." (RONDON, 1972: p. 27)

As casas, melhor dizendo, ranchos normalmente cobertos com palha de acuri, eram da mais absoluta simplicidade. Escrevendo sobre os primeiros fazendeiros que adentraram ao Pantanal, Corrêa Filho (1955), descreve a delicada situação por que passavam estes pioneiros, contrastando com o bom desenvolvimento que ocorria com o gado: "indenes de epizootias, os rebanhos bovinos multiplicavam-se às maravilhas, sem que, todavia, os seus possuidores auferissem vantagens correspondentes. Era-lhes, ao contrário, assaz e penosa a labuta e inteiramente desprovida de conforto, que as suas habitações desconheciam. (...) As paredes de adôbes, quando não barreadas apenas a sopapo, na maioria das casas, alvejavam-se

habitualmente pela caiação. A cobertura de telhas, ou palmas, em duas águas, não evitava o umedecimento interior, durante a época das chuvas, quando pelo chão, de terra batida, ressumbrava a água do subsolo. A carência de camas supria-se pela abundância de rêdes (...) Apenas encostados às paredes, enfileiravam-se canastras e baús, encourados, ou de madeira envernizada. A mobília completava-se com tamboretas e mochos, de armação de madeira, forrada de couro cru ou sola.” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 32). Ainda discursando sobre a casa dos primeiros fazendeiros, Sodré relata que “É paupérrima. Construída de madeira e barro. Madeira, tão somente para a sua estrutura mestra, para suportar as paredes e a proteção. Barro, para vedar essas paredes, o barro úmido, pegajoso, vermelho, dos chapadões, ou preto, plástico, semelhante ao ‘massapê’, das zonas baixas, da planície aluvional. A cobertura não podia deixar de ser humílima, de palha, retirada às pastagens.” (SODRÉ, 1941: p. 125)

Ribeiro relata quão difícil foi o início da ocupação do Pantanal, quando famílias vinham para aquele sertão onde, apesar das belezas naturais, apresentava também uma natureza implacável:

"Como naquele tempo não havia repelentes químicos, para se comer sossegado nos dias nublados que ameaçavam chuva era necessário queimar cascas de jatobá, esterco seco de gado ou farinha seca debaixo das mesas. Jantava-se ao escurecer e logo após, apesar do calor, tinha-se que ir para dentro do mosquitoireiro. Não havia estradas e a condução do homem era o cavalo. Para as famílias com crianças de braço e também a gurizada, só restavam as carretas puxadas a boi. Às vezes as famílias viajavam cem ou mais quilômetros de carreta, com uma marcha morosa, de 20 a 25 quilômetros por dia. Isso quando bem puxado... Mas, como nada que tem valor se faz sem sacrifícios, essa brava gente, não medindo esforços, soube criar essa imensa riqueza sobre a qual se assentou por muitos anos o tesouro do Estado, que é a pecuária pantaneira.” (RIBEIRO, 1984: p. 32).

1.3

O pantaneiro, desde que chegou, não lutou com a terra. Apenas procurou adaptar-se a ela.

"Embora usando métodos diferentes, pode-se dizer que o pantaneiro é, ao mesmo tempo, um botânico, um zoólogo, um astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com a qual aprendeu a conviver, no dia-a-dia. Ao colocar em prática suas experiências testadas secularmente pela relativa margem de acertos, em situações similares, acabou estabelecendo algumas leis empíricas que são arroladas por eles mesmos como experiência de vida."
(NOGUEIRA, 2002: p. 31)

Quando se fala sobre o Pantanal, invariavelmente, o assunto predominante gira em torno da diversidade dos animais, da natureza exuberante que existe por lá, com suas 650 espécies de aves já catalogadas, 262 de peixes, 120 de mamíferos, 50 de répteis, 1.100 de borboletas. Com respeito à flora já foram identificadas 1.700 espécies de plantas (EMBRAPA - 1997).

"Nas abordagens teóricas sobre sustentabilidade ambiental, a cultura é mencionada com frequência e é considerada um indicador importante para a conservação de um ambiente ecologicamente equilibrado, principalmente no que concerne às práticas de grupos que conseguiram, ao longo do tempo, produzir conhecimentos sobre os ecossistemas que habitam, garantindo a manutenção da vida e da paisagem natural e cultural." (ROSSETO E BRASIL, 2002: p. 15)

Em meio a toda essa diversidade natural que levou o Pantanal a ser considerado um dos mais importantes santuários ecológicos da Terra – foi declarado *Reserva da Biosfera Mundial* e *Patrimônio Natural da Humanidade* pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2000 – existe a presença de uma figura que foi imprescindível e teve grande importância tanto no desbravamento como na preservação e manutenção deste cenário e que, através dos tempos, manteve sempre uma delicada união entre Sociedade e Natureza.

Nas palavras de Sodré, "(...) não houve, e não há, no Oeste, a luta entre o homem e a terra. (...) A adaptação do homem ao ambiente, no Oeste, se fez quase que automaticamente. Ele se amoldou, vinculou-se, conciliou-se com o meio. (...) Estabeleceu um 'modus vivendi' em que não houve choques, conflitos, contradições. A sua posição, em relação à natureza, não foi de domínio nem de servidão. Viveu lado a lado. (...) Não busca alterar as suas condições. Não sofre com as suas mutações. (...) O único fenômeno marcante é a inundação." (SODRÉ, 1941: pp. 118, 121 e 122)

O pantaneiro, desde sua chegada, procurou adaptar-se à exuberante, mas ao mesmo tempo frágil, complexa e implacável natureza do Pantanal.

"Pantanal é um sistema ecológico que não se completa apenas com o conjunto de uma ave-fauna e de uma flora variadíssimas. Muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, bagualeiro, balseiro, pescador, etc."
(NOGUEIRA, 1990: p. 12)

"A noção que o pantaneiro tem de seu meio é fruto de um convívio intenso que mantém com os animais e plantas, sobre os quais possui um

conhecimento respeitável” (BANDUCCI JR, 2007: pg. 160). Esta necessidade e procura constantes pela adaptação ao meio em que vivia – não tentando modificá-lo – contribuiu consideravelmente para formação de sua cultura e para o fortalecimento de suas tradições, proporcionando um relativo equilíbrio com o meio ambiente (BANDUCCI, 2007):

“Ser pantaneiro’ passa por atitudes como compartilhar saberes, saber fazer algo que não é qualquer um que faz, ainda mais se não foi educado na ‘moda pantanal’, isto é, com base nos mais tradicionais. Desses valores destacam-se, principalmente, honra ao nome, respeito aos mais antigos e coragem no enfrentamento das surpresas e dificuldades da vida.” (FERNANDES, 2002: p. 58)

No Pantanal, a vida acontece mais devagar, ou melhor, a velocidade do tempo parece seguir um ritmo próprio, como se acontecesse apenas naquele lugar. Não há pressa. Nem para fazer, nem para andar, nem para comer, nem para falar:

“O peão pantaneiro levanta cedo, de madrugadinha, quando a barra do dia vai saindo. Logo encilha o cavalo. Pega a tralha de fazer o mate quente. Prepara, ferve a água na fogueira de chão e bebe. Em seguida, vai tomar seu café da manhã reforçado, seu almocinho ou quebra-torto. Pode comer arroz carreteiro, carne com farinha, leite, café, mandioca, chipa, carne-seca (oleada) com mandioca cozida, bolo. Sai pra lida. Voltam pro almoço. Se for pra longe leva comida. Pega água no corixo, que é mais limpinha, para o arroz e o tereré, que mata a sede e limpa a garganta da poeira.” (Entrevista com Nogueira, 2005)

Foto 16: Antes do 'quebra-torto', ainda madrugada, o mate quente é preparado. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, outubro/2007.

Parece que tudo ali segue o andar cadenciado dos bois sinuelos³ de uma comitiva ou a movimentação tranquila das águas de uma vazante deixando lentamente os campos alagados no final da cheia. A declividade é pouca; a velocidade é lenta. Uma das poucas ações rápidas que se vê no Pantanal é a do peão rasgando os campos com seu cavalo galopando atrás de algum bagual⁴ em fuga:

³ Bois Sinuelos – Lote de gado manso habituado ao curral, e que se emprega como guia dos animais xucros. Boi manso que vai à frente da boiada.

⁴ Bagual - Animal arisco e bravio, criado à solta, sem nunca vir ao mangueiro. Os dicionários registram o termo bagual referindo-se ao cavalo. No Pantanal, emprega-se também em relação ao gado bovino.

Foto 17: Um dos raros momentos em que se observa um pantaneiro 'com pressa'. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Fora isso, o andar é sempre calmo, a conversa segue devagar, fala-se baixo e em um ritmo constante, sem altos e baixos.

Vale aqui um destaque especial para o cavalo pantaneiro. Ele é o único que agüenta todas as especificidades da lida com o gado no Pantanal, principalmente, quando se refere ao trabalho constante em áreas encharcadas:

"Ágil, veloz e de boa boca, bom temperamento, acostumado a uma região de variações extremas de temperatura e umidade, adaptou-se pela seleção natural. É um cavalo de lida com o gado, um campeiro como o Quarter Horse ou o Crioulo."
(BERTELLI, 1984: p. 223)

Foto 18: O casco do cavalo pantaneiro é extremamente duro, o que o torna resistente ao constante trabalho em áreas alagadas. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, outubro/2007.

Foto 19: Raça forte, ágil e resistente. Ideal para o trabalho pesado nos campos. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 20: Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 21: Exemplar de cavalo pantaneiro. Este garanhão selvagem é usado apenas para reprodução na fazenda. Fica separado com cinco éguas – sua família – numa grande área reservada. Nenhum outro animal – égua ou cavalo – aproxima-se dele, caso contrário, o ataque será violento. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Uma raça robusta que, entre outras aptidões, é muito resistente, agüenta o calor excessivo e o trabalho extremo, é rápido, consegue pastar com a cabeça debaixo d'água, além de ter os cascos muito duros, que não se deterioram em virtude do constante contato com a água, fato comum durante os meses de cheia. Qualquer outra raça não agüenta. Quanto à sua origem, Bertelli (1984), afirma que na área do Prata foram abandonados em 1541, 44 animais andaluzes por D. Pedro de Mendoza. Em 1546, Dom Álvaro Nunes Cabeza de Vaca introduziu, no Paraguai, 46 animais andaluzes. Continua, dizendo que, posteriormente, estes dois lotes foram abandonados e retornaram ao estado selvagem.

Foto 22: Cavalo pantaneiro. Trabalho duro seja na seca ou na cheia.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Interessante o tratamento que o peão dispensa à montaria. É como se um fizesse parte do outro. É uma relação de respeito e confiança. Tanto é verdade que nunca um peão usará a montaria de outro. É o bem mais precioso que ele tem. O peão pantaneiro reconhece sua importância e, montado nele, torna-se senhor absoluto do Pantanal. Barros Netto (1979), descreve:

"(...) Sente-se ali como o rei dos pantanais. Sua personalidade humilde à presença de seus semelhantes, torna-se altaneira e dominadora ao deparar-se com o ambiente que lhe é familiar. Sente-se senhor absoluto da natureza, onde todos lhe são submissos. O raciocínio rápido demonstrado na doma do potro ou nas laçadas dos baguais, os olhos de lince ao divisar prontamente a caça oculta na macega ou rês doente na vaquejada, dão-lhe a certeza do poderio oculto de um verdadeiro conhecedor de cada passagem mais razeira das vazantes ou do varador mais fácil dos cerrados. Ao encilhar o cavalo demonstra toda afeição ao animal. Primeiramente passa as mãos sobre o lombo como que acentando os pêlos e acariciando o amigo; baixeiros e caronas bem acomodados sob o arreio arção de ferro; cuida para não maltratar seu 'montado' com um aperto demasiado da cincha, esta suficiente reforçada para sustentar a presilha o laço na cinchada do orelhano. Uma palmada na 'baldrana' é necessária como que para certificar-se de que tudo está certo, nos seus devidos lugares. Jamais deixa de levar o laço na garupa. Tem-no assim como a 'Carta' de vaqueiro. Encilhado está a sua disposição um amigo que, dócil, ali está à espera de que o monte. O autêntico vaqueiro pantaneiro estima sua Terra, assim como ama sua família; ama seu cavalo (...). Há que procurarmos preservar esses sentimentos do homem do campo..." (BARROS NETTO, 1979: p. 158).

O autor tem razão na maneira como descreve o sentimento que o peão tem em relação ao seu cavalo. Basta observar seus movimentos, sua feição, a posição altaneira que fica quando está sobre sua montaria, seja durante a lida com o gado, no galope atrás de um boi fugitivo, ou num calmo e tranqüilo cavalgar pelos campos. José Moreira, ou Chôto, como é chamado pelos companheiros, 58 anos, é o capataz da fazenda São José. Ele descreve, na sua simplicidade, porém sabedor pleno dos saberes e fazeres de um peão pantaneiro, como é o sentimento entre ele e seu cavalo: "O cavalo que é o montado da gente é só montado da gente. Por isso cê não dá pra outro montá porque ora, cê dá pra outro, ele pisa aquele cavalo, machuca o lombo. Então cê já tem que tê o montado certo. Cada companheiro já tem seu montado. Um pra de manhã, outro pra de tarde. Pra descansá o animal". (Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2007).

Foto 23: José Moreira, o Chôto, é o capataz da Fazenda São José. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

1.4

As competições de 'Laço Comprido' são uma das tradições pantaneiras.

Os Clubes do Laço estão presentes em quase todas as cidades pantaneiras. Nestes clubes, são organizadas competições onde participam peões de fazendas localizadas em cidades do estado do Mato Grosso do Sul. A principal acontece no mês de novembro. É a 'Copa do Laço', onde se encontram os peões laçadores que obtiveram as melhores colocações em todas as provas do ano. Normalmente tem a duração de três dias e reúne centenas de participantes. É um importante momento de confraternização e de demonstração de perícia por parte dos competidores, pois entre outras dificuldades, a maior está no fato de que nenhum dos novinhos tem cifres, ou, se tem, são minúsculos.

Foto 24: Competidores aguardam o momento da chamada. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 25: Concentração na hora de soltar o laço. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 26: O momento exato da soltura do laço. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 27: Nos primeiros metros do laço de competição são colocadas, internamente, minúsculas esferas de metal. Este procedimento aumenta o peso e, consequentemente, a velocidade do laço quando é jogado. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 28: A corrida é veloz, pois a distância entre a largada e a linha que demarca o limite até onde o laço pode ser jogado é curta. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 29: O laço foi arremessado. Sincronismo entre peão e montaria. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 30: A chuva e a pista encharcada dificultam ainda mais o trabalho do peão. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

As fazendas organizam suas equipes e as enviam para as competições. As provas ocorrem durante todo o dia. Cada equipe monta o seu acampamento. É um desfile de comidas típicas. Uma oportunidade única para conhecer e saborear a tradicional e substanciosa culinária pantaneira, como por exemplo, a sopa paraguaia - que na verdade não é uma sopa, mas sim uma torta salgada que tem como ingredientes principais o fubá e o queijo minas -, a chipa - o pão-de-queijo pantaneiro. O churrasco, com suas variantes, e o tereré são presenças obrigatórias. A mandioca amarela cozida é outra iguaria com presença certa nas barracas. Ela é um acompanhamento constante em todas as refeições do pantaneiro, desde o café da manhã. Por isso é também conhecida como teimosa, pois vai e volta à mesa varias vezes.

Foto 31: Todas as equipes montam seus acampamentos próximos uns aos outros. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Além disso, o visitante é rapidamente envolvido pela hospitalidade pantaneira. Conforme vai caminhando por entre os diversos acampamentos montados, é comum receber convites para que se aproxime e saboreie um pedaço de carne, um doce ou um tereré para matar a sede.

Foto 32: O churrasco não pode faltar. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

As prosas e os causos, tão comuns entre os pantaneiros, correm soltos. Depois da primeira apresentação é desencadeada uma série de outras seguidas, e assim o dia passa.

Quando da visita a uma das edições do evento – com a duração de três dias – foi possível observar, participar e aprender consideravelmente sobre a

cultura local. Os vocabulários e expressões normalmente utilizados, a facilidade em iniciar-se uma prosa, os longos e cativantes relatos de causos, sejam estes sobre acontecimentos sobrenaturais, aventuras, viagens, relatos de ocorrências em comitivas, os cuidados especiais que dedicam as suas montarias e a sua tralha, suas preferências musicais.

Foto 33: A prosa é envolvida por um cenário tipicamente pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

À noite é preparado um grande churrasco comunitário que será acompanhado de músicas típicas, principalmente, guarânicas e polcas paraguaias, ritmos de origem gaúcha como o vanerão e o chamamé, além de modas de viola. O baile segue até a madrugada.

Falando em tereré – a bebida mais popular e mais consumida em toda a região – ele simboliza muito mais do que o simples fato de matar a sede. O Tereré, presente no dia-a-dia de qualquer pantaneiro, seja na fazenda ou na cidade, é o seu cartão de visita, a sua marca registrada. Ele realmente mata a sede – como já foi mencionado. É um tipo de chá feito com a infusão de uma erva específica, a erva-mate - *Ilex paraguariensis* – de origem guarani. É tomado tradicionalmente numa guampa feita de chifre de boi com água fria ou gelada e sugado com a bomba.

Foto 34: O tereré é a bebida mais tradicional do pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Mas o tereré, ou a 'Roda de tereré', tem uma função mais abrangente, pois, além de seu efeito fisiológico, promove uma integração e uma interação entre os participantes da roda. Quem participa de uma roda de tereré percebe que os assuntos são dos mais variados temas. Não existe uma regra sobre o que será conversado. A prosa simplesmente flui enquanto a guampa vai sendo servida e rodando entre as pessoas. Na cidade, servem para fazer apresentações, comentar notícias, acontecimentos e novidades, seja sobre que assunto for.

Entre os peões ela acontece normalmente duas vezes ao dia: lá pelas 10h30 e depois, no meio da tarde, a parte mais quente do dia. Eles procuram uma sombra, sentam e preparam a guampa. Trazem a água da fazenda ou, dependendo do lugar, pegam em um corixo próximo. Devido às grandes distâncias que percorrem e ao fato de às vezes trabalharem separados - em duplas ou pequenos grupos - é nesse momento que aproveitam para, além de descansar, compartilhar informações importantes como a localização de uma cerca arrebitada, o encontro de um boi machucado ou de um bezerro desgarrado, a batida (pegada) de uma onça, etc. Todos ficam cientes de tudo o que se passa, em todos os cantos da fazenda e podem, a partir daí, tomar as devidas providências. Percebe-se aqui a importância e toda a abrangência que envolve uma roda de tereré. Guardadas as proporções, poderia ser chamada de '*Internet Pantaneira*'.

Tradicionalmente, há certas peculiaridades a serem seguidas numa roda de tereré. Por exemplo, apenas uma pessoa servirá a todos e ela não se levantará para entregar a guampa; o próximo a ser servido é que deverá vir buscar. Tal é a força de sua tradição que foram criados os 'dez

mandamentos', que devem e são seguidos por quem participa de uma roda de tereré:

Os dez mandamentos do tereré

1. Não cuspa o tereré.
2. Não mexas na bomba.
3. Nunca colocar açúcar na água.
4. Não digas que o tereré é anti-higiênico.
5. Não deixes um tereré pela metade.
6. Não te envergonhes do "ronco" no fim do tereré.
7. Jamais chamar uma guampa de cuia.
8. Não alteres a ordem em que o tereré é servido.
9. Não "durmas" (demore) com a guampa na mão.
10. Tomar tereré todos os dias.

Parece complicado, mas não é. Aprende-se facilmente. Basta o visitante inexperiente observar os participantes da roda. Mesmo porque, se for convidado a participar e eles souberem que a pessoa não conhece as regras, que é novato, alguém gentilmente comentará rapidamente sobre as 'lições' básicas, antes de começar a servir. Quando estiver satisfeito, basta dizer 'obrigado'. Caso contrário, quem estiver servindo continuará a fazê-lo. Léo Wenóli, diretor de marketing e *e-commerce* da Tereré Shop, localizada em Campo Grande, afirma que "o tereré é isso: sinceridade, amizade e companheirismo." O tereré está tão presente na vida dos pantaneiros que poesias já foram dedicadas a ele, conforme pode-se ver a seguir:

Poesia Tereré

(Moñi Ledesma)

Segue de mão em mão
De roda em roda
De toco em toco
Uma guampa
Uma jarra
Num instante poesia
Noutro tereré.

Tereré

(Autoria desconhecida)

É um item à parte. Exclusividade local.
Costume paraguaio.
Ajeite a erva na guampa (de chifre, não de cabaça),
firme o bico da bomba
e deite a água da chaleira. Gelada.
Sirva pela direita,
sem levantar de onde está.
O conviva é que vem buscar
e depois devolver. Deite mais água
e sirva o seguinte.
Complete a roda, sirva e tome o seu.
E continue. Até o último agradecer.
Não tem coisa melhor
pra combater o calor.
A erva mate crua, quando de qualidade,
é um santo remédio para muitos males.
É indispensável quando se está
na lida do campo, sol a pino,
longe de todo lugar.
Ou então na cidade, pra aliviar a pressão.
Seja do trabalho, da falta de trabalho
ou do trabalho escolar. É muito bom também
como desculpa de paquera.
Ou só pra conversar.
Em Campo Grande
não tem crise: Qualquer coisa,
relaxa. Vai aí no tereré!

Nos versos das poesias acima assim como nas letras das músicas mostradas a seguir é possível perceber a narração de várias situações típicas pantaneiras, referenciadas pela bebida mais tradicional do Pantanal:

Roda de tereré

(Grupo Zíngaro)

Prove um tereré
Pode quem quiser
Nessa roda entrar
Ouça o chamamé
Desses que faz a gente arrepiar
Minha tradição
Solte o coração como lhe convém
Vem provar do doce
E amargo que essa erva tem

Faz muito calor tome um tereré
Seja lá quem for
Pode quem quiser
Traz um violão
Com o coração cante um chamamé

Um tiro de laço
Ser bom de braço eu já provei
E nessa armada tenho certeza que não errei
Ponto positivo
E tenho fé
E depois da prova eu vou pra roda de tereré

Alma Guarani

(Zédu)

Teu céu azul sabe o sorriso de um amor
A paisagem tem perfume de pequi
Verdes mangueiras, carandás, ipês em flor
Um dos estados mais lindos do meu Brasil

A nossa música convida prá rodar
A nossa roda é regada a "Tereré"
Neste compasso você pode deslizar
Guarânia, Polca, Rasqueado e Chamamé

Mato Grosso do Sul, terra da guavira
Da Polca Paraguaia, do churrasco no quintal
Roda de Tereré, no lindo pôr do sol
Dos rios e das matas, do formoso Pantanal

Aqui o sol se mostra o dia inteiro
E a lua cheia é a mais bonita de assistir
Na longa história: Nativos e Forasteiros
A nossa terra tem a "Alma Guarani"

Mato Grosso do Sul, é muito bom te amar
O baile da alegria vai até o sol raiar
Mato Grosso do Sul, é bom viver aqui
A nossa terra tem a "Alma Guarani"

Foto 35: Devido ao calor, é comum o tereré ser servido fora de casa, no quintal ou na calçada mesmo. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 36: Alguns tipos de guampa. Ao centro, a tradicional feita de chifre. A da esquerda é de chifre revestida com couro e a da direita, mais moderna, é de alumínio, também revestida com couro. Fonte José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

1.5

Além das belezas naturais, o Pantanal sempre foi conhecido pela piscosidade dos seus rios.

"A pesca é uma das principais atividades econômicas, sociais e ambientais realizadas no Pantanal e em toda a Bacia do Alto Paraguai em Mato Grosso do Sul nas modalidades profissional-artesanal, amadora (= esportiva) e de subsistência."
(CATELLA, 2006: p. 2)

Conforme Amâncio (Embrapa Pantanal, 2009), os pescadores profissionais artesanais fazem parte da tradição e da cultura pantaneira. São pessoas simples que tem na pesca a base de sua alimentação e sustentação; são moradores e guardiões dos rios do Pantanal. Conhecem a dinâmica dos rios, dos bichos, dos peixes, das plantas, das atividades econômicas com melhor aptidão para a região. São, muitas vezes, parceiros dos pecuaristas, oferecendo seus serviços como caseiros de portos, empregados e diaristas em fazendas:

"Os pescadores profissionais artesanais do Pantanal são os detentores do chamado "Conhecimento Ecológico Tradicional", um saber que foi acumulado ao longo de muitas gerações, no entendimento da pesca e da ecologia da região. Em nível mundial, esse conhecimento vem sendo cada vez mais considerado nas formulações de políticas de uso de recursos naturais, devido à sua capacidade em contribuir para a conservação e recuperação ambiental." (COMASTRI FILHO, 2009: p. 1)

Silva (EMBRAPA, 1986), afirma que os pescadores que mais contribuem na produção trabalham revezando-se nos pesqueiros, acampados por um período de oito a dez dias, com cerca de seis dias de intervalo. Os barcos e equipamentos de pesca pertencem, em sua quase totalidade, aos intermediários, que direcionam a exploração basicamente para as espécies consideradas nobres, como o pintado, o dourado, e o pacu. A pesca ocupa um contingente humano muito acima do que se pode imaginar, pois as famílias dos pescadores raramente são compostas de menos de seis pessoas. Mais cético quanto à atuação e continuidade deste tipo de pesca tradicional mencionado acima – a dos pescadores de rancho⁵ - Bertelli afirma que no final da década de 40, a oferta cada vez maior do petróleo “determinou uma mudança radical na forma de pesca do Pantanal. Surge o pescador profissional de frigoríficos. (...) os pescadores de rancho se transformaram em pescadores de barcos.” (BERTELLI, 1988: p. 37).

Um relatório da EMBRAPA Pantanal (2001), *O Monitoramento da Pesca no Pantanal do Mato Grosso do Sul*, elaborado por Catella, mostra a importância do peixe e da pesca e o que representam para o Pantanal. Ele afirma que além de seu papel ecológico, os peixes têm grande importância sócio-econômica, explorados pela pesca no Pantanal. Ressalta que os

⁵ Pescadores de Rancho – Os pescadores deslocavam-se para os ranchos da beira do rio, nas temporadas de peixe. Sempre levavam a família ou uma comitiva. Quando viam que a pesca ia compensar, levavam capivaras a fim de engordá-las para posterior abate. No próprio local, salgavam o peixe e aguardavam os compradores. Utilizavam o arpão, o anzol e alguns tipos de armadilhas, mas não usavam o timbó*, nem redes ou tarrafas.” (Bertelli, 1988, p. 82).

* Timbó - De uso comum entre os índios. Um tipo de um cipó que, após macerado, era batido várias vezes na água, liberando uma seiva tóxica. Depois de algum tempo, os peixes começavam a boiar, quando então eram capturados. (Pesquisa de Campo, 2007)

pescadores profissionais detêm um conhecimento extraordinário sobre a ecologia do Pantanal, ensinada de pai para filho há muitas gerações, e que, através desses ensinamentos, aprenderam a identificar cardumes de peixes e o seu deslocamento observando a superfície das águas, a conhecer o habitat, o horário ideal, qual a época do ano, qual o método e isca específicos para capturar cada espécie. Além disso, fabricam os próprios instrumentos de pesca como canoas, redes, tarrafas e anzóis, levantam acampamentos aproveitando os recursos locais, utilizam várias plantas nativas para remédio, fibras, conhecem as propriedades de muitas madeiras para diversas finalidades e os hábitos de vários componentes da fauna da região. Atualmente as três modalidades referentes à pesca no Pantanal são:

- Pesca de subsistência;
- Pesca amadora ou esportiva;
- Pesca profissional artesanal.

Há muito tempo existe uma tendência a se relacionar pesca profissional com pesca predatória no Pantanal. É fato que os estoques pesqueiros, em alguns rios do Pantanal, diminuíram consideravelmente nas últimas três décadas. Mas essa diminuição não se deve apenas à pesca profissional, mas também, à chamada pesca amadora ou esportiva, que vem aumentando a níveis bem elevados nos últimos anos. Um relatório da EMBRAPA Pantanal, publicado em 1986, afirmava: “Estima-se que a quantidade de peixes capturados pelos pescadores amadores (turistas) seja equivalente à da pesca profissional”. (SILVA, 1986: p. 11)

Posteriormente, através de pesquisas realizadas quando da criação do Sistema de Controle de Pesca do Mato Grosso do sul – SCPESCA/MS – nos anos de 94 a 1999, que visava, entre outras ações, obter uma caracterização geral da pesca no Pantanal Sul-Mato-Grossense, constatou-se que “a participação atual da categoria profissional está em torno de 20%, ao passo que a da pesca amadora está em cerca de 80% do total pescado extraído dos rios do Pantanal de Mato Grosso do Sul.” (Revista Brasileira de Ecoturismo, 2009: p. 207).

Uma das principais e mais delicadas ocorrências relacionada à pesca predatória, seja ela exercida por profissionais ou por pescadores amadores (esportivos), é aquela onde a pescaria é praticada no período do *defeso*, ou, como é popularmente conhecida, na época da *Piracema*. Este é, sem dúvida, um crime que traz conseqüências terríveis para o meio ambiente, mas que é, infelizmente, constantemente praticado. Todos os anos são noticiados pelos meios de comunicação uma quantidade enorme de material apreendido – barcos, redes, tarrafas, às vezes até bombas – além de centenas de pescadores autuados e alguns presos. Como na época da Piracema há uma grande concentração de peixes subindo os rios, isso torna a sua captura um exercício feito sem o menor esforço. Em alguns locais, certamente conhecido de antemão por todos os pescadores – como em um determinado local do rio que antecede uma queda d’água que os peixes tentarão vencer – a quantidade é tamanha que, sem nenhuma alusão às famosas ‘Histórias de Pescador’, poder-se-ia pegá-los com as mãos. É indescritível. Quando se está na beira de um rio e um cardume de curimatás passa, aos milhares, nadando contra a correnteza, além de se

poder assistir a um evento natural de rara beleza, é possível também ouvi-lo. Isso mesmo. O barulho que os machos fazem soa como um ronco grave e alto, difícil de descrever. Chega a assustar quem não sabe do que se trata.

Há certa ordem natural na subida dos peixes. Normalmente, a sequência das espécies é a seguinte: Os 'Curimbas' ou curimbatás são os primeiros; em seguida aparecem as Piraputangas e os Lambaris; estes são seguidos pelos Pacus e, depois, chegam os Dourados, os reis dos rios pantaneiros. Em seguida chegam os peixes de couro como Surubins – Pintados e Cacharas - e, finalmente, os enormes e cabeçudos Jaús.

Na página seguinte um quadro com alguns detalhes sobre a Piracema:

Tabela 4 – Algumas informações sobre a Piracema

Piracema é uma palavra indígena que quer dizer:

Pirá = Peixe

Cema = Saída, agitação, cardume.

Seja qual for a definição literal encontrada, todas se convergem a um só significado: a subida dos peixes contra a correnteza dos rios, em busca de suas cabeceiras, visando a reprodução da espécie. É um momento mágico que acontece nos rios pantaneiros. Na época em que a Piracema ocorre a pesca fica proibida. Com pequenas variações quanto à data de início – ela depende do início das chuvas – normalmente a data oficial fixada por lei é de novembro a Fevereiro do ano seguinte. Para o período referente a 2009/2010, ficou assim definida a data do defeso:

Defeso (Piracema)

2009 – 2010

Bacia	Início	Término	Estado
Bacia Paraguai	05/11/2009	28/02/2010	MT e MS

Neste período, apenas duas modalidades são permitidas:

- A pesca científica, orientada para pesquisas;
- A pesca artesanal praticada por populações ribeirinhas, desde que desembarcada (de barranco), para garantir a alimentação familiar, sem fins comerciais. Mesmo assim, devem respeitar uma cota diária de três quilos ou um exemplar de qualquer peso.

Durante o período do defeso, devido à proibição, os pescadores (comprovadamente) profissionais e devidamente cadastrados recebem um salário mínimo por mês (Programas e Seguros Sociais no Brasil).

Fonte: IBAMA - Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis.
Organização: José Fonseca, 2009.

Para se ter uma idéia da seriedade com que o assunto é tratado, o quadro abaixo mostra algumas apreensões efetuadas pela Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul – Comando de Policiamento do Interior – 15º Batalhão da Polícia Militar Ambiental desde o período de defeso 2003/2004. Até a Piracema 2008/2009, os números são totais. Na piracema 2009/2010, os números apresentados foram computados até o dia 05/02/2010:

Tabela 5 - Apreensões efetuadas pela PMA/MS nos períodos de defeso de 2003/2004 a 2009/2010 (Nov. a Fev.)

Apreensões	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	09/10***
A. I. SEMA*	8	3	0	0	83	81	52
A. F. Deleg.**	34	51	45	62	74	81	47
Pesc. Apreendido	2294,8	2190	1685,1	2126	1930	2341	1329
Anzóis de galho	135	1272	972	1265	1350	1092	1347
Barcos	12	14	11	12	17	21	14
Carret/Molinetes	25	46	31	40	48	63	33
Caníços	18	24	31	30	48	84	48
Canoas	5	12	9	15	7	13	5
Espinhéis	4	227	12	48	26	61	61
Freezers	5	8	11	6	12	7	2
Iscas (un.)	0	939	0	10	52	700	0
Motor de Popa	11	17	13	18	15	22	14
Redes	57	130	91	123	91	195	98
Veículos	3	3	3	29	23	21	12
Tarrafas	2	58	32	62	46	39	37

*Auto de Infração SEMA – Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

**Auto Flagrante Delegacia.

***Números computados até 5/02/2010

Fonte: 15º Batalhão da Polícia Militar Ambiental / MS – PMA/MS – Org. José Fonseca, 2010.

1.6

Nas comitivas o ponteiro conhece muito bem os perigos que podem aparecer pelo caminho.

"A trajetória histórica das comitivas (...) patenteia a lentidão de histórias assombradas pelo aceleração dos tempos recentes. É na viagem que se dá o momento de produção das práticas que consolidam e refazem a tradição, revestindo o trabalho das comitivas com couraças parcialmente resistentes ao 'mundo novo'." (LEITE, 2002: p. 193)

Foto 37: Comitiva com 1100 cabeças. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, agosto/2004.

Uma das maiores tradições do Pantanal são as comitivas. Leite afirma que “as comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil.” (LEITE, 2002). São mais frequentes as que levam entre 900 e 1200 bois.

Foto 38: Peões à frente da boiada. Comitiva levando 950 bois. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

Elas viajam há muito tempo por lá conduzindo gado, seja de uma fazenda para outra, dentro da própria fazenda, levando gado para leilões e frigoríficos ou para serem embarcados nos caminhões, as chamadas gaiolas boiadeiras, que normalmente aguardam em propriedades mais próximas às cidades, onde encontram melhores acessos, pois no Pantanal não entra gaiola boiadeira.

Ela pode ficar na periferia, nas estradas, mas lá dentro elas não entram; nem na seca nem na chuva. É impossível. O terreno não permite.

As comitivas também têm um importante papel que é o de preservação da cultura do pantaneiro, a sabedoria popular local. Devido ao tempo e ao conhecimento adquirido depois de tantas viagens transportando gado, os integrantes de uma comitiva sabem prever ou antecipar-se a situações que dificilmente seriam percebidas por quem fosse inexperiente no serviço e que, caso ocorressem, poderiam colocar em risco os peões e a boiada.

De todos, o mais experiente é o ponteiro, o peão que vai à frente; o chefe; o único que toca o berrante. Utiliza-o durante todo o percurso, emitindo diferentes toques, todos prontamente reconhecidos pelos integrantes da comitiva:

"O Ponteiro lá na frente afinava de ensaio, a bôca no berrante. (...) Arrumando, a gritos e relhadas, assovios e palavrões, os peões da comitiva rebelavam o rebanho para o sinal da arrancada. A gritaria uníssona da peonagem avisava o Ponteiro de tudo pronto para partir. Lá na frente (...) regeu a orquestração da arrancada. (...) Nem mais um boi deitado. A boiada pegava melhor a cadência do Ponteiro que temperava a berrante o ritmo da marcha. (...) De quando em quando, mais como um suspiro do peão, vontade de desabafo, o berrante gorjeava uma saudade que para trás reboava longe, pra onde o céu abraçava a terra." (OTERO, 1958: pp. 72, 73, 76 e 77)

Conhece muito bem o tempo apenas com a observação, sem o uso de nenhum instrumento ou tecnologia. Ele sabe quando vai chover, se vem temporal ou só um chuveiro, se vai fazer muito sol ou apenas mormaço. Aprendeu o momento certo para atravessar um rio e em que parte dele fazê-lo em segurança. Pelo costume, normalmente consegue se antecipar aos perigos e perceber, por exemplo, a presença de um bicho perigoso por perto, como onça, ou uma colméia de abelhas – e podem aparecer muitas pelo caminho. Estes, entre muitos outros conhecimentos, são o grande aliado da comitiva para se tentar evitar a pior coisa que pode acontecer quando se está conduzindo um lote de centenas de cabeças de gado: o estouro da boiada. Parece apenas letra ou título de música, mas não é. Quando acontece, torna-se uma situação de extremo perigo. Segundo relatos de peões, além das situações mostradas acima, raios e trovões também podem provocar o desastre.

Outra situação comum quando se está conduzindo gado ocorre quando a boiada está atravessando o asfalto. Alguns motoristas não têm paciência de andar devagar enquanto passam por ela. Então, o som de um escapamento ou de uma buzina pode provocar o estouro. Para evitar isso, nessas ocasiões, vão dois bandeirinhas. Um bem lá na frente e outro atrás, sinalizando para os motoristas, avisando a presença de comitiva.

A estrutura de uma comitiva, dependendo da quantidade de bois, pode alterar um pouco quanto ao número de peões, mas, frequentemente, é formada da seguinte maneira: dois fiadores que ficam logo atrás do ponteiro – dos lados da comitiva. Um pouco mais atrás ficam os dois meeiros, e mais atrás o condutor e seus ajudantes, os culatreiros – ou culateiros – pois ficam na culatra. Eles ‘fecham’ o gado evitando que

algumas cabeças fiquem para trás e não acompanhem o resto da boiada. O número total de integrantes de uma comitiva pode variar de acordo com o número de bois que estão sendo transportados. É um sistema que funciona, evita estouros, diminui o risco do gado se dispersar. É uma questão de honra para qualquer peão de comitiva não perder nenhuma cabeça durante o percurso.

Na página seguinte, uma curiosidade interessante sobre a técnica exigida de todo ponteiro experiente ao tocar o berrante:

Tabela 6 - Estes são os toques principais que o ponteiro deve saber.

Saída solta

Quando amanhece o dia e a boiada vai sair para uma nova marcha, deixando o local onde passou a noite, esse toque é usado. O ponteiro espera o peão que vai fazer a contagem das cabeças chegar até a porteira e então toca o berrante.

Estradão

Esse toque é usado quando a boiada pega o corredor. Ela vai seguindo o ponteiro, naquele passo lento e calmo. Vez em quando ele 'buzina'. Quem presencia uma cena destas, vendo mais de mil bois em comitiva, no meio do Pantanal, certamente nunca mais esquecerá. É uma imagem impressionante, que emociona, e ficará gravada para sempre na memória.

Rebatedoro

(Toque de perigo)

Este toque é usado quando existe qualquer situação de perigo ou emergência. Serve para chamar um peão que está no meio da boiada para que fique junto do ponteiro e o ajude, por exemplo, se estiverem chegando em um local onde haja o risco de um espalhamento da boiada.

Queima do alho

(Hora do almoço)

O cozinheiro parte algumas horas na frente da comitiva para que, quando se encontrarem bem mais à frente, a comida já esteja pronta. Então, quando o ponteiro o avista, depois de horas na estrada, executa este toque para que os peões, ao ouvirem, acelerem a marcha da boiada. O boi, condicionado que fica, também aprende e, ao ouvi-lo, apressa o passo, pois sabe que está chegando a hora de descansar e beber água.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008. José Fonseca, Aquidauana, 2009.

Existe um quinto toque chamado 'Floreia', que não é necessariamente obrigatório, visto que é utilizado apenas para divertimento dos peões. É livre. Pode ser uma música por exemplo.

Continuando, um dia de viagem de uma comitiva é chamado de marcha. Uma marcha gira em torno de 12 km, às vezes um pouco mais ou um pouco menos. Depende do terreno, de situações ocorridas durante a marcha.

As comitivas ainda são frequentes no Pantanal. Apesar da rapidez das 'gaiolas boiadeiras', a preferência ainda é pelas comitivas, mesmo porque nenhum caminhão consegue adentrar em determinados locais do Pantanal. Mas outro motivo que pesa muito pela escolha da retirada ou da entrega de bois através de uma comitiva tradicional em detrimento de viagens feitas através das gaiolas boiadeiras é o custo.

Para se ter uma idéia, pode-se fazer a seguinte comparação: para cada R\$ 1,00 pago no trabalho de uma comitiva, serão gastos R\$ 5,00, em média, numa gaiola boiadeira. Essa é a proporção. Isso ocorre porque na comitiva, o custo é de um salário mínimo por marcha, lembrando que uma marcha equivale a um dia de viagem. Já nas gaiolas boiadeiras – os caminhões – além de não conseguirem atingir muitos pontos do Pantanal devido à precariedade das estradas, o custo é calculado da seguinte maneira: a cada km rodado é cobrado R\$ 1,60, sendo que esse valor é sempre dobrado, ou seja, considera-se o total de quilômetros da ida e da volta de cada viagem. Outro detalhe. Uma comitiva leva, em média, mil bois. É fácil imaginar quantos caminhões seriam necessários para transportar essa quantidade levando-se em consideração que cada caminhão consegue carregar, por viagem, entre 18 e 22 bois.

A tabela abaixo exemplifica melhor a diferenças de custo entre bois levados por uma comitiva e nas gaiolas boiadeiras. Para a confecção desta tabela comparativa do custo atual para o transporte de gado no Pantanal foram considerados os seguintes dados:

- Total de cabeças a serem transportadas: 1000
- Distância entre duas fazendas = 240 km;
- Um dia de marcha = 12 quilômetros;
- Salário mínimo = R\$ 465,00 (1 de fevereiro de 2009);
- Valor do quilômetro rodado pelos caminhões = R\$ 1,60 (sempre multiplicado por dois – ida e volta);
- Capacidade de carga do caminhão = 20 bois;
- Para calcular a duração da viagem, no caso dos caminhões, considerou-se que serão utilizados cinco caminhões e que cada um fará uma viagem por dia (ida e volta);

Tabela 7

Custo de transporte do gado em comitiva

COMITIVA	Total
Duração da viagem	20 dias
Custo final (20 x R\$ 465,00)	R\$ 9.300,00

Fonte: Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2009.

Tabela 8

Custo de transporte do gado em Gaiola Boiadeira

GAIOLA BOIADEIRA	Total
Número de viagens	50
Duração total das viagens	10 dias
Valor (50 x 240 km x R\$ 1,60 x 2)	R\$ 38.400,00

Fonte: Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2009.

Outra vantagem, segundo afirmação de alguns fazendeiros, é a de que no caminhão, o gado fica bastante estressado, podendo, inclusive, influenciar na qualidade da carne. Na comitiva não. Os bois vão pastando, tomando água, viajando devagar. Dr. Roberto Aguilár Machado Santos Silva, pesquisador da Embrapa Pantanal (Corumbá/MS), na área de Sanidade Animal, afirma que uma das etapas mais importante no sistema de produção de bovinos de corte que pode comprometer o bem-estar é o transporte. Este é considerado o evento mais estressante que os bovinos sofrem durante as suas vidas. Ele continua e diz que atualmente há preocupação em muitos países com os efeitos do transporte e o seu manejo sobre o bem-estar animal. Na Europa os animais são considerados como seres sencientes*. Isso demonstra que, ainda hoje, as comitivas pantaneiras resistem e ainda vão continuar por muito tempo, embora em algumas regiões, mudanças causadas pelas imposições da modernidade já sejam sentidos, como por exemplo, a pressão para a diminuição do tempo entre a saída e a entrega do gado. Leite afirma:

"As comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil." (LEITE, 2002: p. 93)

* Conforme tratado da União Européia, também conhecido como "Tratado de Amsterdã", de 2 de outubro de 1997. O tratado reflete a preocupação com a qualidade de vida dos animais. Desde a década de 1970, os cientistas estão tentando definir ou conceituar o bem estar dos animais. Uma definição de bem-estar bastante utilizada foi estabelecida pela FAWC (Farm Animal Welfare Council), na Inglaterra, mediante o reconhecimento das cinco liberdades inerentes aos animais:

1. A liberdade fisiológica (ausência de fome e de sede e desnutrição);
2. A liberdade ambiental (edificações adaptadas, conforto térmico e físico);
3. A liberdade sanitária (ausência de doenças e de fraturas);
4. A liberdade comportamental (possibilidade de exprimir comportamentos normais), expressar o comportamento característico da espécie;
5. A liberdade psicológica (ausência de medo, de ansiedade ou estresse intenso ou prolongado). Fonte: Embrapa Pantanal - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Corumbá/MS. Organização: José Fonseca, 2009.

Foto 39: Gaiola boiadeira. Embarque de bois na fazenda São José. Esta tem a carroceria dupla, como dois vagões e é fabricada em alumínio. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, novembro/2009.

Foto 40: Embarque de gado numa gaiola boiadeira convencional, com carroceria de madeira. (fazenda São José). Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009

1.6.1

Na comitiva, o cozinheiro é o 'comitiveiro solitário'.

"O cozinheiro, ajeitando as bruacas com os trens de cozinha nos cargueiros sôbre os burros, largou estradão adiante."
(OTERO, 1958: p. 72)

Foto 41: O cozinheiro chegou há 30 minutos. A comitiva está vindo de Coxim/MS. Era o trigésimo dia de viagem e tinham percorrido 370 quilômetros. Estendeu a lona e começou a montar sua área de trabalho. Estas oito caixas são as bruacas. Elas são carregadas duas a duas nas mulas e contém todo o equipamento da cozinha, os mantimentos, além dos pertences dos peões. A comitiva chegará, aproximadamente, daqui a duas horas, quando então, toda a comida já estará pronta. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2009.

O cozinheiro é muito respeitado numa comitiva. Sai sempre mais cedo e vai trotando com a tropa de burros de carga. Cada um carrega duas bruacas – caixotes de madeira forrados com couro – levando todos os utensílios da cozinha, os mantimentos, além dos pertences dos peões. Ele conhece todo o percurso e já tem na cabeça os lugares em que acontecerão as paradas. Ao sair, informa os demais companheiros onde será a próxima. Quando chega ao local, descarrega as bruacas, estende a lona, monta o fogão – chamado de ‘trempe’ – e começa a fazer a comida. Ao chegar, os peões dividem-se em dois grupos: enquanto um vai almoçar a outra metade fica tomando conta do gado. Depois trocam. O cozinheiro chega, aproximadamente, três horas antes da comitiva. Ele é um ‘comitiveiro’ solitário. Fora a hora da refeição, está sempre sozinho. É peça fundamental numa comitiva. Ninguém mexe em absolutamente nada que estiver sob sua guarda. Outro relato, agora de Orestes Rodrigues dos Reis, 73 anos. Ele nasceu e mora em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul. É proprietário da fazenda Copacabana, no mesmo município e conhece muito bem o trabalho e as aventuras de integrar uma comitiva:

"Nós tínhamos duas comitivas. Trabalhamos com elas por uns 15 anos. A gente comprava o gado no pantanal de Poconé, no Mato Grosso. Naquele tempo, a Estrada de Ferro Noroeste funcionava. Então a gente fazia a condução até o embarque em Taunay – Estação Visconde de Taunay, no distrito do mesmo nome em Aquidauana. Cada boiada vinha com 1.200 bois. De Poconé levava uns 40 dias. De São Lourenço, também no Mato Grosso, uns 30. Nós caminhávamos cerca de 12, 13 quilômetros por dia. Porque uma boiada de 1.200 bois vem mais devagar do que gado pouco. Porque sempre tem uma culatra e essa culatra tem que trazer também. Culatra é o boi que fica pra trás, mais fraco, que sente mais a viagem. Cada comitiva era formada por dez homens. Se tivesse travessia de rio, tinha que pegar mais gente do local onde você ia atravessar. A tralha de arreio, tudo o que não podia molhar, a gente atravessava em pelotas, capas que você usa, joga tudo dentro, amarra a boca pra ela ir flutuando. A gente varava o rio assim. Primeiro vai a tropa com seis peões na

frente. Atravessa a metade da boiada. Quando ela chega do outro lado, os peões já estão lá esperando. O resto dos peões fica do lado de cá, repontando a outra metade. Por isso que precisa de mais gente na hora de varar um rio.

A formação da comitiva era assim: na frente ia o ponteiro e seu ajudante. Logo atrás dois meeiros e dois ajudantes. Depois, dois culatreiros e mais dois ajudantes. A função principal do ponteiro, como ele está lá na frente, é avisar com o berrante qualquer problema que tiver no caminho. O ajudante já conhece os toques do berrante. Cada um diz uma coisa. Então, se tiver uma cerca arreventada e o ponteiro buzinar, o ajudante vai se posicionar para evitar que o gado entre ou estoure, porque não tem coisa pior do que gado estourar. Qualquer coisa pode provocar um estouro, principalmente se o gado for mais novo. E boi quando estoura, ninguém segura. Tem que deixar ele correr um pouco para depois segurar. Uma ave que voa, uma cerca arreventada, um rapaz que chega meio mal na boiada, um bicho. A boiada é muito sensível. São coisas que tem que ter muito cuidado para não perder nenhuma cabeça. No caso de morrer algum boi durante o trajeto tinha que saber que se morria por picada de cobra, raio, a gente cortava o couro onde estava a marca e guardava no cargueiro pra depois apresentar pro patrão. Nessas condições não era descontado. Mas, se for perda porque fugiu ou morreu afogado aí é prejuízo porque vai ser descontado do pagamento do dono da comitiva". (Pesquisa de Campo, 2007)

Foto 42: 'Seu Orestes'. Comitiveiro experiente, durante muitos anos transportou boiadas em viagens que duravam de 30 a 40 dias. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, abril/2005.

Existem alguns rituais no universo das comitivas que se tornaram conhecidos a partir de entrevistas realizadas com peões e cozinheiros quando do encontro de algumas delas durante as viagens ocorridas na região do Pantanal de Aquidauana para a elaboração da pesquisa de campo. São alguns procedimentos que os integrantes de uma comitiva devem seguir à risca. Se um peão infringir algum deles, poderá sofrer um castigo, terá de pagar uma 'prenda' aos outros componentes do grupo. Normalmente esta prenda se traduz na compra de uma galinha, ou de um porco, ou de uma leitoa. Será comprada pelo cozinheiro e o valor será descontado do pagamento do peão infrator. Trata-se de uma mistura de crença, higiene, organização e superstição. Mas, independentemente do significado ou do sentido que estas regras procurem alcançar, elas são rigorosamente obedecidas por todos. Eis algumas delas:

Tabela 9 – Regras seguidas pelos integrantes de uma comitiva

- O cozinheiro deverá estar sempre de camisa e chapéu ao cozinhar;
- Ao se servir, o peão nunca poderá tirar a tampa de uma panela e colocá-la ao lado, apoiada sobre alguma coisa. Ele deverá levantá-la com um dos dedos e, com os outros, irá segurar o prato. Com a mão direita ele se serve;
- As bruacas serão colocadas sobre pedaços de madeira, nunca diretamente no chão;
- A água limpa fica em uma lata. De cada lado desta lata existe uma caneca pendurada. Deve-se pegar a água com a caneca do lado direito e despejá-la na do lado esquerdo, quando só então será tomada. Isso evitará que a caneca que tem contato com a boca entre em contato com a água da lata;
- As tampas das bruacas deverão abrir na direção em que a comitiva está viajando. Este mesmo sentido deverá ser seguido pelos peões na hora de se servir nas refeições. Dizem que dá sorte;
- É proibido tirar o chapéu no momento de se servir. Quem o fizer, certamente levará um castigo.

Fonte: Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2008.

1.7

Depois de tantas viagens em comitivas ou nas gaiolas boiadeiras, o boi chega ao seu destino final.

O frigorífico visitado foi o Buriti, instalado na cidade de Anastácio/MS. No local funcionava o matadouro municipal. Atualmente, depois de reformas e modernizações, é uma empresa particular. Tem 200 funcionários e abate 420 cabeças por dia.

Foto 43: Nestes currais os bois ficam confinados quando chegam ao frigorífico. São examinados (por amostragem de lotes), tomam muita água, e passam por um corredor onde recebem uma forte ducha. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Foto 44: As carcaças já receberam o carimbo do S.I.F. – Serviço de Inspeção Federal. A temperatura aqui é de **-7** graus centígrados. Na câmara de estocagem final é de **-21°**. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Foto 45: Deomar Barata é o veterinário responsável pelo Serviço de Inspeção Federal (S.I.F.), no frigorífico. Acompanha todo o processo, desde o desembarque dos bois até o momento em que colocado o carimbo (S.I.F) na carcaça. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

O movimento na sala de processamento é frenético. É como uma linha de montagem. Em resumo, o boi entra pendurado por ganchos fixos em uma grande esteira rolante presa no teto. Embaixo e acompanhando essa esteira fica uma enorme mesa de inox onde os funcionários – dos dois lados dela – trabalham, cada um na sua função. Em toda a extensão da mesa existem buracos. Estes buracos são as entradas dos tubos (também de inox) que têm suas saídas espalhadas em várias salas localizadas no andar de baixo. Todos os miúdos, peças condenadas, retalhos, etc. (chamados de graxaria), são jogados nestes buracos e, por gravidade, caem nos respectivos compartimentos onde serão coletados. Em todas

estas salas também estão várias pessoas trabalhando. Todo esse material será triturado, cozido numa caldeira enorme e depois prensado. Após esse processo é destinado à fabricação de farinha de osso e carne. O óleo que sai do material depois de prensado é destinado às empresas que fabricam biodiesel.

Foto 46: Tubo de entrada de retalhos/miúdos. Os produtos jogados vão cair por gravidade num compartimento do andar de baixo.
Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Foto 47: Tudo o que for jogado no tubo da foto 46, que está na sala de processamento, sairá aqui embaixo. Existem vários destes. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

E quando se diz que do boi tudo se aproveita, abaixo está a prova disso. São embalagens de alguns itens – ou partes do boi – que são frequentemente exportados, na maioria das vezes, para países asiáticos.

Foto 48. Ver legenda abaixo. Fonte José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Foto 49: Embalagens de alguns produtos “não comestíveis” exportados: Membrana de Diafragma, Traquéia, Esôfago, Ligamentos, Glote e Vergalho congelados. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Tabela 10 - Algumas especificidades sobre o abate de gado

- Se uma vaca abatida estiver com prenhez adiantada, o feto é retirado e dele é extraído o soro sanguíneo fetal. Tem alto valor no mercado e é usado em laboratórios farmacêuticos.
- Outro produto bastante comercializado é a mucosa do intestino (tripa). Também é vendida para laboratórios farmacêuticos.
- Quando o frigorífico abate um lote de gado de um particular, o pagamento é efetuado da seguinte maneira: o frigorífico fica com todos os subprodutos e o dono dos bois abatidos fica com a carcaça, que são o traseiro, o dianteiro e a ponta de agulha (costela) – e o couro.
- As orelhas são vendidas para fabricantes de pincéis de maquiagem (os pelos internos são muito macios).
- O produto mais valioso produzido pelo boi/vaca são as pedras da vesícula biliar. Ricas em carbonato de cálcio, são vendidas a preços altíssimos para proprietários de fazendas de criação de ostras que, depois de moê-las, utilizam-nas para acelerar o processo de fabricação da pérola. Para se ter uma idéia do valor, na mesa de processamento, todas as vesículas retiradas são jogadas inteiras num dos tubos mencionados. Caem direto em um recipiente, localizado em uma sala que permanece o dia todo trancada. Apenas o gerente e o dono do frigorífico têm a chave para entrar. No final do expediente um dos dois vai até lá, abre todas as vesículas e retira as pedras que houver. Elas são colocadas em um vidro e guardadas no cofre da empresa.

Fonte: Pesquisa de campo. José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

Foto 50: Aqui termina todo o processo. A carne embalada é carregada no caminhão frigorífico. Fonte: José Fonseca. Anastácio, dezembro/2009.

1.8

No Pantanal, parece que o tempo passa mais lentamente.

"Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições." (SANTOS, 1999: p. 44)

No Pantanal, a aceleração contemporânea pode ser produtora de crise, pois as velocidades são diferenciadas. Como então trabalhar, como empiricizar o tempo neste lugar? Parece que a teoria geográfica dos eventos seria mais apropriada, pois nesta, há inseparabilidade de tempo-espaço. Os eventos são únicos. Nasceram de uma ação, de um conjunto de possibilidades de um momento histórico; realizam a possibilidade histórica no lugar. São uma significação, uma qualificação, uma unidade significativa do tempo. O espaço muda com o passar do tempo mas, mudaram os objetos e os arranjos anteriores?

"O lugar é o depósito final, obrigatório, do evento. (...) Os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço." (SANTOS, 1999: p. 115)

Através da bibliografia e dos conceitos sobre tempo/espaço, técnica, psicosfera e periodização dos sistemas de eventos, além das observações realizadas em loco, assim como as informações obtidas nas entrevistas, procurou-se verificar, a partir do início da década de 1990, se havia acontecido uma descontinuidade cultural, alguma ruptura histórica do lugar. Se havia ocorrido uma desestruturação da infraestrutura básica local, provocada, principalmente, pela exibição nacional e internacional na novela Pantanal que acabou por deslanchar o chamado turismo ecológico nas tradicionais fazendas pantaneiras.

"Portanto, para que uma maneira particular de analisar e classificar os dados empíricos possa conduzir a uma explicação dos fenômenos correspondentes é necessário fundamentá-la em hipóteses sobre como estão esses fenômenos correlacionados; sem essas hipóteses, a análise e a classificação são cegas. (...) As hipóteses e as teorias científicas não são 'derivadas' dos fatos observados, mas 'inventadas' com o fim de explicá-los. Constituem, se assim se pode dizer, palpites sobre os nexos que possam ser obtidos entre os fenômenos em estudo, sobre as uniformidades e estruturas que possam estar por baixo da ocorrência deles. (...) Naturalmente, esse esforço inventivo só pode ser beneficiado por uma familiaridade completa com o conhecimento corrente do campo em questão." (HEMPEL, 1974: pp. 25, 26, 27 e 28)

Destaca-se também, no início da década de 90, uma tendência de redução dos preços da carne, o tempo de engorda - período em que o boi leva para atingir o peso ideal para o abate - teve de ser diminuído consideravelmente por exigências do mercado, que já apresentava, desde a década de 70, uma pressão exercida por atores hegemônicos, representados por grandes grupos globalizados do setor.

Mas no Pantanal o ritmo de engorda é lento, pois é natural; obedece aos tempos e velocidades naturais. Não se dá ração ao gado. O sal mineral é o único reforço na dieta dos bois, além do pasto. Para uma engorda mais rápida, além do adicionamento de ração, a troca da pastagem natural pela artificial torna-se necessária. Não há como competir com a criação intensiva realizada no planalto, nas 'terras secas', com suas pastagens artificiais e, mais recentemente, com o sistema de confinamento, etc. É importante notar que foi o próprio modo de criação extensiva, com o gado solto nos pastos, que sempre protegeu o solo pantaneiro. Isso proporcionou um considerável equilíbrio, pois, em virtude da sua dispersão por vastas áreas, provocada pela movimentação irregular das águas durante os ciclos de cheias e secas, este gado fica, naturalmente, deslocando-se de um lado para outro, procurando novos locais para pastar. Isso, de certo modo, protege o solo do pisoteamento excessivo, constante e prejudicial em determinados locais e, por outro lado, evitava que o capim cresça demais, diminuindo consideravelmente o risco de incêndios.

Recentemente (2010), a EMBRAPA - divulgou o resultado de um estudo coordenado pela WWF-Brasil, com a participação de mais quatro ONGs - Organizações Não-Governamentais - Avina, SOS Pantanal, CI e Ecoa - onde foi comprovado que 87% da vegetação natural está intacta. Isso foi possível devido à manutenção das pastagens naturais nas planícies, onde o boi tão bem se adaptou, e que o pantaneiro sabe como ninguém a importância da sua preservação.

"A globalização da economia obriga a pecuária a tornar-se uma atividade empresarial, indicando que só sobreviverão os sistemas

produtivos eficientes no uso dos recursos e capazes de ofertar produtos de qualidade. Na maior parte do Pantanal, devido às condições ambientais restritivas, a integração com agricultura é inadequada, não sendo viável a intensificação com suplementação alimentar, confinamento ou utilização de raças precoces.” (EMBRAPA Pantanal, pesquisado em 2007).

Em algumas regiões do Pantanal, alguns fazendeiros tradicionais, por não conseguir acompanhar as novas mudanças, faliram, ou, para evitar a falência, venderam suas terras e foram embora para as cidades. Falando sobre migrações forçadas, e referindo-se ao deslocamento provocado pela expansão do chamado capital técnico-científico-informacional, Milton Santos diz:

“Essa migração se dá como consequência da incapacidade financeira de continuar sendo proprietário ou investidor ou da incapacidade técnica de exercer novas funções.” (SANTOS, 1997: p. 45)

Em consequência disso, começaram a chegar pessoas estranhas ao lugar, novos atores com novas idéias, novos valores, que nada tinham a ver com a cultura local. Traziam novas técnicas e grandes reservas de capital, o que lhes proporcionava a implantação de modernas tecnologias no lugar. Implantavam propriedades com pastagens artificiais importando sementes de capins exóticos, construía diques para conter enchentes, desviavam corixos e secavam lagoas para conseguir mais terras secas, mais pastagem, etc. Tudo acontecendo em nome do desenvolvimento econômico, através de

escolhas políticas, incorporando as possibilidades que eram apresentadas naquele período.

A falta de conhecimento das peculiaridades locais pode gerar situações ou alterações que venham a afetar consideravelmente o lugar. Na década de 70, uma grande construtora de São Paulo decidiu investir em gado de corte e comprou uma enorme fazenda no Pantanal, na divisa entre Aquidauana/MS e Miranda/MS. Entre outras ações, construíram uma pista de pouso que tinha capacidade para receber até jatos executivos, importaram um tipo de capim mais resistente a áreas inundáveis e construíram diques que cercavam vários pontos da propriedade.

Resultado: algum tempo depois a pista cedeu; pragas infestaram o pasto e, para tentar controlá-las, foram jogadas toneladas de herbicida, o que, naturalmente, não surtiu o efeito esperado; na chegada da primeira grande cheia, os diques arrebentaram e, para complicar ainda mais, com a sua construção, grandes áreas de fazendas vizinhas que nunca haviam sido alagadas ficaram debaixo d'água, provando que o ciclo natural da região tinha sido alterado:

"Senhor do mundo, patrão da Natureza, o homem se utiliza do saber científico e das invenções tecnológicas sem aquele senso de medida que caracterizará as suas primeiras relações com o entorno natural. O resultado, estamos vendo, é dramático". (SANTOS, 1988: p. 44).

Este fato chamou muito a atenção quando do início da realização das pesquisas, pois promove a entrada de novos conceitos de desenvolvimento que, de certa maneira, se contrapõe não só ao meio ambiente como à

identidade do local, ou seja, ao cotidiano do pantaneiro em relação aos seus saberes e fazeres.

Isso mostra como a natureza do Pantanal é complexa e delicada, e que são muitos os cuidados a serem tomados para não romper com o equilíbrio do meio ambiente. Atualmente, muitas são as ameaças que rondam o Pantanal. Mas, no caso do Pantanal do Mato Grosso do Sul, o que mais coloca em risco os rios e as planícies pantaneiras são as ações tomadas no seu entorno, no planalto que rodeia a região. Santos (1987) afirma: "Que dizer, por exemplo, das mudanças brutais que se operam na paisagem e no meio ambiente, sem a menor consideração pelas pessoas? A lei é a do processo produtivo, cujos resultados ofendem, expulsam e desenraizam as pessoas (...)" (SANTOS, 1996: p. 47).

Exemplo recente foi o que aconteceu na bacia do rio Taquari, um dos maiores do Pantanal. No início dos anos 70, houve uma ocupação rápida e desordenada provocada pelo crescimento da agropecuária no planalto que envolve o Pantanal. Áreas enormes de cerrado foram colocadas abaixo e deram lugar a pastagens e a plantações imensas de soja, principalmente. Não se respeitou limite algum, como mata ciliar e nascentes; não foram feitos estudos sobre solo e as possíveis erosões que poderiam surgir em virtude do desmatamento. Toneladas de agrotóxicos começaram a ser derramados nas lavouras. O resultado não podia ser outro. O rio Taquari sofreu um violento processo de assoreamento, fazendo com que, na planície pantaneira, uma área de 5 mil km² (500 mil hectares), ficasse permanente e irreversivelmente alagada. Centenas de pantaneiros da região afetada tiveram que abandonar suas terras, animais silvestres perderam seu habitat e a pecuária foi duramente atingida. Além disso, estima-se que 11 mil km²

começaram a ter inundações quase permanentes (Embrapa Pantanal, 2005). “(...) Isolados às margens dos ‘arrombados’, as populações tradicionais que vivem nas colônias no Baixo Taquari são o retrato humano de um impacto sócio-econômico, cujas conseqüências são tão graves quanto as questões ambientais.” (Silva, 2005- Embrapa Pantanal).

O desmatamento do cerrado causado, principalmente, pelas carvoarias que abastecem as siderúrgicas, os agrotóxicos e as usinas de álcool, todos localizados no seu entorno, são outras ameaças constantes ao Pantanal. O projeto da construção da hidrovia Paraguai-Paraná, que ocasionaria a diminuição de 25 centímetros na calha do rio Paraguai o que, segundo a ONG – Organização Não-Governamental – WWF – World Wildlife Fund - “seria catastrófica tanto para os ecossistemas quanto para os remanescentes indígenas do Pantanal”, também causa preocupação quanto à preservação do meio ambiente local.

Referente ao turismo há que se observar os impactos que possam vir a ocorrer, claro que em proporção muito menor do que o exposto acima, mas, mesmo assim, merecedores de atenção. Podemos citar, por exemplo, itens como o destino do lixo gerado pela atividade turística nas fazendas; os efeitos causados pelo movimento constante de pessoas nos passeios realizados nas trilhas e matas a pé, a cavalo ou em veículos motorizados; atitudes como soltar fogos de artifício ou dar tiros próximo a ninhais para provocar uma revoada compacta das aves e assim satisfazer os anseios cinematográficos dos turistas em detrimento da morte de dezenas ou centenas de filhotes que, em meio ao alvoroço causado, caem dos ninhos e são rapidamente devorados pelos ávidos jacarés, piranhas e sucuris, que, sorrateiros, aguardam ansiosamente nas águas abaixo das árvores; usar

qualquer tipo de instrumento que produza som elevado com intenção de espantar ou fazer sair em disparada animais ou aves.

Qualquer ação que se vá promover no Pantanal exige, principalmente, sensibilidade, consciência e responsabilidade, virtudes intrínsecas nos pantaneiros tradicionais. A pecuária extensiva era a única. O turismo ecológico no Pantanal apareceu como uma recente atividade que tem como argumentos principais a pecuária pantaneira e todas as tradições e peculiaridades que a envolvem há séculos. Parece-me interessante abraçar estes dois fatores e utilizá-los como instrumento capaz de proporcionar maior fixação do homem no campo – fazendeiro, peão e suas famílias – e de ajudar na continuidade e manutenção de sua cultura, não esquecendo que, financeiramente falando, há um aumento nos rendimentos de ambas as partes. Mas, se as proporções na divisão desses rendimentos são igualitárias ou díspares, certas ou erradas, justas ou não, não cabe ao autor julgá-las.

1.9

Seja na cidade ou nas fazendas de Aquidauana/MS, encontram-se pantaneiros que possuem habilidades especiais no artesanato.

O manuseio do couro e lã de carneiro é comum nas fazendas. Com o couro, entre outras coisas, trançam laços, fazem chicotes dos mais variados tipos, alguns calçados, peias, etc. Com a lã fazem os pelegos, a marca

registrada da montaria pantaneira, pois o peão não senta diretamente na cela. Depois de esfolar o carneiro, fazem um tipo de esticador de bambu onde prendem a pele. Lavam-na no rio, raspam, colocam na sombra por vários dias, etc. Alguns tingem a lã com cores vivas, outros a deixam em seu estado natural. São atividades comuns aos pantaneiros, mas que dependem de ensinamentos dos mais velhos e experientes. Acontece que, conforme foi constatado durante as pesquisas de campo, muitas vezes, quando atingem uma idade mais avançada, as pessoas de mais idade deixam a fazenda onde sempre viveram e trabalharam e vão morar na cidade com algum parente. E são eles que detêm a prática e o conhecimento necessários para poder ensinar os mais novos todos os truques, os passos, o 'caminho das pedras' para que os jovens tenham condições de aprender e dar continuidade a estas heranças culturais tão importantes e tradicionais.

1.9.1

Projeto Sapicuá Pantaneiro. Preocupação e ensinamentos que visam a manutenção das técnicas tradicionais utilizadas pelos pantaneiros.

Observando estes fatos, a produtora cultural Cláudia Medeiros criou e colocou em prática o *Projeto Sapicuá Pantaneiro*. Medeiros conta que o projeto começou em 2003. Ela percebeu que a maioria dos projetos que eram desenvolvidos no Pantanal eram voltados quase que exclusivamente

para o meio ambiente e que, quando começou a conversar com crianças e a estas perguntava quantas conheciam ou tinham aprendido a lidar com o couro e a lã, por exemplo, ou se ajudavam seus pais nestas tarefas, apenas uma ou duas respondiam afirmativamente. “Eu via a riqueza cultural que existia lá. E ela poderia estar se perdendo. Então procurei fazer uma ação que pudesse valorizar os elementos da cultura pantaneira”, disse. Ela conta que depois de uma extensa pesquisa em muitas fazendas da região selecionou quatro oficinas que identificou como sendo as que trabalhariam com os elementos de maior tradição além de serem as mais reinvidicadas pelas pessoas que conheceu: a do trabalho com o couro, a da Faixa Paraguaia, a da Fauna do Pantanal (cerâmica) e a do trabalho com a lã de carneiro, onde os participantes aprendem a tosar, a lavar a lã, a fazer os baixeiros (pelegos), os cobertores, etc.

O Projeto Sapicuá Pantaneiro atua nas fazendas, nas Escolas Pantaneiras e Rurais e funciona da seguinte maneira: é uma oficina itinerante onde a equipe viaja até uma determinada fazenda e fica lá por uma semana. Qualquer pessoa pode participar. Quando termina, todo o material utilizado é doado à fazenda; ferramentas, livros, tear, tintas, colas, manuais, enfim, tudo é deixado para que os alunos dêem continuidade ao projeto; “só não continua quem não quer”, diz Medeiros.

A pouca presença de pessoas de mais idade nas fazendas, fato constatado durante as pesquisas de campo realizadas no Pantanal, foi comentando em determinada ocasião com Medeiros. Referindo-se ao tema, ela conta que essa ausência – ou grande diminuição de idosos – nas propriedades visitadas por ela, também foi um dos motivos que a levaram a criar o projeto. Conforme verificou, são raros os velhos no Pantanal. Depois de

conversar com muitas pessoas sobre o assunto, Medeiros conta que antigamente, as fazendas serviam como um asilo aos idosos. Elas tinham os seus velhos. Eles ficavam lá até morrer; não trabalhavam mais na lida, mas faziam pequenos trabalhos artesanais e acabavam ensinando sua arte às crianças e aos jovens da fazenda. Durante sua velhice eles iam passando todo o seu conhecimento. Medeiros afirma: "Hoje é raro você ver um homem ou uma mulher de 70, 75 anos no Pantanal". (Pesquisa de Campo; entrevista. Campo Grande/MS, 2006).

É interessante lembrar que, as legislações trabalhistas definidas a partir da década de 1940, o Estatuto do Trabalhador Rural e Estatuto da Terra, a partir de 1960 e a Constituição de 1988, o trabalhador rural passou a ter direito a benefícios como Carteira assinada e salário mínimo, entre outros. Aliado a isso houve um aumento no volume das obrigações patronais (BANDUCCI JR, 2007), o que também ajudou para que essa migração dos velhos para as cidades acontecesse. Talvez pensando nessa mudança dos pantaneiros mais idosos para as cidades é que a sede do Sapicuá tenha se mudado de Campo Grande para Aquidauana, bem mais próxima do Pantanal. Aparentemente, a possibilidade de que eles consigam ensinar as habilidades manuais que aprenderam durante toda a sua vida nas fazendas seja maior, por estarem mais próximos ao Pantanal.

Para se ter uma idéia da dificuldade que foi o início da montagem da oficina para a confecção da Faixa Paraguaia, na época, os integrantes do projeto percorreram a região que compreende os pantanais do Taboco, de Aquidauana e da Nhecolândia, visitando fazendas. Medeiros conta que foram 15 dias rodando pelo Pantanal pesquisando, entrevistando e, no final,

só conseguiram encontrar uma mulher que conhecia a arte da confecção da Faixa Paraguaia e teria condições de ensinar aos alunos do projeto.

Sobre a Faixa Paraguaia, é um acessório utilizado pelos peões e que, segundos nos contam, serve pra ajudar a manter a postura correta. Leonardo Alonso, paraguaio da cidade de Conceição, ou melhor, o 'Seu' Alonso, dá uma explicação de quem tem conhecimento de causa sobre o assunto. Em 1964 veio para o Brasil e nunca mais voltou. Trabalhou boa parte da vida domando burros e cavalos chucros em fazendas pantaneiras. Depois, entrou numa comitiva chamada *Paulista*, onde permaneceu por muitos anos. Atualmente, aos 65 anos de idade, trabalha como peão de campo na fazenda São José. No seu linguajar característico, ele explica: "Eu uso a faixa paraguaia desde que comecei a andá de cavalo. Pra mim é muito importante. Tem campeiro que não usa faixa. Você faixa tem que usá que protege a cadeira. Porque tudo que a gente trabalha pesado, você a primeira coisa quando ficá com uma certa idade, 50, 60 anos, você fica descaderado. E com a faixa não. A faixa apóia a cadeira. Porque a gente tem muita força na cadeira. A cadeira é que dá força pra gente, entendeu? O campeiro tem que usar faixa." (Pesquisa de Campo: entrevista. Aquidauana, 2005).

A Faixa Paraguaia é confeccionada em um tear. Bastante colorida, é tecida com medidas que variam entre 8 e 13 centímetros na largura e 2,10 e 2,30 metros no comprimento, aproximadamente. Ela deve ser enrolada firmemente em volta da cintura.

Foto 51: Faixas paraguaias tecidas por alunos na Fazenda São José, quando foi realizada uma das oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, outubro/2007.

Em 2006 o Projeto Sapicuá Pantaneiro lançou o livro “Manual das Oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro”, com o apoio do WWF – Brasil (World Wildlife Fund), do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, do Instituto Junia Rabello e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/MS). Medeiros afirma: “nós temos que ser valorizados pelo que é diferente. A globalização está tornando todo mundo igual.” Em vista disso, os elementos da cultura e do meio ambiente do Pantanal do Mato Grosso do Sul precisam ser cada vez mais destacados e receber o devido valor. Segundo Medeiros, os resultados obtidos até agora indicam que estão no caminho certo, pois, além de se tornar uma opção para a complementação

de renda da população local, está agindo de maneira significativa na intenção principal, que diz respeito à fixação do homem no Pantanal.

1.9.2

A talabarteria está presente em Aquidauana. Tradição e a habilidade na confecção de acessórios de couro.

Jairo Soares Arguelho, 55 anos, nasceu em Aquidauana/MS. É talabarteiro, ou seja, faz todo o tipo de acessório para montaria, arte aprendida com seu pai, que aprendeu com seu avô. “É cargueiro, traia de carroça, traia de montaria, bruaca, arreio, tilim, peia, rabo de tatu, chaira, chinha de quatro e de seis tento, carona, loro, lático, badana, guaiaca, tirador. Tudo isso eu sei fazer”. (Pesquisa de Campo; entrevista. Aquidauana, 2006)

Conversando com Jairo, ele demonstrou certo ar de preocupação quando se referiu à continuidade do seu trabalho: “Eu ensinava todo o serviço pra garoto de doze, quatorze anos e hoje não posso ensinar mais. Senão dá problema porque é menor trabalhando. Não posso pegar um guri pra ensinar. E você vai fazer o quê? Pegar um velho pra ensinar? Do jeito que a coisa vai, tudo isso que eu sei vai acabar morrendo comigo. Ta acabando os profissional. Na minha área mesmo tem cada vez menos profissional. Ta acabando”. (Pesquisa de Campo. Aquidauana, abril/2006). Abaixo, algumas peças feitas pelo artesão:

Foto 52: Alguns acessórios confeccionados pelo talabarteiro Jairo: à esquerda um protetor de estribo; no centro ao fundo a chaira (bainha com faca e afiador) e na direita uma peia. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, outubro/2007.

Foto 53: Loro. Correia dupla de couro que prende o estribo. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 54: Jairo: o artesão do couro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007

Foto 55: O corte do couro inicia o trabalho. A medida será proporcional ao tamanho da faca e do afiador. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 56: Preparando para a costura. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 57: A chaira já tomando forma. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 58: Chaira pronta. Foram 45 minutos do corte do couro até o produto acabado. Este acessório, indispensável, é a marca registrada do homem pantaneiro, seja ele praieiro, peão ou fazendeiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 59: Peões saindo pra lida na fazenda São José. Notem que todos utilizam a chaira.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, abril/2004.

Foto 60: O peão praieiro começa seu trabalho ao amanhecer do dia. Com ele também a inseparável chaira.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, abril/2004.

1.10

Mulher pantaneira. Coragem e determinação.

Foto 61: Painel fotográfico de mulheres pantaneiras. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2007-2009.

Neste momento, apresento alguns depoimentos tomados quando da realização da Pesquisa de Campo, nas várias viagens feitas a Campo Grande, Aquidauana e Anastácio. Muitos foram os relatos de fatos – recentes ou muito distantes –, todos ricos em detalhes. De simples e corriqueiras passagens do dia-a-dia até histórias densas e emocionantes foram contadas por mulheres genuinamente pantaneiras, e, em alguns casos, compartilhadas por seus maridos; alguns, juntos há décadas, inseparáveis até no momento da entrevista; outros, saudosos pela perda da companheira imposta pela ordem natural da vida. Como contou o Sr. Zeferino da Rosa, fazendeiro e comerciante em Aquidauana, 79 anos, viúvo de dona Mercedes, pantaneiro nascido e criado na Fazenda Santa Rosa, no pantanal de Aquidauana, num rancho beira-chão. Seu Zéfi, como é conhecido – aqui entra uma das exceções mencionadas, onde foi colocado o relato de um homem no espaço reservado às mulheres pantaneiras –, diz que tudo começou com sua avó, que foi sua parteira: “Minha mãe conta que quando eu nasci minha avó me pendurou pelas pernas e falou assim: – traz água daquela baía porque nasceu mais um pantaneiro aqui. Então, eu tenho cheiro de aguapé na cabeça!”. Ele continua e diz, visivelmente emocionado: “Quando eu fundei minha fazenda, a Mimoso, eu e minha mulher – grávida de quatro meses –, fizemos nosso primeiro rancho, que era coberto com folha de acuri, em 29 dias. Moramos nesse rancho 12 anos. No começo, lutamos ali junto, só nós dois e formamos uma fazenda linda, mas linda mesmo. Então, eu falo que eu fui um cara privilegiado pela vida porque tudo que me aconteceu lá foi simplesmente maravilhoso.”

Como já foi dito, não foi nada fácil a vida dos que se aventuraram pelos interiores do Pantanal Mato Grosso do Sul em tempos passados. Se,

mesmo atualmente, muitas e muitas décadas depois, a vida de quem vive naquelas paragens não é fácil, é possível imaginar como foi na época dos pioneiros.

Pelo que foi descrito até o momento, não será preciso fazer nenhum esforço para perceber ou se imaginar o quão difícil foi a vida das mulheres que, ao acompanhar os maridos nas jornadas, Pantanal adentro, abstinham-se de qualquer tipo de conforto, segurança, amparo médico, lazer, enfim, era como se sua vida começasse do zero; tudo praticamente era deixado para trás e, a partir daquele momento, a vida se resumiria em trabalho árduo, muitas vezes perigoso, num ambiente hostil que, certamente, não facilitaria em nada os dias que estavam por vir.

Foto 62: Mulheres pantaneiras em atividade. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, setembro/2008.

Abaixo, resumidamente, estão partes de depoimentos colhidos, e escolhidos entre tantos outros, de duas senhoras pantaneiras, ambas residentes em Aquidauana. Uma foi proprietária de uma das maiores fazendas da região, a Tupaceretã. Sua área original era de 100 mil hectares e chegou a ter 21 mil cabeças de gado. A outra era casada com o capataz dessa fazenda e lá morou por mais de 30 anos.

Sophia Mascarenhas Diacópolis Rondon, 90 anos, com orgulho, começa a prosa dizendo que tem três filhos, sete netos e dez bisnetos. É filha de pai grego e mãe aquidauanense. Seu marido era Antonio da Costa Rondon, mais conhecido por Totó Rondon. Fazendeira nascida e criada em Aquidauana, ela conta que, quando casou, aos 18 anos, foi para a fazenda, no meio do Pantanal. Apesar de ter nascido em Aquidauana ela disse que não conhecia o Pantanal do Rio Negro, onde se localiza a fazenda, que é bem mais lá dentro.

“Na fazenda não tinha luz, não tinha água encanada, não tinha conforto nenhum, nem um banheiro decente. Eram aqueles banheiros no fundo do quintal. O banho era tomado no quarto, numa bacia com caneco. Esse foi o meu começo de vida no Pantanal.”, conta.

Foto 63: Sophia Rondon. A fazenda onde viveu, a Tupaceretã, tinha 100 mil hectares e 21 mil cabeças de gado. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Foto 64: Entrada da Fazenda Guanandy, atual propriedade de Dona Sophia. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Requentando as lembranças, em meio a fotos antigas que eram saudosamente mostradas, dona Sophia continua: "Eram tempos difíceis. Na época o único meio de comunicação era um telégrafo que existia na fazenda vizinha, a Rio Negro. O marechal Rondon havia feito uma linha telegráfica que ia daqui de Aquidauana até a Fazenda Firme, que ficava em Corumbá. Essa linha passava pela Fazenda Rio Negro que possuía uma estação telegráfica, Morse ainda. Esta estação funcionou por muitos anos, até 1945, 46. Até que foi desativada. Esse era o nosso meio de comunicação. Tinha dois horários: às seis da manhã e às três da tarde. Neste período a gente tinha que, ou passar um telegrama, ou receber as notícias que vinham de fora."

Depois de parada para tomar um tereré – estava um calor muito forte – e saborear uma chipa recém saída do forno, continuou: "A distância entre a Tupaceretã e a Rio Negro era de quatro léguas, ou 24 quilômetros. Nós tínhamos um funcionário que era encarregado de fazer esse trajeto todos os dias. Seu serviço era o de ir pela manhã, levar algum telegrama que meu marido quisesse passar – ele vendia muito boi para os frigoríficos de São Paulo – e pegar todas as notícias que haviam chegado, como telegramas que eram trazidos para a fazenda."

Por um momento, em meio a tantas passagens contadas na varanda da sede da sua atual fazenda, a Guanandy, também em Aquidauana, a entrevista teve de ser momentaneamente suspensa, pois a emoção veio à tona devido às lembranças que todos aqueles relatos estavam trazendo.

Depois de um breve intervalo, continuou: "Minha vida lá era boiadeira. Eu montava cedo a cavalo e saía. Muitas vezes de revolver na cinta. Eu era como se diz, um peão de campo; o tropeiro da comitiva. Eu saía de manhã

e levava os animais (os cavalos) para a troca no campo. Chegava lá, os peões trocavam de animal. Eles ficavam trabalhando o gado, varando rodeios, curando bezerros. Eu também levava a matula, a refeição dos peões no campo. Era uma vida rude, mas muito gostosa porque o Pantanal é um lugar que encanta a gente.” Mais à frente, contou que chegaram a ter 21 mil cabeças de gado e que, quando vendiam lotes, principalmente para os frigoríficos de São Paulo, o transporte era realizado através de comitivas e que eles tinham 21 peões só para esse serviço.

No final, ela fez um comentário que foi ao encontro do que foi escrito em partes anteriores deste texto no que se refere ao relacionamento entre patrões e peões: “Tive grandes companheiros na fazenda, amigos e fiéis, como o nosso capataz Deodato e sua esposa, a Maria, que se casaram lá na fazenda e nos ajudaram bastante a construir esse patrimônio todo que temos hoje.”

Em 1941, a fazenda Tupaceretã foi dividida em três fazendas menores que ficaram para os três filhos; “foi quando compramos a fazenda Guanandy. Mas mesmo aqui, que é encostado na cidade, quando compramos, não havia luz, água encanada, conforto nenhum”, contou Dona Sophia.

Numa confortável e arejada casa, com o pé direito bem alto, marca registrada das casas da cidade, mora Maria Lescano Barata, 76 anos. Ela nasceu em Aquidauana. É filha de pai paraguaio e mãe pantaneira. Ainda criança foi para Campo Grande estudar, levada por dona Tomásia Rondon, mãe de Antonio da Costa Rondon, mais conhecido como Totó Rondon, bisneto do conhecido marechal. Ficou lá até os 11 anos quando, após o falecimento de dona Tomásia, foi morar na fazenda Tupaceretã, da família Rondon, no Pantanal do Rio Negro, onde residiam e trabalhavam seus pais:

“Lá eu tomava conta da casa sede. Recebia as visitas, limpava a casa e também estudava, pois tinha escola na fazenda para todas as crianças. Conheci meu marido Deodato na fazenda. Ele era o gerente de lá, o capataz. Moramos 32 anos em Tupaceretã. A fazenda pertencia a seu Totó, homem muito bom, e sua esposa, dona Sophia. Lembro com saudades das festas de Santo Antonio e São Pedro que duravam dias e também de São João. Vinha muita gente de toda aquela região para essas festas que duravam dias”.

Dona Maria recorda um fato interessante ocorrido na fazenda: “Lá na fazenda, tinha um bugrinho que varria o terreiro, fazia faxina geral. Ele teve caxumba e o negócio virou câncer. Ficou um caroço enorme no pescoço. Aí seu Totó, muito preocupado, disse: - ‘Vô levá esse batú pra São Paulo’. E levou na melhor clínica de lá para fazer os exame tudo lá. E deu câncer mesmo. ‘Pode levar ele pra morrer’, avisaram os médicos. Mas, uma freira tinha ensinado para dona Sophia que a casca do ipê era um grande remédio, que curava até câncer. Ela me chamou e falou pra eu tirar a casca do ipê de folha larga – porque o da folha miúda não serve – por pra secar e deixa sempre uma jarra cheia de água com as cascas dentro. Mas não pode ferver a água. É só colocar ela lá dentro pro Batú tomar. Quando ele for tomá tereré, toma o ipê. Quando quiser água, toma o ipê.

E assim a gente fazia. Aí o caroço foi sumindo, sumindo, que até parecia um milagre. Até seu Totó falou: - ‘num acredito. Eu vou levar esse guri de volta lá pra São Paulo’. Levou na mesma clínica onde ele tinha sido desenganado. Chegou lá falaram que não achavam o exame que tinham feito. Que tinha extraviado. E o Batu ficou bom, curado.”

Conversando no quintal da casa, sob a sombra de uma árvore, entre uma e outra guampa de tereré, a conversa continuou animada, agora com a chegada de um álbum que continha dezenas de fotografias antigas que contavam a história dos 32 anos vividos na fazenda. Ao me mostrar as fotos, vi que algumas eram imagens de caçadas de onça. Em seguida apareceu uma onde o Seu Deodato, o marido, estava com a cabeça toda enfaixada e com um grande curativo no ombro. Antes de ter tempo de perguntar qualquer coisa, ela disse, com a fisionomia fechada: “Olha o que uma pintada fez com ele”. Naquela época era comum, nas férias escolares, os amigos dos filhos de seu Tótó irem para a fazenda passar uma temporada no Pantanal. Segundo afirmou, às vezes vinha gente do estrangeiro também. Dona Maria conta que naquela época tinha muita onça lá no Pantanal e seu marido era um dos caçadores mais respeitados da região. “O Deodato resolveu levar o pessoal pra acompanhar uma caçada, porque ele tinha prometido. O meu marido era um dos mais respeitados caçadores da pintada na região. Tinha verdadeira paixão por isso”, disse ela. Convém lembrar aqui que a caça da onça pintada foi proibida e é considerada crime desde 1967 pela Lei 5.197/67 – Lei de Proteção à Fauna –, que elimina a caça profissional e o comércio deliberado de espécies da fauna brasileira.

Ela contou que era um domingo, quente como ele só, e que saíram todos bem cedo pro mato, num lugar que um peão tinha visto a batida de uma pintada no chão, havia alguns dias. Participavam o marido, o amigo dele, o zagaieiro chamado Arnaldo, três cachorros, os filhos de seu Totó e os colegas de São Paulo. Eram umas dez pessoas. Lá pelas tantas, o cachorro mestre, vira-lata pequeno, mas corajoso e bem treinado para seguir batida

do bicho, deu o alarme. Tinha onça por perto. Saíram os três em disparada. O lugar era muito sujo. Dificultava a caminhada. “A onça só foge por lugares assim. Quanto mais sujo, cheio de tranqueiras, mais ela gosta”, afirma dona Maria.

Foto 65: Dona Maria Lescano Barata. Mulher de fibra, participava de caçadas de onça junto com o marido. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, maio/2007.

Demorou mais de uma hora até que os cachorros conseguissem encurralar o animal. Ela disse que o marido mandou que todos ficassem onde estavam, e seguiu com o Arnaldo. Estava preocupado porque a

pintada tinha sido encurralada no chão e não em cima de uma árvore como é costumeiro. Era muito mais perigoso. No calor da entrevista, dona Maria olha para o lado e, com um consentimento quase imperceptível, passa a palavra ao marido, que continua a narrativa:

“Comecei a ouvir os latidos dos cachorros bem perto e o miado da bicha. Ela estava acuada por eles e muito brava. Já tinha acertado um de raspão. Ah! se ela soubesse da força que tem... Quando a gente tava esperando pra ver o que ela fazia, ela veio correndo atrás de um dos cachorros e deu de cara com a gente. O Arnaldo conseguiu acertar uma espetada nela com a zagaia, mas ela deu um pulo pro lado e escapou. Os cachorros foram atrás. Como ela estava ferida falei pro Arnaldo ir buscar o pessoal que tinha ficado lá atrás e trazer eles porque eles queriam matar a onça. Ela não foi muito longe. Ficou acuada de novo pelos cachorros. Era um terreno sujo, de brejo, com um capinzeiro muito alto, cheio de japecanga, um tipo de cipó. Eu fui chegando com o Arnaldo. Tava bem perto. Ela apareceu de repente e pulou. Quando o Arnaldo foi levantar a zagaia pra me defender do ataque do bicho, a lança enroscou naquele cipó que tinha. Ela veio em cima de mim. Eu caí de joelhos com os braços protegendo a cabeça. Não adiantou. Ela deu uma patada na minha cabeça, mordeu meu cotovelo e enterrou as unhas no meu ombro esquerdo. Isso durou só alguns segundos. O Arnaldo conseguiu sacar o revolver e deu um tiro no ouvido dela. Ela caiu morta. Eu tava que era só sangue. Me pegaram e me puseram na chalana. Só não morri porque quando a chalana tava subindo o rio, passou seu Cavalheiro, que era um aviador que atendia as fazendas da região viu a gente lá embaixo. Como ele sempre voava bem baixinho com o avião ele viu o pessoal acenando, pedindo socorro. Desceu

numa prainha ali perto e me levou pra Aquidauana. Se não fosse isso, tinha morrido. Ia levar umas duas horas pra chalana chegar na fazenda e aí poder passar o telégrafo pedindo o avião. Perdi muito sangue. Tomei 32 pontos só em um lado da cabeça. A bicha descolou todo o meu couro cabeludo. Foi muita sorte.”

Foto 66: Dona Maria segurando um grande macharrão que acabara de ser abatido nas matas da fazenda Tupaceretã (1960). Fonte: Arquivo da família. Aquidauana, outubro/2007.

Com ar muito sério, na sua cadeira de balanço, dona Maria foi contundente: “depois que a onça pegou ele, eu fui junto com o Deodato em quase todas as caçadas. Assim eu podia tomar melhor conta dele. Eu tenho mais cuidado”, disse, afirmação imediatamente confirmada com um leve aceno de cabeça do marido. Seu Deodato pediu para que colocasse o dedo no seu ombro, onde a onça havia enterrado as unhas. Realmente, o ‘buraco’ na clavícula tinha uns dois centímetros de profundidade e, ao olhar com cuidado na sua cabeça, era fácil seguir o caminho desenhado pela cicatriz. Ia praticamente de um lado a outro.

Foto 67: Dona Maria e ‘Seu’ Deodato viveram 32 anos na fazenda Tupaceretã, localizada no interior do Pantanal de Aquidauana/Negro (1958). Companheirismo e aventuras. Fonte: Álbum da família. Aquidauana, outubro/2007.

2.

Capítulo II

Os circuitos espaciais do turismo. A chegada do chamado ecoturismo nas fazendas pantaneiras de Aquidauana/MS

2.1

Turismo, turismo ecológico, ecoturismo. Seja qual for a definição empregada, o Pantanal sempre exerceu atração sobre as pessoas.

"Matto Grosso, pela variedade de seus panoramas e a facilidade de comunicação com a Argentina, o Paraguay e a Bolivia, está destinado a ser um centro de turismo. Seus grandes rios, que podem ser classificados entre os mais pittorescos, suas imensas cataractas, seus campos de suaves ondulações, entremeados de florestas, a variedade e o contraste da sua natureza, produzem as emoções do grandioso e do bello." (MARQUES, 1923: p. 203)

Como se lê na citação acima há muitas décadas a vocação natural do Estado do Mato Grosso para o turismo já era detectada pelo autor. E assim aconteceu nos anos subseqüentes. Mas, antes de mais nada, parece ser interessante iniciar o capítulo com algumas definições. Primeiramente, cabe aqui definir o que seja 'Turismo', ou pelo menos tentar fazê-lo. Existem várias definições. Para não correr o risco de perder-se dentre as tantas existentes, parece mais viável seguir aquela dada pela OMT – Organização Mundial do Turismo – uma agência especializada das Nações Unidas, que o define como *o movimento de pessoas a lugar diverso do qual habite por tempo inferior a 360 dias, desde que esta não realize atividades econômicas*, ou, em outras palavras, as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.

O conceito de deslocamento ou movimentação de pessoas do seu lugar de origem para outro diferente está sempre presente. Conforme Cruz (2001), numa definição mais acadêmica, o turismo é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo. E o turista, o que seria? Segundo as Recomendações sobre Estatísticas de Turismo, das Migrações Internacionais das Nações Unidas, turistas são pessoas que não residem no país de chegada e são admitidos nesse país sob o visto de turista (se necessário) para fins de lazer, recreação, férias, visitas a amigos ou familiares, de saúde ou tratamento médico ou peregrinação religiosa. Eles devem gastar pelo menos uma noite num alojamento colectivo ou privado no país de destino e a duração da estada não deverá ultrapassar 12 meses; ou ainda, turista é um visitante que desloca-se voluntariamente por período de tempo igual ou superior a vinte e quatro horas para local diferente da sua residência e do seu trabalho sem, este ter por motivação, a obtenção de lucro.

Continuando, segundo consta no manual lançado pelo Ministério do Turismo (1994), com a publicação das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo pela EMBRATUR e Ministério do Meio Ambiente, o "Turismo Ecológico" passou a se denominar e foi conceituado como "Ecoturismo". É definido como um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (IBAMA, 1994).

Numa visão mundial, o que temos na atualidade, estatisticamente falando, é que o turismo gera milhões de empregos pelo mundo, movimentando bilhões de dólares. Fundado em 1990, o *World Travel & Tourism Council*, (Conselho Mundial de Viagem e Turismo - WTTC) é o fórum formado por uma centena de presidentes e altos executivos que representam as maiores empresas, líderes mundiais no setor de viagem e turismo. Seria como uma OMT privada. Alguns dados publicados no seu último relatório, o *Progress and Priorities 2009/2010*, serão apresentados mais à frente. Os números são expressivos e mostram o volume dos valores gerados pela atividade no mundo e no Brasil.

2.2

Um panorama geral sobre os valores gerados pelo turismo no mundo e no Brasil.

Tabela 11 – Os números mundiais do turismo – WTTC

- A atividade do turismo foi duramente atingida pela crise global, com o PIB do setor contraindo 4,8% em 2009. Mesmo assim, o setor, em todo o mundo, ainda forneceu mais de 235 milhões de empregos no ano passado.
- A contribuição do Turismo para o PIB mundial deverá crescer de 9,2% (US\$ 5.751 bilhões) em 2010 para 9,6% (US\$ 11.151 bilhões) em 2020.
- O crescimento real do PIB para o WTTC deverá ser de 0,5% em 2010, contra 4,8% em 2009, mas deverá permanecer na média de 4,4% por ano durante os próximos 10 anos.
- A contribuição do setor de Turismo para o emprego no mundo deverá aumentar de 8,1% (235,7 milhões de empregos), ou 1 em cada 12,3 empregos em 2010, para 9,2% do emprego total (303,02 milhões de empregos), ou aproximadamente 1 em cada 10,9 empregos até 2020.
- São esperadas receitas de exportação de visitantes internacionais que gerem em torno de 6,1% do total as exportações (US\$ 1.086 bilhões), em 2010; o crescimento (em termos nominais), aumentando para US\$ 2.160 bilhões (5,2% do total) em 2020.
- O investimento em turismo para 2010 é estimado em US\$ 1.241 bilhões, ou 9,2% do investimento total. Em 2020, este número deve chegar a US\$ 2.757 bilhões ou 9,4% do investimento total.

Fonte: WTTC - *Progress and Priorities 2009/2010*. Organização: José Fonseca.

Na tabela seguinte, alguns dados estatísticos referentes ao turismo no Brasil:

Tabela 12 – As estimativas dos números do turismo no Brasil – WTTC

- A contribuição do Turismo para o Produto Interno Bruto deverá subir de 5,9%, (R\$ 202,8 bilhões) em 2010 para 6,9% (R\$ 518,8 bilhões) até 2020.
- A contribuição do Turismo para a geração de empregos deverá crescer de 5,33 milhões de postos de trabalho em 2010 (5,6% do emprego total, ou 1 em cada 17,8 empregos), para 7,78 milhões de postos de trabalho, 6,5% do emprego total, ou 1 em cada 15,4 empregos até 2020.
- O crescimento real do PIB para a economia do Turismo deverá ser de 3,0% em 2010 e a média, de 5,6% por ano durante os próximos 10 anos.
- As receitas de exportação de visitantes internacionais e produtos do turismo deverão gerar 3,3% do total das exportações (R\$ 10,9 bilhões) em 2010; o crescimento (em termos nominais) aumentado para R\$ 40,7 bilhões, ou 3,2% do total em 2020 .
- O investimento em turismo para 2010 é estimado em estimado em R\$ 45,1 bilhões, ou 7,2% do investimento total. Em 2020, este número deve chegar a R\$ 170,6 bilhões, ou 9,9% do investimento total.

Fonte: WTTC - *Progress and Priorities*, 2009/2010. Organização: José Fonseca.

O Boletim de Desempenho Econômico do Turismo, do Ministério do Turismo - Mtur, lançado em 2009, afirma que, referente ao quadro de pessoal, comparados os segundos trimestres de 2009 e de 2008, observaram-se, no mercado de turismo, 68% de assinalações de expansão, 14% de estabilidade e 18% de contração (saldo de 53%). Os segmentos de transporte aéreo (100%), de operadoras (saldo de 96%) e de eventos (48%), foram os que apresentaram os mais elevados saldos de contratações.

Em outra publicação, o Documento Referencial Turismo no Brasil 2011/2014, também do Mtur, temos que o turismo vem apresentando resultados positivos nos últimos anos, refletindo os indicadores favoráveis da economia brasileira. O estudo indica uma consolidação do turismo como produto de consumo do brasileiro. A estimativa para que os desembarques domésticos passem dos atuais 56 milhões, registrados em 2009, para 73 milhões, em 2014. Existe também a projeção de que haverá a geração de 2 milhões de empregos formais e informais entre 2010 e 2014. "A entrada de divisas internacionais deverá crescer 55%, no mesmo período, subindo de R\$ 6,3 bilhões para, aproximadamente, R\$ 8,9 bilhões no ano de realização da Copa no Brasil." (Mtur, 2010). Os resultados apresentados, mesmo que resumidamente, parecem ir ao encontro à afirmação feita por Taleb Rifai, secretário geral da Organização Mundial do Turismo (OMT): "turismo não significa luxo; turismo significa empregos."

2.3

Há décadas, o Pantanal atrai aventureiros, cinegrafistas. Mas o grande movimento sempre foi de pescadores.

"A crescente importância econômica do turismo é causa e consequência de sua ampliada necessidade de intervenção espacial. Para que o turismo – inserido na lógica de uma atividade econômica organizada – possa acontecer, faz-se necessária a criação de um sistema de objetos, que estão relacionados à locomoção de pessoas, à sua hospedagem, às suas necessidades de alimentação, capaz de atender à demanda de ações que lhe é própria". (CRUZ, 2001: p. 8)

Até meados da década de 1970, o Pantanal era destino, principalmente, de aventureiros, de cinegrafistas de programas de natureza e vida selvagem – do Brasil e também do exterior – e de jornalistas que elaboravam reportagens para publicações especializadas, nacionais e estrangeiras. Fora essas atividades, apenas a pesca amadora sempre foi o principal atrativo que trouxe e tem trazido milhares de turistas todos os anos à região.

Referente à denominação de pesca amadora, "para fins turísticos – de planejamento, promoção e comercialização de Turismo de Pesca, principalmente para o mercado internacional, utiliza-se o termo pesca esportiva." (Mtur – Ministério do Turismo, 2008).

Pescar no Pantanal, há décadas, sempre foi o sonho de nove entre dez pescadores brasileiros e de muitos estrangeiros também. Normalmente,

são viagens programadas com bastante antecedência, pois o custo é relativamente alto, a distância grande, entre outros tantos detalhes. A pescaria em si começa meses, às vezes anos antes do dia efetivo da partida. Conversando com vários praticantes do esporte, percebe-se que uma pescaria no Pantanal envolve ansiedade e expectativa em níveis consideravelmente maiores do que em outras situações, ou outros tipos viagens. Parece que, a partir do momento em que se marca a data, opiniões sobre a viagem, detalhes que faltam ser acertados, dúvidas e mais dúvidas, enfim, tudo conduz ao clima especial de véspera de um grande *happening*. Começa pela conferência do material – que não termina nunca – pois sempre será considerado insuficiente, motivo que fará o pescador correr várias vezes até sua loja preferida. Resolvido o problema da tralha, são checados os detalhes acerca de transporte, acampamento, hotel, pousada, ou barco-hotel. Mal se vê o dia de atingir o reduto dos corixos, das galhadas, dos poções, e de encontrar os tão cobiçados dourados, pintados, piraputangas e pacus.

O Pantanal sempre teve esse poder de atração. Segundo a Embrapa Pantanal (2008), a pesca esportiva apresentou um crescimento acentuado a partir da década de 80, principalmente no Mato Grosso do Sul, onde o número de pescadores esportivos gira ao redor de 57.000 por ano.

2.4

O turismo da pesca em Corumbá/MS

Embora rios como o Aquidauana e o Miranda tenham sempre apresentado notável estoque das espécies de peixes mais cobiçadas pelos pescadores esportivos e artesanais, como o Dourado, o Pacu e o Surubim (pintado ou cachara), entre outros, foi na região de Corumbá – no rio Paraguai – distante 305 km de Aquidauana pela BR-262, que a pesca esportiva teve seu grande impulso a partir do final da década de 1970. Conforme a Embrapa Pantanal (2008), em Corumbá, conhecida como a ‘Capital do Pantanal’, o setor turístico pesqueiro estruturou-se para oferecer hotéis e pousadas que se dedicavam exclusivamente à atividade da pesca esportiva o que incluía transporte, hospedagem, alimentação e serviços especializados, tornando-se um dos principais destinos dos pescadores esportivos. Segundo a Associação Corumbaense das Empresas Regionais de Turismo – ACERT, a cidade conta com uma estrutura de barcos para pesca amadora fluvial que é, provavelmente, a maior da América do Sul, empregando diretamente 4.568 marítimos, 219 funcionários na área administrativa e movimenta ainda, aproximadamente, 560 profissionais liberais para a manutenção das empresas e embarcações, tais como mecânicos, eletricitas, encanadores, costureiras, marceneiros, soldadores, pintores, entre outros. No período liberado à pesca – de março a outubro – são injetados no município cerca de R\$ 26 milhões.

Foto 68: Pescadores no rio Paraguai. Fonte: Arquivo, Prefeitura de Corumbá, maio/2005.

Outra opção diferenciada oferecida aos pescadores esportivos foi a 'invenção' dos Barco Hotéis que navegam pelo rio Paraguai e vizinhanças. O pioneiro foi Orozimbo Decenzo, o Zimbo, como é conhecido em Corumbá, que teve a idéia e lançou a Cabexy, uma embarcação grande, com muitas modificações e adaptações idealizadas para atrair o pescador esportivo. A aceitação foi grande: "Quando inaugurei a Cabexy, há mais de 30 anos, não havia nada parecido. Pra você ver, hoje, tem mais de 70 embarcações, só aqui na região", afirmou Decenzo. Todos os barcos hotéis seguem praticamente o mesmo procedimento. São fechados pacotes, normalmente entre cinco e sete dias. O número de pescadores varia de acordo com a capacidade da embarcação. Pelo pioneirismo, a Cabexy será usada como exemplo. Sua lotação é de oito pessoas. Parte de Corumbá rebocando

quatro barcos menores (6 m), equipados com motores de 25HP. Navega um trecho de aproximadamente 350 Km Rio Paraguai acima, até Porto Índio. É comum navegar durante a noite em direção aos pesqueiros. Chegando próximo aos locais de pesca, ancora, e então os pescadores, dois a dois, sobem nos barcos menores. Cada barco sai com um piloteiro que, invariavelmente, é um experiente pescador ribeirinho da região. A embarcação possui restaurante, quatro suítes duplas com ar-condicionado, TV, etc., além de 11 tripulantes.

Foto 69: Barco Hotel Cabexy. Fonte: Zimbo. Corumbá, julho/2004.

Foto 70: Restaurante. Fonte: Zimbo. Corumbá, julho/2004 .

Foto 71: Deck. Fonte: Zimbo. Corumbá, julho/2004.

Tabela 13 – A pesca esportiva no Brasil e no mundo

A pesca esportiva é uma das atividades de lazer mais praticadas no mundo e envolve diversos serviços relacionados ao setor turístico. Segundo a ASA- *The American Sportfishing Association*, ou, Associação Americana de Pesca Esportiva, a associação comercial do setor da indústria de pesca esportiva, existem atualmente no país 60 milhões de pescadores esportivos que geram mais de US\$ 45 bilhões em vendas no varejo, criando emprego para cerca de 1,2 milhões de pessoas.

No Brasil, o crescimento da pesca amadora tem sido vertiginoso nos últimos anos, transformando-se em uma indústria que movimenta anualmente milhões de dólares na produção e comércio (interno e externo) de equipamentos, no turismo, na indústria náutica, na aquicultura, na mídia especializada. É um mercado que cresce a uma taxa de 30% ao ano, gerando diversos empregos diretos e indiretos. Cerca de 200 mil pescadores estão devidamente autorizados a praticarem a atividade, porém a estimativa é de que existam mais de um milhão de pescadores amadores no país. (MPA/PNDPA - Ministério da Pesca e Aquicultura, 2008).

Abaixo está a nova Licença da Pesca Amadora obrigatória. É emitida pelo Ministério da Pesca e Aquicultura – MPA/PNDPA e tem os seguintes valores:

categoria desembarcada: R\$ 20,00; categoria embarcada: R\$ 60,00.

Aposentados e crianças com idade até 17 anos estão isentos da taxa.

Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA
Diretoria de Administração e Finanças - DIRAF

LICENÇA PARA PESCA AMADORA

Categoria:
☐ A - Embarcada ☐ B - Desembarcada

Dados Pessoais
Nome:

CGC/CPF

Endereço:

Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____

MOD. 11.B7

VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL
MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE

Fonte: ASA (E.U.A); MPA/PNDPA. Organização: José Fonseca, 2009.

Outro detalhe. A cota atual de captura por pescador é de 10 kg mais um exemplar. Além disso, existe uma legislação (IBAMA/PNDPA, 2008), que deve ser seguida à risca pelos pescadores esportivos. Ela diz respeito ao tamanho mínimo permitido para embarque de algumas espécies de peixe no pantanal. A não observação desta norma é considerada crime ambiental.

Tabela 14- Tamanho mínimo para captura - MS / MT

Nome	Medida mínima
Piraputanga	38 cm
Piavuçu	38 cm
Curimbatá	38cm
Pacu	45 cm
Dourado	55 cm
Barbado	60 cm
Cacharra	80 cm
Pintado	80 cm
Jaú	95 cm

Fonte: IBAMA. Organização: José Fonseca, 2008.

2.5

Aquidauana e o 'turismo de pesca'.

Continuando, Aquidauana sempre teve uma frequência constante de pescadores, mas, diferentemente do que foi apresentado em relação a Corumbá, as estruturas mais comuns oferecidas a estes são campings rústicos com infraestruturas básicas. Esses campings ficam localizados na margem do rio, normalmente em áreas das fazendas. A iluminação, primeiramente, era de lampião depois, a energia passou a ser produzida por gerador e atualmente a maioria possui luz elétrica. Quem acampa nestes locais – na maioria das vezes apenas homens – tem que levar praticamente tudo o que for necessitar; de utensílios de cozinha a mantimentos; material de higiene, barracas, lonas, sacos de dormir, etc. Os pescadores que freqüentam estes campings gastam, praticamente, apenas com diárias, gelo, combustível (nem sempre), iscas vivas e, ocasionalmente, com aluguel de barcos, pois muitos também levam os seus botes e motores de popa. Percebe-se que não se caracteriza então a atividade de turismo, como afirma Silva (1986), quando diz que os pescadores amadores, “erradamente confundidos com turistas”, que vêm a Mato Grosso do Sul, quase sempre chegam munidos de completo equipamento, apenas para pescarem. Ele continua dizendo que esse turista, na verdadeira acepção da palavra, não dispõe de uma estrutura nem roteiro onde ele possa pelo menos sair satisfeito. Além disso, afirma o autor, “não existe a desejada entrada de divisas, trazidas pelo turismo, uma vez que poucos são os que aqui vêm

fazer turismo. Há uma grande deficiência nesse setor.” (Silva, 1986: pp. 10, 11 e 12).

Nos acampamentos, ao partir, o pescador leva embora o peixe – em grande quantidade –, e deixa no local apenas lixo. Os valores cobrados são baixos e mal dão para sustentar as despesas do camping. Outro fator importante é que nestes acampamentos, o contato ou convívio com a natureza e os pantaneiros é mínimo. Não há o menor interesse em conhecer os saberes e fazeres dos pantaneiros e a sua interação com a natureza. As únicas atividades que realmente interessam são pescar (muitas vezes predatoriamente), beber, comer e dormir, não necessariamente nessa ordem.

Com a queda do estoque pesqueiro causada por vários motivos como pesca predatória além da própria pesca esportiva, entre outros, o que começou a provocar crescente diminuição no volume de pescadores, alguns fazendeiros da região de Aquidauana vislumbraram a possibilidade de incrementar em suas terras, um ‘novo’ tipo de turismo, o Ecoturismo, que despontava e que parecia estar, até certo ponto, pronto para ser iniciado, pois eles tinham a natureza, a fazenda, a pecuária, eram pantaneiros e como tal conheciam todas as especificidades e tradições do Pantanal: “Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, ‘únicos’.” (SANTOS, 1988: pp. 46, 47). E, além de tudo, tinham o Pantanal e sua exuberante paisagem, que, na definição de Santos (1988), é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança (...) Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores sons, etc.” (SANTOS, 1988: p. 61)

O ecoturismo poderia fazer com que Aquidauana, um lugar longínquo e praticamente desconhecido, passasse a ser conhecida e se integrasse ao mundo, pois, "o lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história (...)." (SANTOS, 1988: p. 35).

2.6

O Pantanal e sua exposição na mídia. Durante nove meses, seis dias por semana, o Pantanal foi mostrado no 'horário nobre'.

"A partir de terça-feira, sucuris, tuiuiús, cobras boca-de-sapo, piranhas, garças e araras passam a povoar a tela da rede Manchete, com a estréia de "Pantanal", às 21h30. A novela, escrita por Benedito Ruy Barbosa, usará a natureza como um dos seus personagens principais. (...) Com 70% das cenas gravadas no pantanal, os diretores tiveram à disposição uma fartura de imagens exuberantes." (FOLHA DE SÃO PAULO, Ilustrada – E5: maio, 1990).

Figura 1 – Capa da revista VEJA

Capa da revista 'VEJA', maio/1990. Fonte: Exemplar do autor.

"Algo de extraordinário está acontecendo na televisão brasileira, e não se trata da estréia de uma nova emissora ou da entrada no ar de um programa revolucionário. A programação das redes continua se apoiando no tripé básico de novelas, telejornalismo e filmes - salpicada pelos programas humorísticos, de auditório, seriados, shows e desenhos animados. A grande mudança está acontecendo na frente dos aparelhos de televisão. Na medida em que o tempo passa, fica cada vez mais claro que a novela Pantanal, apresentada pela Rede Manchete às 9 e meia da noite de segunda-feira a sábado, caiu definitivamente nas graças do público." (REVISTA VEJA, 1990: p. 54)

Em 1990, no dia 27 de março, foi exibido o primeiro capítulo da novela Pantanal. Exibida pela extinta Rede Manchete, foi um sucesso que marcou a televisão brasileira, atingiu elevados índices de audiência, o que provocou uma grande projeção do Pantanal na mídia. Até então, o Pantanal fazia parte de um turismo que se limitava praticamente ao de pesca, se é que se poderia chamar essa atividade de turismo em algumas regiões como já foi dito, e aparecia em alguns programas televisivos sobre natureza e em esporádicas reportagens de revistas especializadas.

A novela foi filmada integralmente no Pantanal do Rio Negro/Aquidauana. O resultado foi arrebatador. Durante os meses em que ficou no ar, atingiu picos de audiência que chegaram aos 44 pontos do Ibope, lembrando que, segundo o IBOPE* cada ponto representa 55,5 mil domicílios na Grande São Paulo. (MACHADO; BECKER, 2008), deixando para trás a poderosa e até então 'imbatível' Rede Globo, algo impensável para uma emissora estava acostumada a brigar apenas pelos segundo ou terceiro lugares com a Rede Bandeirantes e o SBT, atingindo em média, 12 pontos de audiência: "A

*IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

chamada 'síndrome do Pantanal' começa a acontecer em abril, um mês depois da novela estrear, quando os melhores índices do IBOPE começam a migrar da Globo para a Manchete." (MACHADO; BECKER, 2008: pp. 15 e 16). Os autores afirmam que o investimento feito pela emissora na novela, justamente no ano de 1990, não foi por acaso, pois esse foi o Ano Internacional do Meio Ambiente (da Ecologia) e que já era prevista a grande projeção que esse tema teria na mídia: "A ecologia advoga a defesa do meio ambiente e da qualidade de vida rende dividendos políticos, ocupa pautas da ONU* e de importantes reuniões internacionais e dá visibilidade a ideologias de diferentes grupos." (MACHADO; BECKER, 2008: p. 25).

Depois que o Pantanal foi mostrado durante meses ao Brasil e, em seguida, ao mundo – foi exibida em países como Itália, Rússia, Grécia, Estados Unidos, Bulgária e em toda a América Latina –, muitos turistas o descobriram e começaram a se interessar. Eram tanto do Brasil como de outros países. Queriam conhecer, mas, fora nos hotéis localizados nas cidades, praticamente não tinham onde se instalar no Pantanal. Paralelamente à novela, iniciou-se um *marketing* turístico direcionado ao Pantanal respaldado pelo sucesso que o folhetim apresentava. A propaganda turística, "considerada a atividade que influencia e se esforça em persuadir e habituar as pessoas a viajar, propondo-lhes motivos que despertem o desejo de conhecer um determinado local", (RUSCHMANN, 1995: p. 70), aumentou consideravelmente, fazendo com que o chamado 'turismo ecológico' começasse a deslanchar.

*ONU – Organização das Nações Unidas.

A demanda aumentou abruptamente e crescia sem parar. Foi quando proprietários de tradicionais fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado bovino da região estudada – Aquidauana – perceberam que poderiam aliar sua principal atividade - a pecuária - a um novo negócio, o turismo, ou melhor, ao ecoturismo.

Mas como fazê-lo? Tudo era novidade. Onde acomodá-los? Como recebê-los? Quanto cobrar? O que servir nas refeições? Enfim, como saber qual a demanda turística “que pode ser interpretada como a quantidade de bens e serviços turísticos que os consumidores desejam e estão dispostos a adquirir, por um dado preço e em um dado período de tempo.” (LAGE; MILONE, 2000: p. 26).

2.7

Fazenda São José. Tradição na pecuária, inovação com o ecoturismo.

Foto 72: Painel fotográfico. Peões da fazenda São José. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 73: Pannel fotográfico. Pousada Aguapé. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 74: Vânia Murano. Sem medo de desafios iniciou as atividades da Pousada Aguapé há vinte anos. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, julho/2007.

Em entrevista realizada em 2007, Vânia Murano, proprietária da Pousada Aguapé, conta que em 1990, começaram a montar a pousada em função da repentina procura que começaram a ter durante a exibição da novela Pantanal, na rede Manchete. “O pessoal das agências telefonava sem parar, perguntando se nós podíamos receber hóspedes na fazenda ou um era um amigo que ligava, querendo saber se podia levar algumas pessoas que estava recebendo de fora para conhecer a fazenda, etc. Isso começou a acontecer quase que diariamente. Foi aí que nós começamos a receber turistas”, disse. A estrutura era a própria casa sede da fazenda. “Ainda não tinha sido feito nenhum investimento específico até porque nós queríamos sentir como é que era essa coisa de turismo.” Ela conta que a única experiência que tinha era com o camping que tinham na margem do Aquidauana, aproximadamente cinco quilômetros rio acima do local onde moravam. Em meio a tantas dúvidas começaram a ser cada vez mais procurados por agências de viagem interessadas em montar pacotes turísticos, roteiros, etc.

“Mais do que inserir objetos nesses espaços, o turismo também se apropria de objetos preexistentes, mudando seus significados. Por exemplo, a casa de fazenda pode transformar-se em hospedaria/refeitório. (...) Áreas de cultivo antes destinadas apenas à produção, podem transformar-se em espaço para a atividade eventual de turistas que desejam participar, de forma ativa, da vida local”. (CRUZ, 2001: p. 20)

Em pouco tempo, a sede da fazenda alojava turistas. Peões que eram filhos, netos, de pantaneiros, que na sua maioria nasciam nas propriedades

pantaneiras e que tinham na lida com o gado o seu cotidiano histórico, viram-se incluídos em atividades de fora do seu dia-a-dia, como pilotar barcos, conduzir charretes, guiar passeios a cavalo com grupos de turistas, etc. Foram mudanças que chegaram em consequência do início das atividades turísticas nas fazendas. Mas, até que ponto estas novas tarefas ou atividades influiriam na tradicional cultura dos peões e dos fazendeiros? Negativamente? Ou seriam, pelo contrário, pontos positivos que colaborassem com a manutenção e difusão da cultura local?

Tendo em mente que a chegada do estranho pode comprometer a vida do Pantanal, pois o turista não vê o lugar como se fosse o 'lugar da vida', mas sim o 'lugar do exótico', com os estudos, pesquisas e entrevistas efetuadas, procurou-se saber se essa chegada do chamado 'turismo ecológico' estava preservando e contribuindo para uma espécie de valorização e manutenção da cultura local ou se, a autenticidade e a privacidade das populações visitadas poderiam estar se transformando num 'show vulgarizado', destruídas pelo turismo, (RUSCHMANN, 1995). Santos (1985) diz que a chegada desta nova atividade, aliada à antiga, criou também a possibilidade, nem sempre alcançada, da capacitação do capital humano já existente e também da apropriação de toda a estrutura local que, com as devidas adaptações, transformou-se em estrutura hoteleira.

Foto 75: A casa sede da fazenda São José hospedava os turistas no início do funcionamento da Pousada Aguapé. Todas as refeições também eram servidas nas suas dependências. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

De uma hora para outra começam a chegar turistas brasileiros e estrangeiros. Sinal dos tempos globalizados? Giddens, que no mesmo ano de exibição da novela lançava o livro '*As Conseqüências da Modernidade*', (*The Consequences of Modernity*), afirmava que a globalização podia ser definida "como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa." (GIDDENS, 1990: p. 69). Claval (1995), dizia que, no mundo atual, o progresso das telecomunicações permitia a difusão da informação pela imagem e pelo som em todos os pontos do planeta. "Graças aos transportes rápidos e baratos (...) os contatos nunca foram tão numerosos e os

mesmos produtos de consumo estão à venda em todos os lugares.” (CLAVAL, 1995: p. 10). O turismo chega definitivamente ao lugar. Seria bom? Ruim? Quais as consequências que traria? Mas, convenhamos, ele não apareceu ali por acaso. Se houver intenção contrária a sua presença, não se deve esquecer o que diz Yázigi (2001), quando pergunta: “Se o turismo merece reprovação, o que falar da esmagadora maioria de emissões televisivas espetaculares? (YÁZIGI, 2001: p. 277).

Interessante o comentário feito por Murano quando disse que “o início do turismo na região exigiu uma presença mais constante do proprietário, que retornou à fazenda. Quando era só pecuária, alguns fazendeiros moravam na cidade e só vinham para as fazendas de vez em quando, pois o acesso era muito ruim, não havia telefone, nem energia, só de gerador.” (Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2007). Parece haver aqui uma concordância quando Yázigi (2001), afirma: “Acordar para o turismo requer um fino trabalho de reconstrução e é por isto que vejo, nesta atividade, um belo pretexto de melhoria do próprio cotidiano. Só por isso o turismo já se justifica”. (YÁZIGI, 2001: p. 165).

Foto 76: João Ildefonso. Homem de visão, fazendeiro e pecuarista tradicional, foi o pioneiro na implantação do ecoturismo na região. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

João Ildefonso, fazendeiro tradicional na pecuária pantaneira e proprietário da Fazenda São José (Pousada Aguapé), conta que naquela

época (final dos anos 80) nem luz elétrica havia: “por aqui ainda não existia energia – só de gerador. Telefone, o acesso era muito precário”. Ele conta que três anos antes da inauguração da pousada eles começaram a ter experiências com o turismo, pois abriram um camping às margens do Aquidauana. “Mas era só pesca. Nós recebíamos pescadores de todos os cantos do Brasil”, disse. Mas, confidenciou João, – eu sempre achei o turismo de pesca muito extrativista. Continua contando: “Quando, em virtude da exibição da novela, começamos a ser procurados cada vez com mais frequência por agências de turismo ou mesmo por particulares interessados em passar uns dias na fazenda, decidimos, eu e minha esposa, começar a receber turistas em nossa casa, na fazenda. Foi aí então que inauguramos a Pousada Aguapé, que funcionava dentro na nossa casa. De lá pra cá, não paramos mais.” (Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2007).

A fazenda São José tem uma área de 5 mil hectares e aproximadamente 3 mil cabeças de gado nelore. O proprietário conta que apesar do sucesso com o turismo, não existe a menor hipótese em terminar com o gado. “A pecuária tá no nosso sangue; tá embrenhada na nossa cultura, na nossa tradição. Eu não consigo imaginar o Pantanal sem boi”. Yázigi (2001), parece concordar quando diz: “O que são fazendas sem cheiros de cavalo e vaca?” (YÁZIGI, 2001: p. 42).

Além disso, continua João, “tem todo o nosso pessoal que, antes de qualquer coisa, são pantaneiros de alma e coração”, afirmou. Ele conta que acha muito importante e que é a sua maior preocupação o fato de tomar o maior cuidado para nunca descaracterizar o lugar, nem as pessoas. “Se isso acontecer, tudo perde completamente o sentido”, diz. Mais uma vez o autor

Yázigi parece corroborar com este pensamento quando afirma: "Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar." (YÁZIGI, 2001: p. 45).

Referindo-se à geração de emprego pela atividade do turismo na fazenda, João Ildefonso relata que, se fosse só com a pecuária, para tocar a propriedade, bastaria ele, sua família e mais dois ou três peões. Se houvesse necessidade, nas épocas de pico, como vacinação ou brincagem, era só contratar diaristas e pronto. "Hoje, na pousada, eu tenho 17 funcionários fixos e, na época das férias, chego a ficar com 25 pessoas trabalhando."

Vânia Murano diz que a lotação da pousada é de, no máximo, 45 pessoas. "Aumentando a infraestrutura, poderia tranquilamente receber três vezes esse número, mas não tenho o menor interesse em aumentar a capacidade. Depois de tanto tempo trabalhando, e, principalmente, observando e aprendendo todas as especificidades que envolvem a atividade do turismo, chegamos à conclusão que esse número é o ideal, pois mantém uma movimentação razoável e, principalmente, causa o menor impacto possível, em todos os sentidos, aqui na fazenda".

O comentário de Murano vai de encontro ao pensamento de Yázigi, quando este afirma que "a estrutura de um lugar não pode ser eterna. Mas isto não significa que sua personalidade deva se perder, porque o homem busca a estabilidade do lugar." (YÁZIGI, 2001: p. 49).

Interessante também uma observação colocada pelo fazendeiro quando indagado sobre benfeitorias desejadas para a região. Ele foi categórico em afirmar: "asfaltar essa estrada? De jeito nenhum." Ele se referia à estrada que dá acesso à fazenda. Ela é de terra e fica a 54

quilômetros da BR 262, que sai de Campo Grande, passa por Terenos, Aquidauana, Anastácio, Miranda e, finalmente, Corumbá. Na época das chuvas, entre novembro e março, o estado desta estrada pode ficar bem ruim, fato que este autor já presenciou várias vezes. Mas, mesmo assim, até a precariedade da rodovia faz parte do 'pacote turístico'. Quando chegam os meses das grandes chuvas e cheias, há uma comunicação muito maior entre a fazenda e os veículos. É como um sistema de segurança. Por exemplo, se um taxi parte de Aquidauana trazendo turistas, antes de sair ele avisa a fazenda. Ele não sai enquanto não conseguir avisar alguém. Isto posto, ele segue viagem. Se o pessoal da fazenda sabe de antemão que determinado local da estrada está intransitável, eles já ficam ali esperando com um veículo apropriado, que vai pegar os turistas e levá-los em total segurança para a fazenda. Dali o taxi faz meia volta e retorna para a cidade. Mas, se por ventura, ocorrer um atolamento inesperado, o pessoal das fazendas sabe a localização aproximada de onde o veículo está, pois, esta estrada passa por várias porteiras de várias fazendas e termina praticamente no meio do Pantanal, ou seja, qualquer um que passar por ali, vai ajudar, ou, no mínimo, avisar rapidamente quem possa fazê-lo. Tudo no Pantanal parece ser meio diferente ou inusitado. Até as situações mais adversas. A seguir, imagens da infraestrutura principal da pousada Aguapé e algumas atividades oferecidas aos hóspedes:

Foto 77: Pannel fotográfico. Pousada Aguapé. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Foto 78: Painel fotográfico. Alguns passeios oferecidos aos hóspedes.
 Fonte: José Fonseca. Aquidauana, dezembro/2009.

Considerações finais

O ecoturismo poderia, de fato, ser menos agressivo ao Pantanal se comparado à atividade turística, digamos, convencional, ou, a de pesca? Os resultados da pesquisa demonstraram que sim, embora, pelas diferentes motivações e comportamentos do ecoturista, torna-se difícil a definição de um perfil único para o mesmo. Geralmente, os turistas desse segmento querem observar, participar, sentir, cheirar; conhecer o inusitado. Além disso, costumam ler muito sobre o destino antes de planejar a viagem, anotam perguntas e querem respostas dos guias e do pessoal que os atendem. Querem um tratamento personalizado.

Outro fator importante é o que se chama de Interpretação Ambiental, que se resume na arte de explicar o significado de um atrativo turístico, provocando o interesse e a atenção do visitante em relação à natureza e à cultura, às características do local, através de esclarecimento de dados e fatos que normalmente não são claros ao simples olhar. Interessante notar que esta interpretação ambiental parece ter estreita ligação com as atitudes tomadas pelos pantaneiros em relação aos turistas – mesmo que de maneira intuitiva – desde há 20 anos, quando se iniciou a atividade do ecoturismo na fazenda estudada. O pantaneiro, antes de tudo, tem muito orgulho do que é e tem plena consciência do que representa para o Pantanal. Na sua maneira simples e tranqüila de conversar e de agir

sempre demonstra isso. É fato: a principal necessidade do pantaneiro é 'ser' e não 'ter'.

O peão pantaneiro dá extrema importância ao respeito que o fazendeiro e os colegas têm para com ele, respeito esse conseguido através da sua experiência nos trabalhos de campo, pela sua lealdade, pelo seu compromisso, pelos ensinamentos que passa aos mais novos e inexperientes, etc. Ele preza pela rápida assistência que o patrão lhe presta por qualquer infortúnio que venha a ocorrer, (a ele ou a sua família, quando casado); e também à confiança nele depositada. Até pelo seu estilo de vida, que há muito tempo vem sendo moldado, desde a formação das primeiras fazendas de criação extensiva de gado bovino no Pantanal do Mato Grosso do Sul, praticamente, a posse mais importante, a que ele dá mais valor, é a sua montaria e os apetrechos, as 'traias' destas. O pantaneiro, na barra do dia, montado em seu cavalo, partindo para a lida com o gado nos infindáveis campos do Pantanal, é uma das imagens mais marcantes das fazendas.

Quando se observa e se vivencia repetidas vezes estas e outras muitas cenas tipicamente pantaneiras, percebe-se que elas são passadas com naturalidade aos turistas. Fazem parte do dia-a-dia do pantaneiro. Não são 'montagens cinematográficas' concebidas com intenção de atraí-los. Alguns podem até achar que se tornaram produtos turísticos. Pode até ser. Mas se isso aconteceu foi porque são reais e não fictícias; não foram fabricadas. Fazem parte de uma cultura há muito presente no lugar.

Sabe-se que, quando o turismo chega a um determinado lugar, de uma maneira ou outra, com maior ou menor intensidade, algum tipo de pressão exercerá sobre o meio ambiente e a comunidade local. No caso do

Pantanal, a mudança do ritmo parece estar mais exposta às interferências provocadas pela atividade turística. Como já foi dito, o pantaneiro tem um ritmo próprio, adaptado à natureza, que comanda o seu dia-a-dia. Resta saber se as fazendas do Pantanal de Aquidauana, pelas suas tantas especificidades, principalmente, pela força das suas tradições, conseguirão manter estas interferências provocadas pela presença constante de estranhos no lugar controladas, para que exerçam o menor nível de pressão possível.

No presente estudo de caso, onde se observou a relação turismo/tradição/cultura pantaneira, pôde-se perceber que existe um cuidado e uma preocupação dos proprietários da Pousada Aguapé no que se refere à manutenção, fortalecimento e divulgação da tradicional cultura pantaneira. O ecoturismo, aos poucos, vai tomando o lugar do turismo de pesca. Além de ser uma atividade lucrativa e geradora de empregos - o também que colabora com o desenvolvimento do município - o ecoturismo foi implantado de um modo que parece não ter afetado negativamente a rotina do pantaneiro, com todos os seus saberes e fazeres tão típicos.

Novamente, o pantaneiro tem orgulho do que é e não abre mão da sua cultura, da sua tradição. Ele tem prazer em mostrá-las. Este é o diferencial. Os turistas, cada vez mais, quando visitam o Pantanal, além da intenção de apreciar a fauna e a flora locais, vêm para conhecer, sentir, viver e conviver com os costumes marcantes e peculiares do pantaneiro.

Por outro lado, Aquidauana apresenta particularidades que a colocam numa situação privilegiada. A cidade parece ter nascido com uma predisposição ao ecoturismo. Seu povo hospitaleiro, os casarões, sua natureza, o Trem do Pantanal, uma culinária rica e variada, além de sua

cultura e tradição, manifestadas no dia-a-dia e nas diversas festas que acontecem durante o ano – em especial destaca-se o ***Festival Pantaneiro***, apontam para uma inclinação natural ao ecoturismo. Aquidauana tem todas as condições de mostrar como é que se pode e se deve fazer um verdadeiro ecoturismo no Pantanal; sem depredação e com a manutenção e valorização das suas ricas tradições, o que diminui consideravelmente o risco de haver uma desculturização no lugar.

Bibliografia

AB'SABER, Aziz Nacib. *Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*, 159 p., São Paulo / SP: Ed. Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Brasil: Paisagens de Exceção: O Litoral e o Pantanal Mato-Grossense: Patrimônios Básicos*, 184 p., Cotia / SP: Ed. Ateliê Editorial, 2006.

ALMEIDA, Fernando F. M. de; LIMA, Miguel A. de. *Planalto Centro-Occidental e Pantanal Mato-Grossense*, 171 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. União Geográfica Internacional/Conselho Nacional de Geografia; XVIII Congresso Internacional de Geografia, 1959.

AMÂNCIO, Cristhiane. *Pescador profissional artesanal: o perigo real da sua extinção*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2009.

ANTUNES, Emílio. *Folclore Pantaneiro*, 70 p., Cuiabá / MT: Ed. n/d, 2005.

BANDUCCI Jr., Álvaro. *A Natureza do Pantaneiro: Relações Sociais e Representação de Mundo no "Pantanal da Nhecolândia"*, 224 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2007.

BANDUCCI Jr e BARRETO, Margarita (Orgs.). *Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica*, 208 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 2001.

BARROS, Manoel de. *Gramática Expositiva do Chão*, 53 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Record, 2007.

_____. *O Guardador de Águas*, 64 p., São Paulo / SP: Ed. Art, 1989.

_____. *Poeminhas Pescados numa Fala de João*, 24 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Record, 2001.

_____, e outros. *Fragmentos da Alma Mato-grossense*, 150 p., Cuiabá / MT: Ed. Entrelinhas, 2003.

BARROS NETTO, José de. *A Criação Empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia*, 158 p., São Paulo / SP: Ed. Ed. Resenha Tributária, 1979.

BARROS NETTO, José de. *A Vontade Natural e o Pantanal da Nhecolândia*, 100 p., São Paulo / SP: Ed. Alfa-Omega, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Conseqüências Humanas*, 145 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*, 258 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Zahar, 2001.

BERTELLI, Antonio de Pádua. *O Pantanal, mar dos Xaraiés*, 102 p., São Paulo / SP: Ed. Siciliano, 1988

_____. *O Paraíso das Espécies Vivas. Pantanal do Mato Grosso*, São Paulo / SP: Ed. Cerifa, 1984.

BRANCO, Samuel Murgel. *Pantanal Mato-Grossense*, 64 p., São Paulo / SP: Ed. Moderna, 1997.

BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia Maria de Toledo. *Viagens à Natureza. Turismo, Cultura e Ambiente*, 150 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1997.

BRUM, Eron; FRIAS, Regina. *A Mídia do Pantanal*, 282 p., Campo Grande / MS: Ed. UNIDERP, 2001.

BRUNO, Ernani Silva. *As Selvas e o Pantanal: Goiás e Mato Grosso*, 314 p., São Paulo / SP: Ed. Cultrix, 1959.

CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. *Tradição e Ruptura. Cultura e Ambiente Pantaneiros*, 184 p., Cuiabá / MT: Ed. Entrelinhas, 2002.

CARVALHO, Carlos Gomes de. *Perfis Mato-Grossenses*, 110 p., Cuiabá / MT: Ed. Verdepantanal, 2002.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*, 530 p., São Paulo / SP: Ed. Paz e Terra, 2002.

CATELLA, Agostinho Carlos. *Levantamento do fluxo de pescadores esportivos para Corumbá, por Estado e por Cidade de origem, de 1999 a 2003*. Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2006.

_____. *O Monitoramento da Pesca no Pantanal do Mato Grosso do Sul*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, n. 07, p.1-4: 2001.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*, 453 p., Florianópolis / SC: Ed. da UFSC, 2001.

COMASTRI FILHO, José Aníbal. *Recomendações da Embrapa Pantanal para a Gestão da Pesca na Bacia do Alto Paraguai*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2009.

CONTEL, Fábio Betioli. *Os sistemas de movimento do território brasileiro, in O Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI*. Estudo de Caso. Pgs 357-374, 2006.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense*, 62 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1955.

_____. *Pantanaís Matogrossenses: devassamento e ocupação*, 170 p., Rio de Janeiro / RJ: IBGE; Conselho Nacional de Geografia, 1946.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira: O Sul de Mato Grosso, 1870-1920*, 244 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). *Paisagem, Tempo e Cultura*, 124 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. UERJ, 2004.

CORRÊA, Valmir Batista, *Fronteira Oeste*, 215 p., Campo Grande / MS: Ed. UNIDERP, 2005.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, 277 p., São Paulo / SP: Ed. Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Geografias do Turismo. De Lugares a Pseudo-Lugares*, 140 p., São Paulo / SP: Ed. Roca, 2007.

_____. *Introdução à Geografia do Turismo*, 107 p., São Paulo / SP: Ed. Roca, 2001.

_____. *Política de Turismo e Território*, 176 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2002.

CUNHA, Ayres Câmara. *Além de Mato Grosso*, 156 p., São Paulo / SP: Ed. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1974.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre Histórias e Tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 375 p., São Paulo / SP: Ed. Unesp, 2001.

FINKIELKRAUT, Alain. *A Derrota do Pensamento*, 158 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Paz e Terra, 1988.

Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia. *Tipos e Aspectos do Brasil*, 494 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Serviço Gráfico da Fundação IBGE, 1970.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*, 177 p., São Paulo / SP: Ed. UNESP, 1991.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*, 368 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*, 56 p., Campinas / SP: Ed Papyrus, 2008.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Mato Grosso do Sul: História dos Municípios*, 160 p., Campo Grande / MS: Ed: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

GUIMARÃES, Jorge Maia de Oliveira. *A Invasão de Mato Grosso*, 328 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Biblioteca do Exército, 1964.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e Ciência como "Ideologia"*, 149 p., Lisboa: Ed. Edições 70, 2006.

HEMPEL, Carl G. *Filosofia da Ciência Natural*, 142 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Zahar, 1974.

IANNI, Octávio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*, 319 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

IZZO JUNIOR, Alcino. *Paisagem Cultural Brasileira: Região Centro-Oeste*, 159 p., São Paulo / SP: Ed Terceiro Nome, 2001.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*, 202 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Francisco Alves, 1992.

KOHLHEPP, Gerd e outros. *Cadernos do Neru. Ambiente: Uma Abordagem Sócio-Econômica*, 224 p., Cuiabá / MT: Ed. UFMT – Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos, 1994.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de Geographie Humaine*, 327 p., Paris: Ed. A. Colin, 1921.

LACERDA, Regina (org). *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro. Estórias e Lendas de Goiás e Mato Grosso*, 320 p., São Paulo / SP: Ed. Literart, n/d.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. *Turismo, teoria e prática*, 376 p., São Paulo / SP: Ed. Atlas, 2000.

LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: Comitivas e Peões-Boiadeiros no Pantanal*, 223 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2003.

LINDBERG, Kreg; HAWKINS; Donald E. *Ecoturismo, um guia para planejamento e gestão*, 292 p., São Paulo / SP: Ed. SENAC, 1995.

LITTLE, Paul E. *Políticas Ambientais no Brasil: Análises, Instrumentos e Experiências*, 463 p., São Paulo / SP: Ed. Peirópolis, 2003.

MACHADO, Arlindo; BECKER, Beatriz. *Pantanal, a reinvenção da telenovela*, 146 p., São Paulo / SP: Ed. EDUC, 2008.

MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. *Turismo e Meio Ambiente no Paraíso das Águas*, 63 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 2003.

MARQUES, A. *Matto Grosso: seus recursos naturais, seu futuro econômico*, Rio de Janeiro / RJ, 216 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Americana, 1923.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul*, 100 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2002.

MARTINS Jr., Moisés Mendes. *Trancas e Tramelas. Contos do Cerrado e Pantanal Mato-Grossense*, 232 p., Cuiabá / MT: Ed. Futura, 2008.

MCCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso. A história do Movimento Ambientalista*, 224 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed: Relume-Dumará, 1992.

MEGALE, Januário Francisco (org). *Max. Sorre: Geografia*, 192 p., São Paulo / SP: Ed. Ática, 1984.

MENDES, Gilda Cristina Falleiros. *Conhecendo o Mato Grosso do Sul*, 103 p., São Paulo / SP: Ed. Ática, 1997.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Capitalismo, Geografia e Meio Ambiente*, tese Livre Docente. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP-São Paulo / SP, 2000.

_____. *Bases da Formação Territorial do Brasil: O Território Colonial Brasileiro no "Longo" Século XVI*, 432 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 2000.

_____. *Território e História no Brasil*, 198 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 2002.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *O que é Pantanal*, 77 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1990.

_____. *Pantanal, Homem e Cultura*, 155 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2002.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. *Agroindústria e Reprodução do Espaço*, 261 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2004.

OTERO, Léo Godoy. *O Caminho das Boiadas*, 210 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1958.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*, 282 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1991.

PÓVOAS, Lenice C. *História da Cultura Matogrossense*, 227 p., Cuiabá / MT: Ed. Resenha Tributária, 1982.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal. Gente, Tradição e História*, 168 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 1997.

_____. *Raízes do Pantanal*, 81 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Itatiaia, 1989.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*, 526 p., Bauru / SP: Ed. EDUSC; Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2004.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*. 154 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1965.

Revista Brasileira de ECOTURISMO. *Pescadores Profissionais Urbanos de Coumbá/MS e suas Relações com a Atividade Turística Sustentável* – MARIANI, M. A. P. ; AMARILIO, F. L.; ARRUDA, D. O., p. 205-238, São Paulo / SP. v.3, n.2, 2009.

Revista ECO TOUR. Matéria de Capa *Civilizações Pantaneiras*, Cuiabá / MT, 1998, nº 1, pgs. 41-47.

Revista FAMÍLIA AVENTURA. Matéria de Capa *Safári no Pantanal*, São Paulo / SP, 1999, edição 8, pgs. 24-37.

Revista FORMAÇÃO. Curso de Pós-Graduação em Geografia. Texto de Cleonice Alexandre Le Bourlegat, *Divisão social de trabalho, percepção de mundo e a origem da urbanização*, pgs. 5-30. Presidente Prudente / SP: – UNESP, 1997.

Revista GLOBO RURAL. Matéria de Capa: *Sob a Lei das Águas*, São Paulo / SP, 1997 – nº 144, pgs. 60-78.

Revista HORIZONTE GEOGRÁFICO. Matéria de Capa: *Pantanal, O mundo das Águas*, São Paulo / SP, 1998, nº 57, pgs. 16-48

Revista PESCA ESPORTIVA. Matéria de Capa: *Aquidauana, Porta de entrada do Pantanal*, São Paulo / SP, 1996, nº 4, pgs. 6-24.

Revista REPÓRTER-AJB. Matéria: *Pantanal*, Rio de Janeiro / RJ, 1990 – nº 1, pgs. 6-66.

Revista OS CAMINHOS DA TERRA. Matéria de Capa: *Pantanal, a vida selvagem sob ameaça*, São Paulo / SP, 1997, edição 65, nº 9, pgs. 52-71.

_____. Matéria de Capa: *Paisagens secretas do Pantanal*, São Paulo / SP, 1999, edição 85, nº 5, pgs. 44-55.

Revista VEJA. Matéria de Capa: *Como Pantanal está abalando a vida da televisão*, São Paulo / SP, 1990, edição 1129, nº 18, pgs. 54-60.

_____. Matéria de Capa: *A Descoberta do Paraíso*, São Paulo / SP, 1999, edição 1600, nº 22, pgs. 86-99.

Revista VIAGEM PELA GEOGRAFIA – *O Pantanal, Síntese Geográfica*, 1997, São Paulo / SP, 7ª edição, pgs. 1-48.

RIBEIRO, Renato Alves. *Taboco, 150 anos. Balaio de recordações*, 233 p., Campo Grande / MS: Ed. Prol, 1984.

ROBBA, Cláudio. *Aquidauana: Ontem e Hoje*, 147 p., Campo Grande / MS: Ed. Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1992.

ROCHA FILHO, José Fonseca da. *Olhar de Zagaia: Uma Viagem à Alma Pantaneira*, 131 p., São Paulo / SP: Editado pelo autor, 2005.

RONDON, J. Lucídio. N. *No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso*, 209 p., Cuiabá / MT: Ed. Viver Feliz, 1971.

_____. *Tipos e Aspectos do Pantanal do Mato Grosso*, 160 p., Cuiabá / MT: Ed. Nobel, 1972.

ROOSEVELT, Theodore. *Nas Selvas do Brasil*, 330 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1948.

ROSSETO, Onélia C.; BRASIL Jr, Antonio C. P., *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*, 167 p., Brasília / DF: Ed. UNB/UFMT, 2002.

RUSCHMANN, Dóris. *Marketing Turístico: um enfoque promocional*, 124 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1995.

_____. *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente*, 199 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1997.

RUSSEFF, Ivan; MARINHO, Marcelo; SANTOS, Paulo S. N. dos. (Orgs.). *Ensaio Farpados: Arte e Cultura no Pantanal e no Cerrado*, 232 p., Campo Grande / MS: Ed. Letra Livre/UCDB, 2004.

SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*, 110 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. UERJ, 1998.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, 96 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Garamond, 2002.

SADER, Emir (org). *Contragolpes: Seleção de Artigos da New Left Review*, 255 p., São Paulo / SP: Ed. Boitempo, 2006.

SANTIAGO, Benedito. *O Porquê de um Tratamento Diferenciado para Mato Grosso*, 109 p., Cuiabá / MT: Ed. Imprensa Oficial do Estado do Mato Grosso, 1984.

SANTOS, Eurico. *Peixes da Água Doce*, 267 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Itatiaia, 1981.

SANTOS, Joel Rufino dos e outros. *História Nova do Brasil*, 209 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1965.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*, 308 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 3ª edição, 1999.

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*, 124 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 1988.

_____. *Espaço e Método*, 88 p., São Paulo: Ed. Nobel, 1985.

_____. *O Espaço do Cidadão*, 142 p., São Paulo / SP: Ed. Nobel, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI*, 473 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Record, 2006.

SATO, Michèle. *Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso*, 209 p., Cuiabá / MT: Ed. KCM, 2002.

SGANZERLA, Alfredo; SILVA, Nelii Guimarães. *A Epopéia Terena*, 90 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 2004.

SILVA, Carolina J. da; SILVA, Joana A. Fernandes. *No Ritmo das Águas do Pantanal*, 210 p., São Paulo / SP: Ed. NUPAUB/USP, 1995.

SILVA, Denise Justino da. *Impactos Ambientais e Sócio-Econômicos no Pantanal*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2005.

SILVA, J.S.V.; ABDON, M.M, 1998. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, vol. 33, Brasília / DF: Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.

SILVA, Medson Janer da, *Índios da Etnia Terena. Agricultura Familiar no Pantanal de Aquidauana / MS: Limitações e Perspectivas de Desenvolvimento Sustentável*, Tese de Doutorado, 192 p., USP, São Paulo / SP, 2004.

SILVA, Miguel Viera da. *Mitos e verdades sobre a pesca no Pantanal Sul-Mato-Grossense*, 78 p., Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 1986.

SOARES, Maria Clara Couto (org.). *Entorno de Unidades de Conservação. Estudo de Experiências em UCs de Proteção Integral*, 112 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. FUNBIO, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*, 268 p., Petrópolis / RJ: Ed. Vozes, 2002.

_____. *Reinventando a Cultura. A Comunicação e seus Produtos*, 180 p., Petrópolis / RJ: Ed. Vozes, 1996.

SODRÉ, Néelson Werneck. *Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil*, 202 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Oficina de Livros, 1990.

_____. *Oeste: Ensaio sobre a Grande Propriedade Pastoril*, 206 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1941.

SOUZA, José Carlos C. *Geografia Regional: Centro-Oeste e Mato Grosso*, 202 p., Cuiabá / MT: Ed. Atalaia, 1995.

SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma Região: Pantanal e Corumbá*, 240 p., São Paulo / SP: Ed. Resenha Tributária, 1973.

TAUNAY, Visconde de. *Dias de Guerra e de Sertão*, 156 p., São Paulo / SP: Ed. Melhoramentos, 1927.

VALLE, Pedro. *A Divisão de Mato Grosso*, 227 p., Brasília / DF: Ed. Royal Court, 1996.

VANDONI, Rômulo. *Ao Longo do Araguaia*, 143 p., Cuiabá / MT: Ed. n/d, 1992.

YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar*, 304 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2001.

_____. *Civilização Urbana: Planejamento e Turismo*, 359 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2003.

_____. *Deixe sua Estrela Brilhar. Criatividade nas Ciências Humanas e no Planejamento*, 158 p., São Paulo / SP, CNPq, Ed: Plêiade, 2005.

_____. *Turismo: Uma esperança Condicional*, 190 p., São Paulo / SP: Ed. Global Universitária, 1998.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*, 239 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 1999.

ZIMMERMANN, Adônis. *Turismo Rural, um Modelo Brasileiro*, 67 p., Florianópolis / SC: Ed. do Autor, 1996.

Sites:

<http://www.pantanalms.tur.br>
<http://www.cpap.embrapa.br/pecuaria.html>
<http://www.assomasul.org.br/>
<http://www.cpap.embrapa.br/>
<http://www.mercadodecavalos.com.br>
<http://www.sema.ms.gov.br>
<http://www.mpa.gov.br/>
<http://www.repams.org.br>
<http://www.rppnbrasil.org.br>
<http://www.ibama.gov.br>
<http://www.criareplantar.com.br>
<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf>
<http://www.wttc.org/>
<http://www.unwto.org/index.php>
<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>
<http://www.riosvivos.org.br/>
<http://www.seprotur.ms.gov.br>
<http://www.turismo.ms.gov.br>
<http://www.semam.ms.gov.br/>
<http://www.braziltour.com/site/br/home/index.php>
<http://www.mma.gov.br>
<http://www.ibge.gov.br/home/>
<http://www.imasul.ms.gov.br/>
<http://www.corumba.ms.gov.br/>

Anexos

Glossário – Vocabulário Pantaneiro

ADOBE – Tipo de reboco feito com mistura de argila, areia, água e, às vezes, palha seca ao sol. É usado para barrear o rancho.

AGUADA – Água que se encontra nos campos. Água dos rios, corixos, baías, etc.

AGUAPÉ – Plantas aquáticas flutuantes, que unidas filtram e purificam a água.

AJOUJO – Cordinha colocada no chifre do boi, amarrada pela chifradeira.

ALÇAPREMA – Espécie de carreta, com rodas de diâmetros enormes e cabeçalho preso a eixo, usada para o transporte de toras grossas, levadas das matas às serrarias ou às sedes das fazendas.

ALGIBE – Reservatório de água.

ALMOCINHO – A primeira refeição do dia, constituída por arroz carreteiro, mandioca aferventada, farofa, chá, etc.

ALONGADO – Animal doméstico que foge para o mato e não volta.

AMASSADOR – Lugar onde o gado pernoita, ou descansa, o que faz com que o capim fique todo amassado.

À MEIA - Trabalho em sociedade; metade para um; metade para outro.

AMOJADA - Vaca prenhe, prestes a dar a cria. Mojada.

APEAR – Descer da montaria

APURAR – Aprontar-se para sair

ARANHA – Espécie de charrete com rodas como as da carreta, só que bem mais altas do que aquelas, razão do nome. Foram muito usadas na região do Paiguás.

ARREADO – Cavalo equipado com as “traias” de arreio, pronto para ser montado. Variantes: encilhado, equipado, aperado.

ARREAMENTO – Arreio; conjunto de peças que se usam para arrear o cavalo.

ARREAR – Colocar o arreio no animal de montaria. Variante: encilhar.

ARREIO – Aparelho de montaria, composto de três conjuntos de peças principais: peças de cabeça, peças de barriga, peças de garupeira. Existem vários tipos e marcas de aparelhos para encilhar o cavalo: libório, carumbé, bunda-de-pato, pingo-lindo, selim, cilhão.

ARRIBADOR – Vaqueiro encarregado de trazer de volta o gado que foge para o mato durante o trajeto da boiada. Variante: contra-culatreiro.

ARROZ CARRETEIRO - Arroz feito com carne seca ou carne oreada, cortada em pedaços miúdos. Embora de origem sul-rio-grandense, é hoje prato típico da cozinha sul-mato-grossense, principalmente na região pantaneira. Variantes: arroz-de-carreteiro, maria-pintadinha, maria chica, arroz com carne, carreteiro.

ASSENTO – Parte da cincha que fica sobre o arreio.

BABAÇU – Planta da família das palmeiras, que possui frutos drupáceos com sementes oleaginosas e comestíveis das quais se extrai um óleo empregado, sobretudo, na alimentação. É comum no Nordeste, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Palmeira de cujas folhas são feitas as coberturas dos ranchos beira-chão.

BACURI – Espécie de palmeira muito comum na região. Variante: acuri. Matéria-prima para um tipo de artesanato simples, praticado na região, principalmente pelos escassos descendentes dos guató.

BADANA (badrana, baldrana, baldana) – Peça de couro macio, usada sobre os pelegos. Faz parte das “traias” de barriga de arreio.

BAGUAL – Animal arisco e bravio, criado à solta, sem nunca vir ao mangueiro. Variantes: orelha, gado orelha, orelhano. Nota: os dicionários registram o termo bagual referindo-se ao cavalo. No Pantanal, emprega-se também em relação ao gado.

BAGUALEAÇÃO – Ato de bagualear, ou seja, pegar o gado bravo nos cerrados e campos abertos e trazê-los até o mangueiro. É atividade típica dos pantaneiros.

BAGUALEAR – Procurar o gado bagual e trazê-lo ao mangueiro e amansá-lo.

BAÍIA – Porção de água de formato arredondado, maior do que o corixo, e, geralmente muito limpa. Em alguns locais, da região as baías assemelham-se a miniaturas do mar. Lagoas de forma circular, elíptica, em crescente, periforme, ou irregular, dispersas na região.

BAIXEIRO – Manta de lã que, colocada debaixo do arreio, protege o animal. Faz parte do conjunto que constitui as traias de barriga de arreio.

BALSEIRO – Embarcação improvisada com três canoas pequenas para atravessar a tropa nos rios fundos que não possuem balsas nem pontes. O que arma e conduz a balsa.

BAMBOLIM – Espécie de franjas de couro que servem de tirador.

BANZEAR – Espreguiçar.

BARBATÃO – Rês criada no mato. Bravia.

BARBELA – Cordão de couro, pano ou barbante, cujas pontas são presas aos dois lados do chapéu, passando sob o queixo do vaqueiro, de modo a segurar o chapéu à cabeça. Variante: barbicacho.

BARRA – Foz. Desembocadura de um rio.

BARROTE – Peça de madeira ou de palmeiras, como carandá, bocaiúva, bacuri, usada para segurar as paredes do rancho.

BATELÃO - Tipo de canoa super-resistente, tocada à zinga e própria para suportar muitas toneladas de mercadorias. É um objeto em extinção.

BERRANTE – Instrumento feito de chifre de boi usado pelo ponteiro da comitiva para tocar boiada. É também utilizado na comunicação entre os boiadeiros.

BEIRA-CHÃO – Tipo mais simples de rancho provisório, construído com dois esteios, que sustentam a cumeeira, sendo que os caibros apóiam ao chão.

BIQUEIRA - Peça do arreamento animal. Presilha de rédea. Espécie de bernal ou capa de couro colocada no focinho do cavalo, por meio de uma cabeçada, para impedi-lo de comer ou pastar.

BITOLAS – Sulcos visíveis no chão, iniciados pelas rodas dos carros-de-boi e ratificados pelos veículos motorizados, que cruzam as terras pantaneiras.

BOCAIÚVA – Caule com que se fazem os barrotes e as paredes dos ranchos, principalmente, os de pau-a-pique. Palmeira de frutos comestíveis e caule de até sete metros de altura, encontrada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

BOCA DE SAPO – Bicho mais perigoso e temido nos pantanais. Cobra jararaca.

BOCAS – Saídas de lagos ou rios.

BÓIA – O que o peão come durante as refeições.

BOIADEIRA – Nome genérico dos condutores ou tocadores de boiadas.

BOIADEIRO – Comprador de gado para revender.

BOIEIRO – Espécie de navio, geralmente com dois currais superpostos, próprios para transportar boiadas, em longas travessias pelo rio Paraguai, ou de uma fazenda para outra. Variantes: navio-curral, navio-boieiro.

BOLA-PÉ – Travessia do animal na água, numa profundidade que por pouco não o obriga a nadar.

BOMBA – Pequeno canudo de metal que possui, numa das extremidades, um bojo crivado de furinhos e, na outra, uma parte achatada, por onde se chupa o mate ou o tereré, tomado em cuia ou guampa.

BORRACHÕES – Bolsas de couro que levam água nas viagens a cavalo.

BRETE – Corredor estreito, de madeira, nos currais de aparte, em que só cabe um animal de cada vez. É a parte do curral por onde passa o gado para curarem-lhe as feridas, sinalar, ferrar, vacinar, etc.

BROCHA – Correia torcida de couro, com que se abraça a garganta do boi cangado.

BROCOTÓS – Lama seca dos campos pantaneiros depois de muito pisadas pelo gado.

BRUACA – Surrão, sacola ou saco de couro, trazido por viajantes a cavalo. Tipo de caixas ou baús, revestidos de couro, assentados por meio de cangalhas, nos dois lados do animal de carga e onde se carregam as tralhas de cozinha e as bagagens dos peões das comitivas boiadeiras.

BUÇAL – Peça do arreamento que se coloca na cabeça e no pescoço do animal. Compõem-se de pescoceira, cabeção e cabo de buçal. É peça de cabeça de arreio.

BUNDA DE PATO – Arreio pequeno, bom de cômodo, usado em quase todas as fazendas.

BUZINA – Instrumento feito do chifre do boi, empregado para tanger o gado. Cada toque representa uma mensagem, decodificada pelos vaqueiros e boiadeiros. Variante: berrante.

CABAÇA – Vasilha feita do fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, usada como recipiente para tomar mate e até para beber água. Variante: cuia.

CABEÇADA – Peça de cabeça de arreio, que serve para segurar o freio à cabeça do animal.

CABEÇALHO – Vara do carro de bois, que, passando entre as mesas, prende-se à carga.

CABEÇÃO – Peça de cabeça de arreio. Tira de corda, com focinheira, que se coloca na cabeça do cavalo.

CABECEIRA – Vaqueiro que toma o lugar à frente da boiada, logo após o ponteiro. Numa boiada trabalham dois ponteiros, um, à direita, outro à esquerda do ponteiro. Variante: fiador.

CABO-DE-BUÇAL – Corda trançada, com presilha nas duas pontas. Peça de cabeça de arreio.

CABRESTO – Conjunto formado pelo buçal e demais peças que o compõem. É traia de cabeça de arreio.

CACIMBA – Cova ou buraco nas vertentes de água, nos terrenos úmidos, para fornecer água própria ao consumo doméstico ou as viajantes, à beira das estradas.

CACHAÇO – Porco doméstico que virou selvagem.

CAGÁ-DO-PATO – Primeiras horas do dia.

CAIAÇÃO – Ato ou efeito de cair, ou seja, passar uma mão de cal, misturada com água.

CAITITU – Engenho rudimentar para fazer farinha, movido à mão e formado de um cilindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas. Mamífero. Espécie de porco selvagem. Variante: catetu.

CALEFÃO – Corredor largo, para passagem das boiadas ao longo dos trajetos, nas estradas de chão.

CAMBÃO – Pedaco de pau que se dependura ao pescoço da rês arisca para impedi-la de correr. Vara que se prende à carga da segunda junta de bois ou ao cabeçalho da carreta.

CAMBARÁ – Árvore de madeira resistente à umidade, muito usada para a construção de canoas. Cobertura para os ranchos; telha de cambará. Planta

com propriedades medicinais, de cuja casca, queimada com açúcar, faz-se chá para curar a tosse.

CAMBOTA – Parte circular das rodas de carros que prendem os raios e na qual é fixado o arco.

CANASTRA – Caixa revestida de couro, onde se guardam os enxovais, as peças de roupa, os cobertores, etc. É peça em extinção.

CANCELA – Espécie de porteira enorme, de madeira, entre as invernadas, na mesma fazenda, ou permitindo o acesso de uma fazenda a outra. Geralmente, cada propriedade mantém um modelo de cancela.

CANCELEIRO – Peão encarregado de controlar as cancelas de ovo, onde se dá o aparte.

CANDEEIRO – Utensílio rudimentar; recipiente como o prato ou algo afim, no qual se coloca sebo e se enterra um pavio de barbante ou de pano, com que se obtém, acendendo o pavio, uma claridade fraca e vacilante. É peça em extinção.

CANGA – Jugo com que se unem os bois pelo pescoço, para puxarem, juntos, a carreta.

CANGALHAS – Objetos de madeira em que se sustenta e equilibra a cara das bestas. Instrumentos que se sustentam as bruacas dos cargueiros.

CANGAPÉ – Expressão regional que designa um tipo de luta, de brincadeira, realizada dentro dos rios, dos corixos, das baías.

CANTIL – Utensílio de alumínio, pequeno, usado para carregar água, nas viagens.

CANZIL – Cada um dos dois paus presos aos tirantes ou por baixo da canga entre os quais se mete o pescoço do boi e em cujas extremidades inferiores prendem as brochas.

CAPÃO – Porção de mato isolado do campo.

CAPATAZ DE COMITIVA – O chefe da comitiva de boiadeiros.

CAPATAZ – O administrador da fazenda. Variante: gerente.

CAPATAZ DE CAMPO – O responsável pelos peões campeiros; o que lhes passa as ordens do gerente ou do proprietário da fazenda.

CAPIM SAPÉ – Denominação genérica que se dá aos diversos tipos de gramíneas usadas para a cobertura de ranchos, de casas simples.

CARAJÁ – Maneador usado na doma de animais. Tipo de maneador comprido que, dobrado, se coloca na cabeça do arreio, para dar segurança ao cavaleiro.

CARGUEIRO – Burro ou besta que leva as bruacas e outros apetrechos que acompanham as comitivas de boiadeiros.

CARIBÉU – Prato feito com mandioca picadinha, na qual se juntam pedaços de carne, refogados com gordura e tempero.

CARONA – Condução gratuita. Tirar carona: montar pela primeira vez num animal bravo, bagual. Peça de barriga de arreio, feita de couro, usada sobre o baixeiro.

CARREIRADA – Corrida de cavalos em cancha própria. Variante: carreira.

CARRETEIRO – O que conduz a carreta.

CARRO DE BOIS – Meio de transporte usado para passeio ou condução de cargas pesadas. Meio de transporte, subordinado à tração animal, constituído por uma espécie de carroça reforçada, com cabeçalho grosso, puxada por duas, seis ou oito juntas de bois. Variante: carreta. A carreta é diferente.

CARUMBÉ – Arreio um pouco maior que o libório. O objeto é denominado pela marca.

CARVOTEIRO – Preguiçoso.

CASA GRANDE – Casa do patrão, residência dos proprietários das terras. Variantes: sede, casa sede, fazenda, firma.

CAVALO FOFADOR DE BLUSA – Cavalo corredor.

Chaira – Tipo de bainha de couro com um faca e um afiador. Acessório tradicional e indispensável usado pelos peões (vaqueiros) pantaneiros.

CHAIRADA – Objeto amolado na chaira.

CHALANA – Embarcação larga, maior que a canoa, geralmente coberta. Serve para transportar pessoas, cargas pesadas, mercadorias e / ou tralhas dos peões.

CHANGUEIRO – Pessoa que não tem trabalho fixo. Vive de changa.

CHAPÉU DE SELA – Vaqueiro ruim.

CHARQUEADA – Estabelecimento onde se prepara o charque.

CHATA – Embarcação de fundo chato, puxada por rebocadores e que suporta cargas pesadíssimas, como cimento, minério. São vistas no rio Paraguai.

CHAVEIROS – Vaqueiros que acompanham as grandes boiadas, na retaguarda, junto ao culatreiro.

CHAVETA – Peça de madeira ou de ferro que segura a canga à tiradeira, nos carros de bois.

CHICOTE – Nome genérico, na região, usado para vários tipos de látigos, com que se castigam os animais. Relho próprio para surrar animal redomão.

CHICULATERA – Vasilha usada para esquentar a água do mate quente. Dizem que quando a chiculatera vira, aquele dia vai ser de azar para o peão.

CHIFRADEIRA – Correia de couro que une um boi ao outro, pelo chifre, no carro-de-bois.

CHIMBUVA – Árvore da família das leguminosas, que tem o tronco muito grosso e a copa imensa e esgalhada. Sua madeira é pardo-avermelhada e macia. É a variante regional de tamburi.

CHIPA – Bolo assado, espécie de rosca feita de polvilho com sal, gordura, ovo e água ou leite.

CHIRIPÁ – Peça do vestuário de peões e vaqueiros que consistia num pano enrolado, da cintura para baixo, à imitação de calças. É um termo em vias de completa extinção, devido ao desaparecimento da indumentária.

CHOCOLATEIRA – Vasilha de lata, usada pelo peão, no galpão, para esquentar a água do mate-quente.

CHURRASCO – Pedaco ou manta de carne fresca, salgada e assada no espeto, geralmente num assador improvisado, que consiste num buraco, feito no chão, onde se acende o fogo. Sobre a boca do buraco colocam-se os espetos, feitos de galhos de pau. Prato preferido em Mato Grosso e Mato

Grosso do Sul, principalmente no Pantanal, embora seja, ao que tudo indica, herança gaúcha.

CHUVISCO – Tipo de retalho. O rabo-de-tatu de duas pernas.

CIMBRA – Espécie de porteira, feita de arame, amarrada em varas de paus roliços, denominados “balancim”. A parte imóvel prende-se ao poste da cerca por um pedaço de vara e se encaixa numa laçada de arame. Variante: colchete.

CINCERO – Campainha grande que se prende ao pescoço da besta que serve de guia às outras, nas tropas que acompanham as comitivas.

CINCHA – Faixa de couro que aperta o arreio. Constitui-se de quatro peças: barrigueira, assento, sobrelátigo, látigo. Usa-se, também, na região, por substituição metonímica, o termo barrigueira como sinônimo de cincha.

CINCHADA DO ORELHANO (chinchada ou orelhada) – Espécie de corrida com o animal para cercar o gado ou ainda para apostar uma carreira.

COCHO – Vasilha de rústica, geralmente retangular, feita de madeira, em que se põe comida e água para os animais.

COMITIVA DE BOIADEIRO – Grupo de vaqueiros que conduzem a boiada pelas estradas de chão.

CORDEIRA – Lugar onde se guardam as tampas das panelas. Consiste num barbante, cujas pontas são presas à parede com pregos. Variante: tampeiro.

CORDILHEIRA – Mata extensa que acompanha a margem dos rios; mata fraca que cresce nas partes mais elevadas e que serve de abrigo aos animais na época de enchentes.

CORIXO - Curso d'água que não resiste ao estio prolongado. Permanece, geralmente, coberto de aguapés, camalotes, orelhas de onça e outras plantas aquáticas da região.

COROTE - Recipiente para transportar-se água, espécie de barrilzinho de madeira. É um termo em desuso, devido ao desaparecimento do objeto.

CUIA - Recipiente feito do fruto madura da cuieira, usado para colocar a erva-mate, a água, introduzir a bomba, preparar e tomar o mate-quente. Variantes: porongo, cabaça.

CULATREIRO - O que conduz a boiada e viaja na culatra, na retaguarda da boiada; peão que vai no fim da comitiva. Variante: culateiro.

CUMEEIRA - A parte mais alta do telhado.

CURRAL - Encerra, cercada de madeira, onde se prende o gado para apartar, marcar, curar, vacinar, etc. Variante: Mangueiro.

CURRALZINHO - Espécie de minicurral de madeira, construído próximo ao disco, onde se prende a rês, que, vinda das invernadas, espera o momento de ser imolada. Variante: mangueirinho.

CURRUTELA - Pequeno povoado; vila. Pode significar também casa de prostituição.

DECOADA - Descida de água ruim.

DESCARTAR - Separar o gado que vai ser vendido, ou que volta às invernadas.

DESDOBRADO - Mistura de álcool com água, que serve para substituir a pinga, na falta desta.

DESENCILHADOR – Construção rústica, às vezes de material, de uma só peça, onde se encilham e desencilham os cavalos, e onde se guardam as “traias” de arreio. Variante: coreto.

DESTERNEIRAR – Desmamar (o bezerro).

DISCO – Círculo de cimento, com um palanque ou forquilha onde se realizada a carneada. Matadouro ao ar livre.

DIVULGAR – Enxergar.

DOMA – Amansamento de cavalo chucro ou bagual, a fim de que aceite o arreamento e o cavaleiro.

DOMAR – Ato de amansar o cavalo.

EMBUTE – Espécie de curral ou encerra um pouco menor do que o mangueiro. Variante: encerra, mangueiro de encerra.

EMPALIZADO – Rancho coberto de palha, de uma só peça, construído próximo à casa, onde se realizam bailes e roda de mate-quente ou de tereré, (hoje quase não existe mais).

ENCILHAR – Arrear o animal.

ENQUEIXAR – Diz-se do cavalo que toma as rédeas do peão e não mais obedece o cavaleiro, disparando assim até onde algum obstáculo o esbarre.

ERVA-MATE – Planta da família das quifoliáceas, cujas folhas têm grande valor comercial, para uso em chá e infusão. Produto industrializado, feito das folhas secas trituradas da erva-mate.

ESCORNAR – Dobrar o pescoço da rês a ser carneada, que, após sangrada, é posta numa posição semelhante de quem está sentado.

ESCOTEIRO – Peão que viaja sozinho e sem a tralha de viagem.

ESPEQUE – Cada uma das estacas que seguram o couro da rês, estirado no chão, para secar.

ESTALEIRO – Armação de madeira, tipo jirau, onde se coloca o couro de boi para secar.

ESTRIBO - Peça de metal, prata ou sola, presa ao loro, de cada lado do arreio. Faz parte das tralhas de barriga de arreio.

FIADOR – Peão que vai à margem da comitiva.

FOCINHEIRA – Peça que integra o conjunto das traíás de cabeça do arreio e passa sobre as ventas do animal.

FOFAR – Correr de medo. Fugir.

FOGÃO – Utensílio feito de barro ou de tijolos rebocados com barro ou cimento, onde se embute uma chapa de ferro. Na abertura, sob a chapa, coloca-se lenha para acender o fogo. Serve para cozinhar alimentos. Fogão de pau-a-pique, de cupim, de barro, de tijolos rebocados, cimentados. Fogão caipira, fogão de campanha.

FREIO – Peça de cabeça de arreio, que se liga às rédeas e prende-se à boca da montaria.

FUEIRO – Espécie de estaca delgada, para proteção da canga, que une os bois que puxam as carretas.

FUNDA - Atiradeira feita com uma forquilha de galho de pau fino, mas resistente, onde se prendem duas tiras finas de borracha, amarradas com barbante e em cujo bojo de couro se colocam as pedras a serem atiradas no alvo.

GALPÃO – Local onde se alojam os peões solteiros ou itinerantes; lugar onde são guardadas as tralhas de arreio e a bagagem pessoal desses indivíduos.

GARFO – Peça, geralmente de ferro, semelhante a um garfo ou forquilha, usada para controlar a entrada e a saída do gado no brete. Há bretes até com três garfos. Variantes: guilhotina, tesoura, escotilha.

GARUPEIRA - Conjunto de tentos no arreio, para amarrar o alforje, a mala de viagem, o poncho, o sapicué, etc.

GAÚCHO – Bonito, elegante.

GAVETA – Portão ou cancela, no ovo, por onde passa o gado apartado.

GRAXA – Gordura da rês, que, após derretida no fogo, é usada para temperar os alimentos e fazer sabão.

GUAIACA – Cinto de couro ou de camurça, provido de bolsinhos, que servem para guardar dinheiro, objetos miúdos e também serve para portar armas. Cinto de couro que se usa em viagem. Variante: cinto dobre.

GUAINO – Pessoa que monta o cavalo de corrida. Variante lexical: jóquei.

GUAMPA – Chifre da rês. Recipiente feito do chifre da rês, usado para preparar e tomar o tereré ou o mate frio.

GUANANDI – Árvore da família das gutíferas, de madeira lisa, usada na construção civil, em marcenaria e em carpintaria. Madeira com que se constroem canoas, batelões, etc.

GUARDA – Cada uma das peças de couro ou de lona, por onde os peões enfiam as pernas para protegê-las dos espinheiros, principalmente nos campos sujos e nos capões.

GUARIROBA – Espécie de palmito amargo; palmeira regional.

GUARITA – Espécie de casa de pau-a-pique, alta do chão, construída nos lugares baixos e alagadiços, sujeitos às enchentes periódicas.

GUATAMBU – Madeira de boa qualidade com que se constroem cabos de ferramentas agrícolas e canoas.

GUATÓ – Nação indígena exímia no manejo da canoa.

GUAVIRA – Fruto nativo da região de excelente sabor.

GUAXA – Tipo de chicote feito de um pedaço de pau, encapado de couro, com uma soiteira, para melhor segurança do peão, ao manobrá-lo.

GUAXO – Bezerro sem mãe. A vaca morreu ou ele foi rejeitado por ela.

GUIEIRO - O bagualeiro que serve de guia na bangualeação. Ocupa o lugar do ponteiro.

GUIZO – Tipo de sininho ou polaquinho, colocado no pescoço dos burros cargueiros. Variante: birro.

GURUPIARA – Casa de quatro águas, coberta de sapé, de palha de babaçu, ou de acuri.

IMBAÚBA – Nome vulgar de várias plantas da família das moráceas, do gênero Cecropia.

INVERNADA – Pastagem convenientemente cercada de arame, onde se deixa ficar o gado no pasto, para engordar ou para descansar e refazer as forças, depois de longas viagens.

JARARACA DE RABO BRANCO – Mulher briguenta.

JATOBÁ DO CAMPO – Árvore da família das leguminosas, comum nos cerrados, de flores vistosas e amarelas e fruto comestível.

JATOBÁ – Fruto do jatobá. Planta utilizada como remédio, na medicina popular da região.

JIRAU – Armação feita com varas e troncos para tocaiar animais. Armação rústica feita com varas que serve de armário e de prateleiras. Estrado rústico suspenso forrado com folhas de bacuri, para servir de coradouro de roupas, no quintal ou próximo às baías ou aos rios, onde se lavam as peças de roupas. Leito ou cama rústica usada nos ranchos de peões, onde recebe o nome de tarimba. Tipo de estrado suspenso, feito de varas, para servir de mesa. Do lado de fora da janela da cozinha, serve para colocar bacias e gamelas. É onde se lavam pratos e panelas.

JUNTA – Parelha de bois que puxam a carreta.

KADIWÉU – Nação indígena exímia na montaria do cavalo.

LAÇO – Corda trançada com quatro tentos finos, comprida, com uma argola na ponta, usada para laçar animais, no campo ou no curral.

LAMPARINA – Lâmpada pequena. Recipiente rudimentar feito de lata, de vidro, de zinco, onde se coloca o querosene e se introduz ou pavio de pano ou barbante, no qual se ateia fogo. Fornece iluminação fraca e muita fumaça.

LAMPIÃO – Recipiente menos rústico, que a lamparina, adquirido nas casas de comércio. Uma espécie de lanterna portátil ou fixa na parede.

LÁTEGO – Corda resistente que prende a barrigueira à argola do travessão. É peça de barriga de arreio.

LIBÓRIO – Espécie de arreio grande próprio para a doma quando de nº 112. Os de número 110 e 111 são mais fracos. A marca passou a denominar o objeto.

LÍNGUA DE COBRA – O mesmo que rabo-de-tatu de duas pernas. Tipo de relho comum no Pantanal.

LOCRO – Prato feito com pucheiro aferventado e milho; canjica.

LORO – Correia dupla que se liga ao arreio e sustenta os estribos. É peça de barriga de arreio.

LOUCÃO – Prato feito com mandioca aferventada, pucheiro e milho.

MACEGA – Campo com muito capim.

MALHADA – Rês que possui manchas de cores diferentes da de seu pêlo. Lugar onde o gado dorme.

MANEADOR – Pedaco de corda bem comprida usada para segurar o cavalo, para imobilizar rês brava, etc.

MANEIAS – Duas peças com argolas e presilhas, parecidas com um par de algemas, usadas para segurar o animal pelas patas dianteiras.

MÃO-DE-PILÃO – Peça de madeira usada para socar ou triturar qualquer coisa no pilão.

MARCA – Instrumento usado para inscrever, no pêlo do animal, o emblema da firma ou fazenda que pertence. Consiste num ferro (desenho ou emblema), com um cabo, também de ferro, que termina com revestimento de madeira, que é a parte onde o vaqueiro segura a marca.

MARIQUINHA – Espécie de fogão, feito com três paus cruzados, com um gancho no centro. Coloca-se sobre o fogão comum. Serve para esquentar água, para fazer frituras, etc.

MARRUÁ (baguá, bagual) – Boi bravo.

MATA BURRO – Ponte de travas espaçadas, de forma a impedir a passagem de animais. No Pantanal são construídas, comumente, à boca das cancelas.

MATE – Bebida quente feita com a infusão de folhas secas e pisadas da erva-mate. Era conhecida dos tupis, como estimulante, ao lado do tabaco e do guaraná. Variantes: mate-chimarrão, chimarrão, mate-quente, mate-amargo.

MATEADOR – Aquele que aprecia mate, que gosta de tomá-lo.

MATEAR – Tomar o mate.

MATULA – Alimento constituído normalmente de carne seca com farinha, levada no sapicuá, por quem viaja a cavalo, de carreta ou de carro, perfazendo longas distâncias. A rês que é abatida para o consumo, na fazenda.

MEEIRO – Peão que vai nas laterais da comitiva. Sócio; o que faz um trabalho em sociedade

MOCHO – Banco rústico, sem encosto, quase sempre forrado de couro de boi, usado por uma pessoa de cada vez, de assento redondo ou quadrado. Boi ou vaca sem chifres.

MONTURO – Amontoado de terra; elevação.

MUCHACHO – Cada um dos paus dependurados na parte da frente e na parte de trás da carreta, para equilibrá-la, quando parada.

MURUNDU – Amontoado de árvores. Montículo de terra ou areia.

NINHAL – Área onde centenas, milhares de aves fazem seus ninhos, na mesma época.

OVO – Encerra oval, situada na parte da frente do brete, onde ficam as gavetas. É onde realmente se dá o aparte.

PALANQUE – Esteio forte ou forquilha fincada no centro do disco de cimento e onde se amarra e imobiliza a rês, para sangrá-la. Variante: forquilha.

PANTANAL – A maior planície aluvial da América Latina. Estende-se por vários municípios do Estado e prolonga-se pelo Mato Grosso, adentrando-se, também em terras paraguaias e bolivianas. É tida como uma das mais promissoras reservas ecológicas do mundo. Inundável, em algumas áreas, pelas águas do Paraguai e seus tributários, na época das enchentes, não se constitui no lodaçal ou pântano a que o nome pode remeter. Referindo-se às diferentes localidades da região diz-se pantanais.

PARATUDO – Boi Gordo.

PARATUDO – Planta de largo uso na medicina popular da região.

PARELHEIRO – Cavalo tratado e cuidado para disputar corridas.

PARIDA – Vaca com cria nova, que acaba de dar cria.

PAU-A-PIQUE – Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barreadas. Também chamada de parede de taipa.

PEÃO - Aquele que trabalha nas fazendas, realizando os serviços do campo, a doma, o rodeio, a condução das boiadas, etc.

PEAR - Prender com peia.

PEGUAR – Tipo de faixa, colocada sobre a bandana para apertar todo o aparelho do arreamento. Também apresilha o laço. Variante: sobre-cincha.

PEIA – Pedaco de corda fina ou tira de couro que alguns vaqueiros usam na cintura, para utilizá-lo em caso de necessidade. Pedaco de corda ou tira de couro, usado para amarrar as pernas traseiras da vaca, no mangueiro, para tirar leite ou para pear gado bravo.

PEITEIRA – Peça de cabeça de arreio; é uma tira de couro, com argolas, cingida ao peito do animal. Antigamente, era uma das peças de enfeite da qual os fazendeiros se orgulhavam.

PELEGO – Peça feita de pele de carneiro com a lã tratada que serve para usar sobre o arreio, tornando o assento mais macio e confortável.

PELOTA – Embarcação improvisada, feita de couro de boi ou com o próprio poncho do vaqueiro, para atravessar suas tralhas de um lado ao outro do rio, baía, lagoa, etc.

PESCOCEIRA – Peça de couro trançado que segura o cavalo. Pertence ao conjunto de peças de cabeça de arreio. Variante: fiador.

PICANA – Ponta de ferro encaixada numa vara ou vara com um cinferro na ponta, usada para incentivar os bois lerdos. Variante: ferrão ou aguilhão.

PICUMÃ – Sujeira grossa que se junta no teto e nas paredes de cozinhas, provocada pela fumaça do fogão à lenha.

PILÃO – Espécie de taça ou vaso rústico feito de pau rijo, usado para descascar e triturar arroz, para socar milho e outros alimentos.

PILHETA – Recipiente feito geralmente de cimento, onde se colocam sal e / ou água para o gado.

PINGO LINDO – Tipo de arreio para serviço. Neste caso, como nos anteriores, o objeto, pelo processo metonímico, passa a ser denominado pela marca.

PIOLA – Qualquer pedaço de corda.

PIRAIM – Tipo de relho de couro cru. Pedaço de corda com argola e tala na ponta, usada pelos boiadeiros, na condução de boiadas. É a variante pantaneira de piraí, palavra de origem tupi. Variante: reador. Rabo-de-tatu, para muitos pantaneiros.

POLACO – O cincerro, depois de colocado no pescoço do animal. Tipo de cincerro menor, usado, quase sempre, pelo animal que serve de guia da tropa. Normalmente é usado como variante lexical de cincerro.

POLAQUEIRO - Madrinha da tropa. O animal que carrega o polaco.

PONCHO – Capa quadrangular, de lã grossa, com uma abertura no meio, onde se enfia a cabeça.

PONTEIRO – Peão que vai à frente da comitiva. É o chefe.

PORCO MONTEIRO – Porco doméstico que é capado e solto para ficar selvagem.

PORONGO – Tipo de vaso, com gargalo estreito e comprido; recipiente para colocar água, farinha ou outros produtos.

PORTEIRA – Portão, com uma tronqueira de cada lado da estrada e varas para fechar, usada à entrada das propriedades rurais ou para comunicação entre as invernadas.

PRAIA – Área, geralmente coberta de areia, nos arredores da casa sede.

PRAIEIRO – Peão que trabalha em volta da fazenda, realizando vários serviços a pé.

PRANCHA – Embarcação rústica e resistente, espécie de jangada, feita de improvisado, para travessia dos rios, nos lugares onde não há pontes nem balsas.

PRANCHAR – Esborrachar-se no chão, estender-se ao comprido. Cair de prancha (o cavalo).

PRATELEIRA – Tipo de estante ou tábua, onde se guardam os pratos, copos, panelas e outros objetos de cozinha.

PRENSA – Trave de madeira, grossa e larga colocada horizontalmente no arrocho das casas de farinha, ficando-lhe na parte superior o cocho, que recebe a massa e é perfurado embaixo, a fim de deixar vazar o suco da mandioca ralada. É um cocho rústico, com muitos furinhos, por onde saem a água e o polvilho.

PRESILHA DE RÉDEA – Argola solta dos dois lados do freio, onde se apresilha a rédea.

PUCHEIRO - Pedacos de ossos, descarnados, que são aferventados, com sal.

PUITÃ – Pala vermelha tecida em lã.

PURUNGA – Cabaça pequena usada para beber água.

QUEBRA-TORTO – Desjejum; café da manhã reforçado; refeição matinal com carne, arroz-de-carreteiro, café e bolo.

RABICHO – Peça de couro curtido, com argola e um tento, que, passando debaixo do rabo do cavalo, segura o arreio, impedindo-o de ir para a frente.

RABO-DE-TATU – Tipo de chicote feito de couro do lombo da rês. Corda trançada, assemelhando-se ao rabo de tatu. Há dois tipos de rabo de tatu: o de uma só perna, o rabo-de-tatu propriamente dito e o de duas pernas, também chamado de língua-de-cobra, chuvisco, piraim.

RANCHADA – Conjunto de ranchos que formam uma vilinha de peões.

RECOLUTA – Ação de recolher o gado extraviado no campo.

REDE – Peça comum no Brasil inteiro, feita de fios grossos entrelaçados, usada para sestar, descansar, dormir, etc.

RÉDEA – Peça de cabeça de arreio. Correia ou corda de couro, que se liga ao freio e serve para guiar o animal.

REDOMÃO – Cavalo recém domado que sofreu poucos repasses e ainda não está bem manso.

RELHO – Soiteira de ponta de piola, às vezes, trançada, própria para estalar, para surrar bois.

RETIREIRO – Quem mora no retiro.

RETIRO – Casa retirada da sede, onde vive o retireiro e se trabalha o gado.

RODADA – Queda do cavalo para frente, quando vai a trote ou a galope, no campo.

RODEIO – Local onde existe ajuntamento de gado.

SALADEIRO – Antigo nome dos estabelecimentos onde se preparava a carne seca (charque).

SALINA – Baía de água salgada, comum nos pantanais da Nhecolândia e do Rio Negro. É muito limpa e extensa.

SAPICUÁ – Espécie de bolsa ou saco, onde se carregam a matula, e os apetrechos para o tereré.

SELA – Arreio leve e prático, não precisa de pelego.

SELIM – Pequena sela rasa.

SERIGOLA – Tento que, em forma de argola ou pulseira, prende o chicote ou o relho ao pulso do vaqueiro, dando-lhe maior segurança. Variante: pega-mão.

SERINGA – Curral afunilado que dá acesso ao brete. Variante: embutinho.

SESTEAR – Descansar, tirar uma soneca após o almoço.

SILHÃO – Sela grande, com estribo de um só lado, usado, antigamente, para as mulheres viajarem, sentadas, de saia.

SINALAR – Cortar as orelhas do gado, segundo o modelo criado pelo fazendeiro e registrado no município, onde se encontra a propriedade. Cada tipo de sinal recebe uma denominação, como: ponta de lança, coice de porta, foice, martelo, martelinho, boca-de-lobo, flor, etc. Cada fazendeiro sinala seu gado com um corte característico, que torna possível o reconhecimento de suas reses nas redondezas.

SINUELO – Lote de gado manso habituado ao curral, e que se emprega como guia dos animais xucros. Boi manso que vai à frente da boiada.

SOBRELÁTEGO - Faz parte do conjunto de “traias” de barriga. Peça que prende o travessão da cincha à barrigueira. Variante: contralátego.

SOITEIRA – Látego do relho, pedaço de corda comprida. Atualmente, usa-se fazer a soiteira do piraim de fios de nylon.

SOLTEIRA – Vaca sem bezerro.

SONDEIRO – O bagualeiro que vai à frente, abrindo caminho para os demais integrantes da comitiva bagualeira.

SOPA PARAGUAIA – Bolo assado, feito com fubá de milho, queijo, cebola, leite e sal.

SUADOURO – Espécie de travesseirinhos ou almofadas embutidas em cada lado do arreio, na parte de baixo.

SUCURI – Réptil da família dos boídeos que vive nas regiões de grandes pântanos, na água dos rios, nas lagoas. Chega a medir 14 metros de comprimento. Cesto de forma cilíndrica, feito de folhas de palmeira, onde cai a massa passada na prensa, no fabrico da farinha e do polvilho.

TABOCA – Material que se coloca sobre os caibros dos ranchos. Matéria-prima para um artesanato simples, desenvolvido na região. O mesmo que bambu ou taquara. Tiras com que se amarram os barrotes, em alguns ranchos.

TACA – Tipo de chicote, encapado com sola, leve e prático, próprio para o uso do guaino ou jóquei.

TAIPA – Parede de madeira e barro ou de cal e areia.

TAPERA – Casa ou rancho abandonado.

TARIMBA – Tipo de cama rude e dura constituída por um estrado de madeira. No Pantanal, o estrado é assentado sobre quatro forquilhas, onde se colocam travessas de madeira, formando um jirau.

TENDAL – Construção rústica, feita com esteios e ripas de madeira, onde são penduradas as mantas de carne salgadas, para arear ou secar. É revestido de tela, para evitar o contato com insetos nocivos. Variante: varal.

TENTO – Cada um dos pedaços finos do couro, dependurados no arreio.

TERENA – A maior nação indígena atualmente no Pantanal. Bastante aculturada, vive em aldeias próximas a Aquidauana e Miranda.

TERERÉ – Bebida refrescante do Pantanal. É tomada com auxílio de bomba de metal, introduzida no centro do recipiente, onde se coloca a erva-mate e a água fria ou gelada.

TIRADEIRA – Corda trançada ou torcida que passa pelo buraco do cambão e é presa na chaveta, nas juntas de bois que puxam a carreta.

TIRADOR – Espécie de avental de couro, amarrado à cintura do vaqueiro e usado quando precisa laçar ou pear as reses. O tirador tem por arremate tiras finas e compridas chamadas bambolins, que vão dos quadris até os calcanhares, quando compridas. Variante: puxador, termo pouco usado na região.

TOLDA - Armação feita com vários arcos de taboca, cobertos por couro seco de gado, uma espécie de capota que recebe a carreta, protegendo cargas e pessoas.

TRALHA - Bagagem. É palavra de acepção abrangente, que abarca vários sentidos, como os termos coisa e negócio. Seu uso é generalizado não só no Pantanal como em todo o Estado, onde é conhecida como 'Traia'.

TRALHAS DE BARRIGA – Formam o conjunto de peças do arreio que se localizam à altura da barriga do animal, onde se coloca o arreio propriamente dito.

TRALHAS DE CABEÇA – Constituem o conjunto de peças que ficam na parte da frente, antes da cabeça do arreio.

TRALHAS DE GARUPEIRA – Conjunto de traia que ficam na parte traseira da montaria, denominada garupa.

TRAVESSÃO DE ARREIO – Peça que fica atrás da cabeça da frente do arreio, onde se colocam o loro e o estribo.

TREM – Tralha, bagagem, coisa.

TREMPE – Fogão improvisado sobre um arco de ferro, que se assenta sobre quatro pés, onde se colocam as panelas que vão ao fogo. Usado nos acampamentos ou nas viagens de condução de boiada. Vem sendo substituída pelo fogareiro.

TUBALCO – Mistura de álcool com tubaína para ser ingerida na falta de pinga.

VAQUEJADA – Uma quantidade de gado parado em um piquete ou em uma invernada.

VARADOR – Local onde atravessar o gado em um corixo ou em uma pequena lagoa.

VARAL – Arame esticado, onde se estendem as roupas para secar. Arame ou varas suspensas, onde se colocam as mantas de carne, para secar ou orrear. Varas suspensas, cobertas de folhas de palmeira, onde se põe a roupa para corar (quarar).

VAZANTE – Porção de campo em terreno baixo e úmido, temporariamente alagado, na época das cheias. Na região, a denominação vazante permanece mesmo que as águas sequem, no local.

VENTRACHA – Costela grande de peixe que se dá na alimentação das crianças para não se engasgar com espinhos.

VOADEIRA – Embarcação veloz, usada para passeios nos rios e baías.

VOÇOROCA – Valos produzidos pela erosão.

VOLTEADA – Atividade que se constitui em procurar o gado no campo para recolhê-lo ao curral ou para observá-lo, fiscalizá-lo.

ZAGAIA – Arma primitiva. Tipo de lança de ferro fixada num comprido cabo de madeira de lei. Era usada em caçadas de onça no Pantanal.

ZAGAIEIRO – É o antigo caçador de onças do Pantanal. Hábil no manuseio da Zagaia era pessoa respeitada por todos por sua coragem. A caçada era sempre realizada com o auxílio de cães. Quando ferida ou acuada, a onça lançava-se contra o caçador que a esperava com a lança escorada no solo.

ZINGA – Vara comprida, de que se servem os canoeiros para vencer a força da correnteza, quando não basta a ação dos remos. Remo usado como leme na popa da canoa ou jangada. Vara de quatro a cinco metros, com a ponta de metal, utilizada pelos puxadores de zinga, ou seja, pelos pilotos dos batelões.

(Fonte: Nogueira, *Pantanal: Homem e Cultura*, 1990; Godoy, *O Caminho das Boiadas*, 1958. Organização: José Fonseca, 2009).